

detritico torna alguns pontos inacessiveis a esta observação.

A' vista da summaria e preliminar descripção, que acabou de fazer, auxiliada pela sciencia e conhecimento pratico que haja da estrutura geologica d'esta parte do nosso paiz, tractarei de averiguar o grau de probabilidade que ha de se encontrar carvão mineral no districto da Bairrada, atravessando o calcareo do Lias, e o gres bigarré.

A investigação *à priori* do carvão é uma das especulações mais arriscadas, que se pode emprehender, quando as presumpções da sua existencia não são garantidas por condições manifestadas pela composição e forma dos terrenos ao alcance da observação, e em harmonia com os principios mais seguros, como succedeu ha poucos annos, quando se pretendeu achar o prolongamento da bacia carbonifera do norte da França debaixo da formação cretacea das visinhanças de Paris; o districto da Bairrada ao norte do Mondego está em condições muito diversas, e segundo minha opinião (que tambem é a do Sr. Dr. F. A. P. da Costa) está no caso de se deverem emprehender trabalhos para encontrar o carvão (como se está fazendo); as razões ou principios, em que me fundo, são os seguintes:

1.º O districto da Bairrada comprehende uma parte do limite dos terrenos secundarios medios, e a passagem d'estes aos fossiliferos primarios; porque para E. e NE. é cercada d'altas collinas de schistos crystallinos, que se estendem até aos granitos do centro da Beira nas visinhanças das Serras da Estrella e Caramulo, e que teem servido de barreira ao Oceano nas differentes epochas geologicas, desde os fossiliferos primarios, e concorrido para que esta porção do paiz contenha os limites de todos os stratos visiveis, e por consequencia torne muito mais accessivel aquelles, que se pretendem investigar, e cujos topos (*affleurements*) não existem, ou cuja existencia é presumida. Ora como foi nos declives e proximo ás montanhas primitivas, que tiveram logar os depositos de carvão e juncto a estas debaixo das formações inferiores do oolite, ou acima dos schistos de trilobites, é que elle deve ser procu-

rado; claro está que n'esta bacía se verificam as duas essenciaes condições, que a geologia prescreve para a investigação *à priori* do carvão.

(*Continúa.*)

---

## REVISTA DOS JORNAES.

MARÇO DE 1853.

**Assucar na urina dos epilepticos.** — Segundo os Srs. Michéa e Alvaro Reynoso, existe assucar na urina dos epilepticos depois dos ataques. Para o descobrir é indispensavel seguir á risca o seguinte processo: tractar a urina pelo acetato de chumbo, que precipita as materias organicas, e depois pelo carbonato de soda que precipita o acetato de chumbo; concentrar a urina; ajunctar-lhe o liquor de Barreswill, e ferver.

**Iodoforme como desinfectante.** — O Sr. Righini emprega o iodoforme como anticeptico para purificar o ar das enfermarias, das casas de dessecções, das fabricas, &c.; para privar de cheiro as substancias que principiam a putrefazer-se, para conservar os humores sem que se corrompam, e para retardar os progressos da phtisica. Usa-se de quatro modos; ou em po, ou em divisão na agua, ou no ether, ou por meio de folhas de papel parado em que elle está unido a uma mucilagem feita com amydo e agua na proporção de 6 gram. de iodoforme para 16 gram. de amydo. Estas folhas de papel, empregnadas de amydo iodoformisado, podem estender-se em qualquer logar á acção do ar, que lentamente vaé fazendo desinvolver o iodoforme.

**Liquido hemostatico.** — Está-se usando muito, algures, a *tinctura d'almecega* como poderoso hemostatico. Emprega-se molhando n'ella um pincel e tocando com elle os pontos que sangram.

**Noz de galhas contra as queimaduras.** — Parece que se consegue fazer abortar a supuração que resulta das queimaduras com a seguinte pomada:

Noz de galhas em po finissimo.... 1 oitava,

Banha..... 1 onça.

Misture.

**Cobre nos extractos.** — E' provavel que todos os extractos, que vem do commercio, tenham cobre, proveniente dos vasos em que são preparados. O Sr. Orman encontrou, ha pouco, este metal no extracto de ratanhia.

**Acido sulphurico nos liquidos organicos animais.** — Recommendâmos muito a seguinte observação que o Sr. Morin communicou á Academia de Rouen. Quando uma substancia organica animal está em contacto com o acido sulphurico, e apodrece, o ammoniaco, que se forma pela putrefacção, satura o acido e torna-se impossivel verificar a sua presença pelos reagentes. Para evitar este effeito, que pode difficultar as indagações medico-legaes, convém conservar as substancias dentro de alcohol, que impede a formação do ammoniaco. Exporemos tambem o processo que o Sr. Morin seguiu para verificar a presença do acido sulphurico no liquido contido no tubo intestinal de um cavallo, envenenado com este acido. Depois de addicionar o alcohol, que precipitou todas as materias organicas com os phosphatos e sulphatos contidos nos liquidos, filtrou estes, e junctou a *agua de baryta* que deu origem a um precipitado de sulphato de baryta insolavel na agua distillada e no acido azotico puro. Misturou o precipitado obtido com o carvão em po, e introduzio-o em um tubo de fusão, lutado com argilla, e calcinou; o residuo que ficou deu, com o acido chlorhydrico, cheiro d'ovos podres, e deixou depositado o enxofre, que fazia parte do acido.

**Nodons causadas pelo acido sulphurico sobre os vestidos.** — Este processo, que tambem é do Sr. Morin, parece-nos facil e concludente. Introduz-se em uma pequena retorta o liquido alcoholico, que se suspeita ter acido sulphurico (pode ser o em que se ferveram os tecidos manchados pelo mesmo acido) com carvão em po em quantidade tal que faça uma pasta molle, ajuncta-se ao

collo da retorta um tubo puxado em ponta á alampada, o qual entra em uma mistura de acido iodico e d'hydra-to d'amydo feito de pouco tempo. Aquecida a retorta, o alcohol volatilisa-se e o acido sulphurico decompõe-se em acido sulphuroso, que, em presença do acido iodico e do amydo, manifesta uma intensa côr azul.

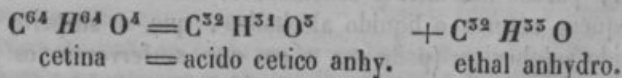
**Um homeopatha.** — Em Paris um homeopatha foi condemnado a pagar 160\$000 réis de condemnação; á perca dos direitos civis por cinco annos; e a dar de indemnisação a um certo Moreaux 960\$000 réis; tudo por *escroquerie*. Celeste Vallet, rapariga sua cumplice, foi condemnada a seis mezes de prisão. Um outro ha pouco tempo pagou tambem 160\$000 réis. Por cá as auctoridades chamam aos charlatães = *facultativos* =.

**Xarope de maçãs de cypreste.** — O Sr. Sylva, Pharmaceutico em Bayona, propõe no tractamento de diversas formas de diarrhea, e principalmente na sanguinolenta, o seguinte xarope:

Maçãs de cypreste frescas e contundidas. . . . .	250 gram.
Agua fervendo. . . . .	750 „
Xarope commum. . . . .	1000 „
Alcohol. . . . .	60 „

Infunda as maçãs na agua por 24 horas, cõe, filtre o infuso, e ajuncte-lhe o alcohol, e misture com o xarope convenientemente concentrado.

**Composição do espermaceti (cetina).** — O Sr. Chevreul, que foi o primeiro Chymico que analysou o espermaceti, considerou-o formado pela combinação do ethal com os acidos margarico e oleico. Depois o Sr. Smith reputou-o formado pela combinação do acido ethalico e ethal, e assim vem considerado na monumental obra do Sr. Guibourt. Esta composição era representada da seguinte maneira:



Ha muito pouco tempo o Sr. Heintz reconheceu que a



composição do ethal é mais complexa, e que saponifican-  
do-se dá uma serie completa d'acidos gordos. O proces-  
so pelo qual o Sr. Heintz chegou a reconhecer isto pode  
vêr-se no *Journal de Pharmacie et de Chimie de 1852*, to-  
mo XXII., pag. 471. Daremos so á composição do es-  
permaceti (cetina) que elle considera como contendo com-  
binações conjugadas d'ethal com os acidos margarico, pal-  
mitico, cetico, myristico, e cocinico, e cuja constituição  
se representa pelas seguintes formulas:

1. Margéthál = margarato d'oxydo de  
cetyla.....  $C^{54}H^{55}O^5, C^{52}H^{55}O$ .
2. Palméthál = palmitato (\*).....  $C^{52}H^{51}O^5, C^{52}H^{55}O$ .
3. Cetéthál = cetato .....  $C^{50}H^{29}O^5, C^{52}H^{55}O$ .
4. Myristéthál = myristato.....  $C^{22}H^{27}O^5, C^{52}H^{55}O$ .
5. Cocéthál = cocinato.....  $C^{26}H^{25}O^5, C^{52}H^{55}O$ .

Além d'estas combinações, o ethal parece conter uma  
pouca d'oleina proveniente do oleo em cujo centro se for-  
ma. Julga o Sr. Heintz que no organismo dos cetaceos  
o primeiro acido gordo, d'esta serie, que se forma, é o  
acido stéarophanico (o que abunda mais em carbono) e que  
pelo acto da respiração se converte em outros menos ricos  
em carbono e hydrogenio.

**Chuva vermelha em Reims.** — « Pelo meado de  
Agosto, ás 6 horas da manhã, depois de quinze dias de  
secca e calor, cahiu em Reims uma chuva vermelha, que  
deixava precipitar nos vasos, em que era recebida, uma  
substancia semelhante ao sangue ou a um oxydo metallico  
rubro. O Sr. Bourg, que observou este phenomeno, enviou  
ao Sr. Janin uma garrafa d'aquella agua, que foi examinada  
pelo Sr. Cahours, e eis ahi o resultado da sua analyse. As  
materias em suspensão continham uma mistura de globu-  
los esphericos organisados, que pareciam esporulos de co-  
gumelos, com animaculos da classe das monadas, verme-

(\*) A formula que damos do palméthál:  $C^{52}H^{51}O^5, C^{52}H^{55}O$  bem  
como a do cetéthál:  $C^{50}H^{29}O^5, C^{52}H^{55}O$ , differem das que publicou o  
Sr. Wurtz; a primeira n'um atomo de hydrogenio no acido, e a segunda  
n'um atomo de carbono na base porque nos parece que houve erro d'im-  
preza.

Souza Telles, Junior.

lhos no centro, com dous ou tres cilios contractis. Uma porção da mesma agua foi apresentada á Academia de França, e o seu exame, encarregado a uma Commissão, composta do Sr. Milne-Eduards, Pelouze, Decaisne, e Quatrefages. » Este phenomeno, cuja noticia extrahimos do *Instituto de Coimbra*, não é novo; desde muito tempo se conhecem as *chuvas de sangue*, *chuvas de cinza*, *chuvas d' enxofre*, e *chuvas de manná*. E' provavel que o manná, que serviu de nutrição aos Israelitas no deserto, tivesse a mesma origem. As chuvas arrastam ás vezes substancias mineraes mui atennadas, que o vento levantou da terra, ou pollen de differentes plantas, e diversamente corado, que andava suspenso no ar, e arremessam-o a diversas partes. Em 1827 Thenard reconheceu que a chuva de manná cahida na Persia, era um pequeno lichen; e Baüer teve occasião de reconhecer que as *neves vermelhas*, que teem cahido em diversas localidades, são coradas por pequenissimos cogumelos do genero *uredo*.

**Honras bem merecidas.** — O Sr. Dr. José Maria Grande foi proposto para Socio Estrangeiro na Academia de Medicina de Paris, por uma Commissão da mesma Academia. No primeiro de Março d'este anno, em que a votação teve logár, obteve 27 votos. O Governo portuguez acaba de condecoral-o com a Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e de elevál-o á dignidade de Par do Reino.

**Residuo da preparação do laudano.** — O Sr. Bequet fez experiencias para determinar se o residuo d'opio, que fica da preparação do laudano, tem ainda morfina, e em que quantidade. Achou que contém (segundo uma analyse que fez)  $\frac{1}{2}$  por 100 de morfina em o residuo; o laudano tinha sido preparado pelo processo do Codex. Em consequencia propõe dividir o vinho, que se deve empregar, em duas porções e submetter o opio a duas macerações.

Sousa Telles, Junior.



## PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 456, de 24 de Fevereiro de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Pelas sete horas da noute foi aberta a sessão, lida e approvada a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretário participou haver fallecido o nosso Consocio o Sr. Theotónio Lopes d'Oliveira Velho, de Thomar. — A Sociedade recebeu com profundo sentimento esta noticia.

O mesmo Sr. consultou a Sociedade sobre a resposta que se deveria dar ao nosso Consocio o Sr. Carvalho, de Villa-Nova de Gaya, ácerca da sua proposta que tem por fim pedir-se a modificação do Art.º 131.º do Decreto de 29 de Dezembro de 1836.

O Sr. Corrêa disse que a Sociedade, na sessão passada, tinha adoptado, no seu Projecto de Reforma, o pensamento d'aquelle nosso Collega, com pequena modificação; e que não tinha por em quanto logar solicitar-se do Governo providencias a este respeito, por ser da competencia das Camaras Legislativas.

Consultada a Sociedade sobre este objecto, approvou a opinião do Sr. Corrêa.

Continuando a discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos, foi approvedo o Art.º 21.º

O Art.º 22.º entrou em discussão, e o Sr. Pereira foi d'opinião que, no fim do 2.º anno do Curso, não fossem obrigados os Alumnos a fazerem exame das Disciplinas de cada uma das Cadeiras da Eschola, mas somente o exame geral; e que julgava outro sim desnecessaria a certidão dos dous annos de practica, por dever constar do livro de registro das matriculas.

O Sr. Rodrigues mostrou que era uso, nas nossas Es-

cholas d'Ensino Superior, fazer-se exame de cada uma das especialidades, e finalmente o examê geral; e que por tal motivo não havia razão para se deixar de approvar o Art.º

O Sr. Telles Senior fez vêr que a opinião do Sr. Pereira, pelo que respeita á inutilidade da certidão dos dous annos de practica, não era racional; não so porque d'ellas proveem certos emolumentos para a Eschola, mas tambem porque o livro de registro não deve sabir da Secretaria.

O Art.º 22.º foi a final approvedo como se achava no Projecto.

A'cerca do Art.º 23.º o Sr. Corrêa foi de voto que, para o exame geral, se não deviam exigir as provas por escripto, nem tão pouco a lição oral que a Commissão propõe.

O Sr. Telles Senior fallou extensamente sobre este assumpto, combattendo a opinião do Sr. Corrêa.

O Sr. Rodrigues sustentou o Art.º do Projecto, por não se conformar com a alteração emittida pelo Sr. Corrêa.

O Sr. Telles Junior impugnou tambem as provas por escripto, defendendo as oraes.

O Sr. Rodrigues disse que não achava inconveniente as provas por escripto, por ser adoptada por quasi todas as Escolas.

O Sr. Corrêa continuou a oppôr-se ás provas por escripto e á lição oral; e propoz que se deixasse para o Regulamento da Eschola, feito pelo Conselho e approvedo pelo Governo, o determinar as formas dos exames.

Esta proposta do Sr. Corrêa foi submettida á votação, e approveda.

A's nove horas e meia da noite annunciou o Sr. Presidente a Ordem do Dia para a sessão seguinte, e fechou a presente.

*Manuel Vicente de Jesus,*

2.º Secretario.

## SAÚDE PUBLICA.

Experiencias comparativas feitas com o hydrato de magnesia, e o hydrato de sesquioxydo de ferro, como antidotos do arsenico; pelo Sr. M. K. D. Schroff.

O Sr. Schroff quiz, por uma serie d'experiencias, verificar a efficacia do hydrato de magnesia como antidoto do acido arsenioso, proposto pelo Sr. Bussy, e comparar a sua acção com a do hydrato de sesquioxydo de ferro.

Preferio os coelhos para objecto das suas experiencias, por isso que não tendo a faculdade de vomitar, se prestam, melhor que outros quaesquer animaes, á observação dos accidentes que resultam do envenenamento. Antes de os submitter ás experiencias, privou-os d'alimento pelo espaço de 16 a 18 horas, e depois d'este periodo, e por meio d'uma sonda elastica, introduzio-lhes, directamente no estomago, o veneno, e o contraveno, conservando ainda os animaes 5 a 8 horas sem alimento depois de cada uma das injecções, fechando-os em uma gaiola, cujo fundo era accommodado a recolher facilmente as urinas dos animaes dos quaes se fazia cuidadosamente o exame chymico e microscopico, de 24 em 24 horas.

Na analyse chymica das materias em que se queria descobrir o arsenico, preferio o methodo do Sr. Schneider, que vem no = *Neues Repert. f. Pharm. t. I. p. 308*, funda-se elle, na transformação do acido arsenioso em chlorureto d'arsenico.

Conheceu-se pelas experiencias feitas pelo Sr. Lintner, descriptas na obra ja citada, que o processo do Sr. Schneider, é assás sensivel para fazer apparecer mui facilmente: 1.º 0<sup>gr</sup>.05 d'acido arsenioso em 6 onças de sangue; 2.º 0<sup>gr</sup>.025 d'acido dito em 3 onças de sangue, &c. &c.

Em fim, o resultado d'algumas experiencias preliminares do Sr. Schroff foi que, 0<sup>gr</sup>.05 d'acido arsenioso, bem misturado com 5 grammas d'agua, injectado no estomago, matou um coelho no espaço de dous a tres dias, e que 0<sup>gr</sup>.15 occasionaram a morte passadas 4 horas.

Para apreciar a efficacia da magnesia como antidoto do acido arsenioso, administrou, em uma primeira experiencia, a um coelho, 1 gramma de magnesia diluida em agua, e intimamente misturada com 0<sup>gr</sup>,05 d'acido arsenioso. Em uma 2.<sup>a</sup> experiencia introduzio no estomago d'outro coelho, 0<sup>gr</sup>,05 d'acido arsenioso, e uma hora depois 1<sup>gr</sup>,45 d'hydrato de magnesia. Nenhum dos animaes succumbio, manifestando-se com tudo em cada um d'elles phenomenos d'envenenamento, que se dissiparam no fim d'oito dias. O arsenico espalhou-se no organismo, manifestando-se mui principalmente nas urinas. A' vista d'estas experiencias, parece que a magnesia, não é, rigorosamente fallando, um antidoto seguro; não obstante, pode mitigar, muitas vezes, os accidentes provocados pelo acido arsenioso.

As experiencias feitas com o hydrato de sesquioxido de ferro, não produziram melhores resultados. Um coelho, ao qual se havia administrado 0<sup>gr</sup>,05 d'acido arsenioso dissolvido em agua, e diluido com 1<sup>gr</sup>,35 d'hydrato de sesquioxido de ferro, succumbio no fim de 6 dias; um segundo, ao qual se tinha administrado 0<sup>gr</sup>,05 d'acido arsenioso, e uma hora depois 1<sup>gr</sup>,35 d'hydrato de sesquioxido de ferro, achou-se morto pela manhã.

O Auctor tira das suas experiencias, talvez pouco numerosas, as conclusões seguintes:

Os hydratos de magnesia e o de sesquioxido de ferro, podem neutralisar, ambos, até um certo ponto, a acção funesta do acido arsenioso; entretanto o hydrato de magnesia merece incontestavelmente a preferencia. Este hydrato mais dividido, e menos denso do que o de ferro, não obra provocando dejecções alvinas mais frequentes do que o de ferro.

O arsenito de potassa mata mais promptamente, e em menos dose, do que o acido arsenioso. A acção deletéria d'este sal não se neutralisa, nem mesmo se mitiga, pelos acetatos de magnesia, ou pelo de sesquioxido de ferro, cuja applicação, pelo contrario, o que faz é apressar a terminação fatal.



Apezar das experiencias que ficam referidas serem pouco numerosas, apezar mesmo das consequencias serem pouco concludentes, pareceu-nos importante esta materia, pela delicadesa e interesse do seu objecto. Temos lido, e estudado constantemente, um grande numero de Jornaes estrangeiros, e ainda não encontramos observação alguma que contrarie a efficacia dos dous antidotos do arsenico, acima mencionados. Não nos pertence a nós argumentar sobre a differença que pode haver entre o organismo de um coelho e o do homem, nem determinar a acção diversa que o arsenico pode exercer nos estomagos de um e outro, onde certamente devem encontrar-se principios dissolventes, mui dissimilhantes, e onde as reacções o devem ser tambem. Entre tanto, são de tanto credito os Auctores que prescreveram aquelles antidotos, e de tanto peso e importancia as observações ja feitas, e os resultados obtidos, que convidam os Practicos a não os desprezar, e os Chymicos mais excellentes a continuarem incessantemente a estudar uma materia tão grave e um assumpto tão importante á humanidade.

H. J. de Sousa Telles.

---

## PHARMACIA.

---

Reflexões em referencia ao ultimo periodo da Revista dos Jornaes, em o n.º antecedente, acerca do — Residuo da preparação do laudano.

Esta composição tem gozado sempre um credito illimitado. A modificação proposta pelo Sr. Edouard Becquet, no — *modus faciendi* —, parece muito racional.

Nós respeitamos, e sempre respeitaremos, as opiniões sensatas, e nunca deixaremos de prestar a mais religiosa attenção á integridade d'esses medicamentos em quem a Therapeutica tanto confia; com tudo pedimos licença para emittir tambem sobre este objecto o nosso humilde parecer, não so em quanto á materia, mas igualmente em relação á forma.

Todos os Pharmacologistas, seguindo, e com razão, a prescripção de Sydenham, recommendam o opio em bruto, e este, muito principalmente hoje em dia, varia extraordinariamente nas quantidades dos seus principios constitutivos; e como se pode, n'este caso, contar com certeza e precisão com uma dada quantidade dos principios activos do opio, n'outra do vehiculo? Por exemplo: ¿será exacto que 20 gottas de laudano conttenham um grão de opio puro? Parece-nos este facto mui duvidoso.

No tempo em que Sydenham publicou esta formula, ainda se não tinham levado as analyses do opio ao ponto em que hoje se acham, aliás ter-lhe-ia dado, em lugar do opio, com quem tanto sympathisava, um sal de morfina. D'esta maneira se fixava, exactamente, a porção do principio activo, sobre que repousa o credito do laudano. Nem sabemos o motivo porque o Collegio de Londres, ou a Academia de Medicina de Paris, não teem determinado esta reforma. Seria tambem para desejar que auctorisassem ou effeituassem a eliminação do açafão, egualando-a aos outros aromaticos; assim ficava o medicamento mais modico no preço, e talvez mais activo nas virtudes. O açafão entra n'aquella formula, em grande quantidade, e o vinho sobrecarregando-se da sua parte solúvel e corante, fica talvez impossibilitado para dissolver o opio. A mesma parte corante se precipita, com o tempo, e pode arrastar consigo algum alcaloide do opio, enfraquecendo o medicamento.

Em quanto porém estas reformas se não effeituam, podemos não so operar como aconselha o Sr. Edouard Becquet, mas talvez fazer as duas macerações como elle prescreve; porém tão somente do opio bem dividido, e depois dos dous liquidos ou macerados, reunidos, macerar n'elles os aromaticos egualmente pulverisados.

Parece-nos que d'esta forma o vinho se senhorearia melhor da parte solúvel do opio, ou de sua morfina, sem haver inconveniente algum no ultimo macerado das substancias aromaticas.

Aconselhariamos tambem operar sempre sobre pequena

quantidade de laudano, ou fazendo-o com maior porção, conserval-o em vasilhas pequenas e bem rolhadas.

H. J. de Sousa Telles.

*Collyrio de tannato de zinco; pelo Sr. H. BONNEWYN.*

Tannato de zinco..... 2 grãos,  
Agua distillada..... 6 onças,  
Mucilagem de gomma arabica.... 4 oitavas.  
M. e F. S. A.

O tannato de zinco pode ser preparado, segundo o Sr. Dorvault, saturando o soluto de tannino puro com o precipitado recente e ainda humido d'oxydo zincico. Filtrando e concentrando o liquor a banho d'agua quente.

Este tannato tem sido empregado nas affecções catarraes das vias urinaarias; e o Sr. Bonnewyn diz gozar egualmente d'uma acção therapeutica, efficaz e constante nas affecções oculares, acompanhadas de secreção mucoso-purulenta.

(*Presse méd. belge.*)

*Solução de phosphoro no chloroformio.*

Chloroformio puro..... 4 partes,  
Phosphoro..... 1 „

Dose: 4 a 5 gottas d'este soluto com 4 grammas d'ether em um copo de vinho do Porto, duas vezes por dia; com o fim de reanimar as forças do doente no decurso da febre typhoide.

*Solução de phosphoro no oleo de figados de bacalhau.*

Phosphoro..... 0,025 milligr.  
Oleo de figados de bacalhau. . . 30 grammas.

Deita-se n'um matrás de vidro o oleo de figados de bacalhau, e sobre este o phosphoro; introduz-se o matrás em banho d'agua quente, mexendo-se até que a solução se effeitue.

O Sr. Glover tem empregado este soluto, e com utilidade, no tractamento das escrofulas. Tambem se podia ensaiar no tractamento da phtisica pulmonar, doença na

qual os preparados estimulantes são geralmente bem supportados. (Bull. de Thérap.)

*Po contra a tosse convulsa; pelo Dr. GOETZ.*

Enxofre da China.....	5 a 10	centigr.
Subnitrate de bismutho.....	5 a 10	„
Oxydo de zinco sublimado... ..	5 a 10	„
Sulphureto d'antimonio.....	1 a 5	„
Magnesia calcinada.....	60	„

Pulverisa-se e mistura-se tudo perfeitamente; e administra-se de tres em tres horas na dose de 5 centigr.

(Gaz. medicin Zeitung Rurland.)

J. D. Corrêa.

**Preparação dos extractos fora do contacto do ar.**

A preparação dos extractos fora do contacto do ar, tem sido julgada, desde muito tempo, de tão grande importancia, que muitos tem sido os Pharmaceuticos e Chymicos, que se tem occupado seriamente do seu estudo, tendo por fim, especialmente, o inventarem um apparelho que podesse satisfazer ás mais principaes condições, a economia, presteza, e similhaça do producto com a substancia ou materia prima de que elles se preparam.

E' de certo por isso, que nós vemos figurar no estudo d'esta preparação nomes, os mais respeitaveis, de individuos que tem successivamente proposto apparelhos diversamente uteis para fazer os extractos. Assim vemos figurarem nos livros de Pharmacia como apparelhos de preparar extractos as cucurbitas dos alambiques, as capsulas de fundo dobrado, os apparelhos de Henry, Desrônes, Barry, Roth e muitos outros, os quaes todos, pór circumstancias diversas, não tem sido generalizados pelas officinas pharmaceuticas.

N'estes ultimos tempos tem feito grande bulha a invenção do Sr. Grandval, que imaginou, e poz em execução, um apparelho por meio do qual se obtem os extractos, não so com grande rapidez, mas tambem, o que é mais,

n'um temperatura mui baixa e fora do contacto dor ar: o *apparelho* do Sr. Grandval com tudo não pode ainda ser adoptado para uso geral das *pharmacias*, porque além de ser d'um preço bastante elevado, seu Auctor o fez privilegiar, o que deu logar a que se cogitasse obter outro que offercesse as mesmas vantagens.

Todas estas circumstancias deram em resultado o *apparer*, no *Jornal de Pharmacia e Chymica de Paris*, um artigo dos Srs. Soubeiran e Gobley dando conta d'um novo *apparelho para preparar os extractos no vacuo*, o qual tem a forma representada na nossa estampa, e se compõe de um vaso de forma ovoide de cobre estanhado V; tendo na sua parte superior uma larga abertura, que pode fechar-se por meio d'uma tampa convenientemente adaptada. O vaso V tem nos bordos da sua abertura uma fenda ou antes um rêgo, no qual se engasta um circulo saliente que existe nos bordos inferiores da tampa. Na fenda ou rêgo, colloca-se uma pouca de estoupa ou algodão em rama, mergulhado n'uma solução de caoutchouc no oleo de linhaça seccativo. Apertando a tampa com um parafuso a abertura fica hermeticamente fechada.

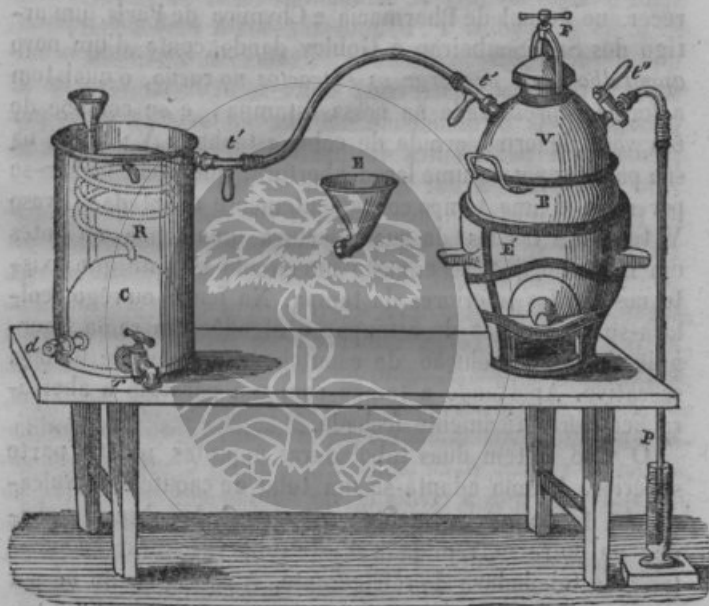
O vaso V tem duas tuboladuras oppostas na sua parte superior. A uma adapta-se um tubo de caoutchouc vulcanizado, tendo interiormente uma espiral de cobre estanhado: na outra extremidade d'este tubo vae entrar ou adaptar-se á tuboladura do refrigerante. A passagem do ar por uma e outra tuboladura é interceptada por meio d'um pequeno anel ou argolla de linho impregnado de caoutchouc, e segura por uma peça de rosca ou parafuso.

O refrigerante R é semelhante ao serpentino ordinario de nossos alambiques; com a differença porém que o tubo em espiral acaba n'um reservatorio C que se fecha, separadamente, por meio d'uma tuboladura de rosca d.

A segunda tuboladura do vaso V tem uma torneira; e pode-se-lhe adaptar-se, segundo a occasião o exigir, ou o funil E ou o tubo P.

O tubo P compõe-se d'uma pequena parte do tubo curvo de cobre, que se fixa por meio d'uma rosca sobre a tu-

boladura *t''*. A esta parte do tubo está adaptada por meio d'um pouco de caoutchouc um tubo de vidro espesso de um metro de comprimento, que se faz mergulhar, na occasião opportuna, n'uma provetta de vidro, contendo uma columna de mercurio de 15 a 20 centímetros d'altura.



Conhecido pois o aparelho resta-nos dar conta do modo como d'elle se usa.

Começa-se por introduzir no vaso *V* meio litro, pouco mais ou menos, d'agua quente; fecha-se exactamente a competente tampa e a torneira da tuboladura *t''* e deixa-se aberta a tuboladura *d* do refrigerante. Colloca-se então o vaso *V* sobre um fogo forte. A agua entra em ebullição, o vapor enche o aparelho e vem sahir pela tuboladura *d*. Quando sahe branco e com rapidez, abre-se ligeiramente a torneira *t''* e fecha-se exactamente a tuboladura *d*. Depois fecha-se tambem a torneira, e tira-se o vaso *V* do



fogo, contendo ainda uma porção d'agua no estado liquido. Levanta-se acima do refrigerante e conserva-se invertido, para que a tuboladura  $t'$  esteja na parte mais inferior e declive, e lance a agua no refrigerante R. Resulta d'este trabalho, que todo o liquido, que tinha ficado no vaso V passa para o espaço C do refrigerante, e que fica feito o vacuo no interior da apparelho; é então que se colloca na tuboladura  $t''$  o funil E, deita-se-lhe o liquido, que deve fornecer o extracto, e abre-se com todo o cuidado a torneira: entretanto deita-se agua no vaso R. E' necessario ter o cuidado de não abrir a torneira senão mui pouco, e fechal-a antes do que todo o liquido tenha corrido para assim evitar a entrada do ar.

Então é que se colloca o apparelho sobre o banho-maria B, que se adapta sobre a fôrnalha E', e a operação começa: tira-se o funil n'esta occasião, e adapta-se em seu lugar o tubo P, que deve servir para medir a pressão. Para isto enche-se completamente este tubo, bem como a curvatura de cobre, que lhe está superior com a porção de liquor extractivo, que ficou sobre o funil ou com agua, e tapando a extremidade inferior com o dedo, mergulha-se no mercurio. A columna d'este metal é sufficientemente alta para que a columna do liquido aquoso contida no tubo a possa deslocar; por consequencia o tubo de vidro fica cheio de liquido. Feito isto, tapa-se com uma rodella de papel pardo a parte superior do tubo curvo de cobre, colloca-se sobre a tuboladura  $t''$  e fecha-se exactamente. N'esse momento abre-se a torneira  $t''$  com muito vagar: immediatamente ha communicação, o mercurio sobe no tubo, e pela altura, a que elle chega, se avalia a pressão interior.

Desde então conserva-se fogo debaixo do banho-maria, e entretem-se uma corrente d'agua fria no serpentino.

O tubo de mercurio continua a mostrar, ou fazer avaliar, a pressão interior do apparelho durante todo o curso da operação. Se o metal se não elevar no principio da operação a uma altura de 70 a 72 centimetros, é uma prova de que o vacuo não tinha sido feito completamente; se

o nível baixar durante a operação, mostra que ha entrada d'ar por alguma das suas tuboladuras.

Ha um meio facil de reconhecer quando a distillação está acabada, é verificar a temperatura da tuboladura *v*; quando esta está fria a distillação está terminada: apezar d'isso é necessario fazer continuar a operação por mais meia hora ou tres quartos d'hora, para que se fique bem seguro de que o extracto está prompto. O aparelho deve então abrir-se em quanto está quente, e tracta-se logo de tirar o extracto por meio d'uma espatula de metal com as cautelas necessarias para que não vão lascas do metal, de que é feito o vaso operatorio.

Este aparelho, que não deixa de apresentar todas as utilidades operatorias do de Grandval, tem de mais a grande vantagem de ser muito mais simples e barato do que aquelle.

Falta agora avaliar até que ponto os extractos assim preparados serão preferiveis aos preparados pelos processos ordinarios: esta avaliação temol-a por mui difficullosa, e julgamos que so com uma longa e prolongada serie de experiencias se poderá decidir sobre o valor therapeutico de cada uma d'essas duas especies de extractos, visto que é certo que a acção do calor e do ar podem alterar os liquidos empregados na preparação dos extractos; alterações, que se umas vezes podem dar em resultado a diminuição de acção do producto sobre a economia, n'outros casos pode augmental-a ou alteral-a. Esperamos pois pelas observações clinicas, que julgamos as unicas uteis n'estes casos de duvida.

*José Tedeschi.*

da Ordem dos Farmaceuticos

CHEMICA.

**Considerações sobre um methodo geral proprio para descobrir os alcalis organicos em caso d'envenenamento, pelo Sr. Stas; começadas no tomo 3.<sup>o</sup> da 2.<sup>a</sup> serie, pag. 347.**

Eu supponho que existe um alcaloide liquido e volatil; n'este caso, pela evaporação do ether, ficam em torno da parede interna da capsula, fracas estrias liquidas que correm lentamente para o fundo do vaso. N'esta circumstancia, basta so o calor da mão para que da capsula saia um cheiro mais ou menos desagradavel, que se torna, segundo a natureza do alcaloide, mais ou menos picante, suffocante, irritante; apresenta n'uma palavra o cheiro d'um alcali volatil, alterado por um cheiro animal. Descobrin-do-se algum indicio da presença de um alcaloide volatil ajuncta-se então, ao que ficou no frasco d'onde se decantou uma pequena quantidade d'ether, um ou dous centimetros cubicos de uma forte solução de potassa ou sôda caustica, e agita-se de novo a mistura. Depois de um repouso conveniente, decanta-se o ether para um frasco-provetta, esgotta-se a mistura por tres ou quatro tractamentos com ether, e reune-se todo o liquido ethereo no mesmo frasco.

Verte-se depois n'este ether, que tem o alcaloide em dissolução, um ou dous centimetros cubicos d'agua acidulada por um quinto do seu peso d'acido sulphurico puro; agita-se por algum tempo, e abandona-se ao repouso; decanta-se o ether, que sobrenada, e lava-se o liquido acido por meio de uma nova quantidade de ether. Como o sulphato d'ammoniacico, de nicotina, d'anilina, de quinoleina, de picolina, de petimina são insolueis no ether, a agua acidulada pelo acido sulphurico contém agora, em menor volume e no estado de sulphato puro, o alcaloide, e ainda que o sulphato de conicina, por ser soluvel no ether, possa ficar dissolvido em pequena quantidade n'este liquido, a maior parte fica sempre em solução na agua acida. O ether

retem todas a materias animaes que separou da solução alcalina; e por uma evaporação espontanea deixa pequena quantidade de um residuo ligeiramente corado de amarello, com um cheiro animal repugnante, e misturado com uma certa quantidade de conicina, quando, por exemplo, este alcaloide exista na materia suspeita submettida á analyse.

Para extrahir o alcaloide da solução de sulphato acido, addiciona-se-lhe uma solução aquosa e concentrada de potassa ou soda caustica; agita-se e tracta-se a mistura com ether puro; este dissolve o ammoniaco, e o alcaloide, que se tornam livres; abandona-se a solução etherea, na mais baixa temperatura possivel, á evaporação espontanea; e quasi todo o ammoniaco se volatilisa com o ether, e o alcaloide fica no residuo. Para eliminar totalmente o ammoniaco, expõe-se o vaso, que contém o alcaloide, por um instante á acção do acido sulphurico no vacuo, e obtem-se o alcali organico com os caracteres physicos e chymicos que lhe pertencem e que se tracta de determinar rigorosamente.

A 3 de Março de 1851, appliquei eu o processo que acabo de indicar á procura da nicotina no sangue do coração de um cão, envenenado por dous centimetros cubicos de nicotina ingeridos na guêla; e pude reconhecer do modo mais positivo a presença da nicotina no sangue. Pude constatar o seu estado physico, o cheiro, sabor, alcalinidade, e consegui obter o chloroplatinato de nicotina perfeitamente crystallizado, sob forma de prismas rhomboidaes, quadrilateros, de côr amarella bem carregada, e pude finalmente verificar a sua insolubilidade no alcohol e no ether.

Appliquei o mesmo processo á pesquisa da *conicina*, em uma tinctura mui antiga de cicuta que o meu amigo e collega, o Sr. Hemptinne, teve a bondade de pôr á minha disposição, e consegui igualmente tirar *conicina* liquida e incolor, e com todas as propriedades physicas e chymicas que se conhecem n'este alcaloide. Reconheci tambem que o ether, que contém *conicina* em solução, arras-

tra quantidade notavel d'este alcaloide quando se abandona o dissolvente á evaporação espontanea.

*Pesquisa de um alcaloide solido e fixo.*

Eu supponho agora que o alcaloide é solido e fixo; n'este caso, segundo a natureza do alcali, pode acontecer que a evaporação do ether proveniente do tractamento da materia acida, á qual se tem ajunctado bicarbonato de soda, deixe, ou não, residuo contendo um alcaloide. N'esta ultima alternativa, ajuncta-se uma solução de potassa ou de soda caustica ao liquido, e agita-se vivamente com ether. Este dissolve o alcali vegetal, que posto em liberdade existe na solução de potassa ou de soda. Em um e outro caso tracta-se a materia pelo ether. Qualquer que seja o agente que tenha posto o alcaloide em liberdade, que seja o bicarbonato de soda ou de potassa, a soda ou a potassa caustica fica, pela evaporação do ether, em tôrno da capsula, um corpo solido, e muitas vezes um liquido incolor, leitoso, que tem corpos solidos em suspensão. O cheiro da materia é animal, desagradavel, mas não picante. Azula de um modo permanente o papel de tornasol.

Quando se descobre assim um alcaloide solido, a primeira cousa a fazer, é procurar obtel-o crystallizado, a fim de poder determinar a sua forma. Vertem-se pois algumas gottas d'alcohol na capsula que contém o alcaloide, e abandona-se a solução á evaporação espontanea. Mas é muito raro que o alcaloide, tirado pelo processo indicado, seja bastante puro para poder crystallisar.

Quasi sempre é inquinado por materias estranhas. Para o isolar d'estas substancias, vertem-se na capsula algumas gottas d'agua mui fracamente acidulada com acido sulphurico, e gyram-se na capsula para pôr o liquido acido em contacto com a materia; observa-se geralmente que o liquido acido não molha a parede do vaso; a materia ali contida divide-se em duas partes, uma formada de materia gorda, fica adherente á parede, a outra alcalina dissolve-se e transforma-se em sulphato acido.

Decanta-se com precaução o liquido acido, que deve ser limpido, e incoloro se a operação é bem executada, lava-se a capsula com algumas gottas d'agua acidulada, que se ajuncta ao primeiro liquido, e evapora-se todo, até aos tres quartos, no vacuo, ou debaixo d'uma campanula e sobre acido sulphurico.

Verte-se depois no residuo uma solução mui concentrada de carbonato de potassa puro, e torna-se a tractar todo por alcohol anhydro. Este dissolve o alcaloide, e deixa intactos o sulphato de potassa, e o excesso de carbonato de potassa. A evaporação da solução alcoholica fornece o alcaloide crystallizado.

Tracta-se agora de constatar as propriedades para d'ahi deduzir a individualidade.

Tenho applicado os principios expostos em procura da morphina, codeina, strychnina, brucina, veratina, emetina, colchicina, aconitina, atropina, hyosciamina, e tenho chegado a isolar, sem a menor difficuldade, estes differentes alcaloides misturados previamente com materias estranhas.

Assim tenho eu tirado, por este processo, a morphina do opio, a strychnina e a brucina da noz vomica, a veratrina do extracto de veratrum, a emetina do extracto de ipecacuanha, a colchicina da tinctura de colchico, a aconitina de um extracto aquoso de aconito, a hyosciamina de um extracto muito antigo de meimendo, e finalmente a atropina de uma tinctura egualmente velha de bella-dona. Por isso é com toda a confiança que apresento este methodo ao exame dos Chymicos que se occupam de indagações medico-legaes.

(*Bull. da Acad. Real de Med. da Belgica.*)

*J. A. Rodrigues.*

**Sulphydrometria; pelo Sr. Filhol.**

O artigo publicado pelo Sr. Pommier, no *Jornal de Chymica Medica* do mez d'Outubro de 1852, sobre a sulphydrometria, não fazendo menção alguma dos aperfeiçoamentos, que n'estes ultimos tempos teem melhorado o seu me-



thodo, nem das causas de erros assignalados pelos Chymicos, posteriormente aos trabalhos de Dupasquier, me decidiram a completar as noções que elle encerra, resumindo as indicações que se acham consignadas nas Memorias que publiquei sobre as aguas sulphurosas dos Pyreneos, Memorias que tiveram a approvação da Academia das Sciencias, da Academia de Medicina, e do Conselho d'Hygiene de Paris.

O emprego da solução alcoolica do iodo, tal como a propõe o Sr. Dupasquier, apresenta numerosos inconvenientes: o iodo, com o tempo, reage sobre o alcohol e forma um pouco d'acido iodhydrico, circumstancia que contribue a enfraquecer a força do liquor; em segundo lugar, esta solução, tendo sido graduada á temperatura de  $+15^{\circ}$ , a uma temperatura maior necessariamente se ha de dilatar, e teremos de corrigir o volume do liquor sulphydrometrico empregado, e reduzi-lo novamente ao que era á temperatura de  $+15^{\circ}$ . Poder-se-hia, é verdade, fazer esta correção approximadamente, suppondo a dilatação da tinctura do iodo igual á do alcohol; n'este caso o methodo perde muito da sua simplicidade, reveste todos os caracteres d'uma operação de physica mui delicada, pelo que, o grau do alcohol empregado na tinctura, deverá ser sempre o mesmo, dever-se-ha, depois de cada ensaio, determinar cuidadosamente a temperatura do liquor iodado; convém sobre tudo acautelar, quando se opera sobre agua mui quente, de mergulhar a parte inferior da pipetta graduada em agua mineral, por isso que resultaria uma dilatação do liquor sulphydrometrico, de que seria, pouco depois, bem difficil dar conta com exactidão. Porém como não está de forma alguma demonstrado que a tinctura do iodo se dilata como o alcohol puro, é preciso com rigorosa exactidão medir a dilatação da tinctura entre zero e  $60^{\circ}$ , para fazer as correções convenientes.

Estas observações são tanto mais importantes, quanto todo o ensaio sulphydrometrico, feito sobre agua que tem percorrido, ao contacto do ar, um espaço ainda que seja pequeno ou que se tem demorado em reservario, será qua-

si inevitavelmente manchada, e induzirá a erro, que em certos casos pode ser mui consideravel como eu demonstrei; pelo que convém, para obrar com exactidão, fazer o ensaio o mais proximo possivel do local em que brotam as aguas, ou podendo ser no mesmo sitio da origem.

Acontece algumas vezes que os mananciaes sulphurosos thermaes são no interior de gruttas, galerias, ou reservatorios cuja temperatura é superior a 30°, e onde por conseguinte a dilatação da tinctura induziria a erros que se devem evitar.

Substitui ao liquor de Dupasquier, a solução seguinte :

Iodo puro e fundido.....	10 grammas,
Iodureto de potassio bem puro..	12 „
Agua distillada.....	Q. S.

Deita-se o iodo e o iodureto em um frasco, com parte da agua, isto é, cousa de 100 grammas, e so se lhe ajuncta o resto, depois da solução estar concluida.

Esta solução tem muitas vantagens sobre a de Dupasquier :

1.º E' menos alteravel; o iodo reage menos sobre a agua do que sobre o alcohol, ao mesmo tempo que o iodureto contribue, por sua affinidade para com o iodo, a tornar esta acção mais lenta. Assegurei-me, pela experiencia, que os liquores assim preparados, davam alguns mezes depois, quando os ensaios com as soluções sulphurosas eram bem dirigidos, resultados inteiramente identicos aos que se obtinham immediatamente á sua preparação.

2.º O coefficiente medio de dilatação d'este liquor entre zero e 60º é, segundo as experiencias que fiz com o maior cuidado, trinta e tres vezes menor que o da dissolução de Dupasquier; d'aqui resulta que o erro qualquer, succedido na determinação do elemento sulphuroso pela dilatação do liquido, é tão fraco, que se pode desprezar sem o mais minimo inconveniente.

Asseverei que o methodo sulphydrometrico pode apresentar resultados erroneos, quando se opera sobre aguas

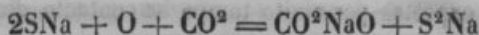
mineraes expostas por muito tempo ao contacto do ar; vou provar-o.

Tomando-se uma dissolução aquosa de monosulphureto de sodio bem puro, e deitando-lhe immediatamente acido sulphurico diluido, desinvolve-se acido sulphydrico sem depositar enxofre; deixando esta solução exposta ao ar livre, mediante alguns minutos, ou encerrada em um frasco mal cheio, em que succeda fixar-se algum ar na superficie, formar-se-ha no liquor uma côr amarella-esverdinhada, mui ligeiramente espessa, que indica a alteração que tem soffrido; ensaiando-se então com acido sulphurico, vêr-se-ha que fornece, ao mesmo tempo, acido *sulphydrico*, e um deposito d'enxofre. O monosulphureto transforma-se, parte, em polysulphureto; advertindo que, a quantidade de iodo necessaria para decompôr um equivalente de polysulphureto, é exactamente a mesma que se deve empregar para decompôr um equivalente do monosulphureto, com effeito



Assim, por exemplo, duas soluções das quaes uma contenha 0<sup>gr.</sup>,487 de monosulphureto de sodio, e outra 1<sup>gr.</sup>,287 de quinti-sulphureto d'este metal, ambas marcarão o mesmo grau no sulphydrometro, e, com tudo, haverá na segunda cinco vezes tanto enxofre como na primeira.

Operando sobre aguas mineraes naturaes, esta causa de erro não é mui essencial, attendendo a que a proporção do elemento sulphuroso, que ellas contem, é mui fraca e apenas basta uma pequena porção d'oxygenio para as alterar, assim como se depreheende facilmente o quanto podiam ser erroneos os resultados que se obtivessem, operando sobre aguas estagnadas, ou mesmo expostas por algum tempo ao contacto do ar. O erro seria, pois, mui attenuado, pela presença, nas aguas alteradas, d'uma pequena porção de carbonato de soda, proveniente da decomposição do enxofre pelos elementos do ar, como se vê



O carbonato, absorvendo o iodo que excede a conta do enxofre, diminue o erro.

A presença do carbonato de soda e dos saes alcalinos, em geral tende a elevar o grau sulphyrometrico, e offerece mesmo a particularidade que a proporção de iodo absorvida por uma quantidade determinada de carbonato de soda, dissolvido em agua pura, é mui inferior á que absorve a mesma quantidade de carbonato dissolvido em um liquido que contenha sulphureto de sodio.

As experiencias seguintes dão uma ideia da differença.

Em um litro d'agua sulphurosa artificial, que tinha absorvido 0<sup>gr</sup>,2500 de iodo, fiz dissolver 0<sup>gr</sup>,0760 de carbonato de soda anhydro. Esta agua absorveu então, 0<sup>gr</sup>,2800 de iodo.

Vê-se pois, que a presença d'uma pequena quantidade de saes, á reacção alcalina em uma agua sulphurosa, pode conduzir a graves erros, se senão observarem certas precauções.

Dupasquier tinha proposto acidular a agua com um pouco d'acido acetico, e tem-se continuado a preconisar este methodo sem se apereber o quanto elle é vicioso. Custa-me mesmo a intender como, racionalmente, elle podesse ser empregado; e com effeito, a solução aquosa do sulphureto de sodio, tendo uma reacção alcalina bem pouco sensivel, não será facil distinguir uma agua sulphurosa que não tenha carbonato, d'aquella que o contém, sem recorrer á analyse chymica; e quando se tenha adquirido a certeza da existencia d'um carbonato alcalino em uma d'essas aguas, e se quizer saturar o carbonato de soda pelo acido acetico, não poderemos conhecer o momento em que elle está saturado pelo acido, por que quando o carbonato estiver saturado, a reacção alcalina do sulphureto persistirá ainda, e pode fazer acreditar que a saturação foi incompleta. De mais eu tenho conhecido, pela experiencia, que o sulphureto de sodio se decompõe, ao mesmo tempo que o carbonato é mesmo antes.

Eu propuz substituir o emprego do acido acetico pelo chlorureto de baryo, que transforma os saes de reacção alcalina que se acham habitualmente nas aguas sulphurosas (carbonato ou silicato de soda) em saes insoluveis, que não teem acção sensivel sobre o iodo. Este methodo tem a vantagem de não produzir absolutamente alteração alguma no sulphureto; a experiencia seguinte serve de prova.

Preparei tres litros d'agua sulphurosa artificial, tomei o grau sulphydrometrico d'um d'elles, e fiz dissolver, em cada um dos outros dous, 1 decigramma de carbonato de soda crystallisado. Um d'estes dous litros foi analysado pelo sulphydrometro; o terceiro litro foi submettido ao ensaio depois de misturado com um excesso de chlorureto de baryo.

Os resultados foram os seguintes:

Grau sulphydrometrico da agua sulphurosa 0<sup>gr.</sup>,2500;

Grau da mesma agua com a addição de 0<sup>gr.</sup>,0760 de carbonato de soda, 0<sup>gr.</sup>,2800;

Grau da agua misturada com o carbonato de soda, depois da addição do chlorureto de baryo, 0<sup>gr.</sup>,2500.

E' pois evidente, que o emprego do chlorureto de baryo conduz ao resultado que se procura obter, empregando o acido acetico, sem receio de cair nos erros a que este ultimo induz.

O que fica exposto, mostra que o methodo de Dupasquier não pode ser tão geralmente applicavel, como se julgou, á analyse das aguas sulphurosas, o qual deve ser reservado para os casos em que se opera sobre agua tomada no seu ponto d'emergencia, quero dizer, na sua origem, e não contendo enxofre.

(*J. de Ch. Méd. Ph. e Toxic.*)

H. J. de Sousa Telles.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa no mez de Março de 1853; pelo Demonstrador de Medicina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Cactano Maria Ferreira da Silva Belrão.

Temperatura media da atmosphaera	10°, 17
„ maxima „	12
„ minima „	8,5
Maxima variação diurna de temperatura	1,5
Pressão media da atmosphaera	758,67 <sup>mil.</sup>
„ maxima „	769,61
„ minima „	749,29
Ventos mais constantes durante o mez	N, NE, NO.
Altura da agua no pluviometro	2,2 <sup>pol. linh.</sup>
Dia mais chuvoso do mez. (29)	1,1
Grau medio d'humidade no hygrometro	—0°, 2

Considerações.

Quando se possuem taboas synopticas com as observações meteorologicas de um grande numero d'annos, é então que pela sua comparação se podem ir deduzindo correlarios, e conhecendo relações, que a principio sería impossivel prever: assim apparece em relação á humidade da atmosphaera n'este primeiro trimestre de 1853 um facto, que comparado com os analogos dos annos antecedentes até 1847, sobresaee de um modo muito sensivel, e que não pode deixar de despertar a attenção do observador, e de ter uma certa importancia, medicamente fallando; e vem a ser que no mez de Março, de todos os annos anteriores de 1847 para ca, o ponteiro do hygrometro ti-



nha sempre passado ja para o semi-circulo positivo, em quanto que no de Março de 1853, a que se refere o nosso mappa, o ponteiro apenas, raros dias e ás vezes algumas horas, passou para esse semi-circulo, como se verificou nos dias 27, 28, e 30 apenas.

¿ Que importancia poderá ter este facto meteorologico sobre a saúde publica da Capital, e sobre a indole e natureza das molestias, que teem reinado n'este trimestre em relação a essa mesma indole e natureza morbida dos primeiros trimestres de 1847 até 1852? Muita, e muito importante.

Este estado da circumfusa deve ter produzido uma longa e profunda falta d'excitação periferica; a pelle dos doentes, e mesmo dos sãos, deve ter tido uma perspiração menos sensivel, a sua excreção habitual deve ter sido diminuida, e finalmente a vitalidade d'este importantissimo orgão deve ter soffrido uma baixa muito notavel em relação ás outras estações do anno; d'onde necessariamente deve ter resultado excesso de vida e de força secretora nas membranas mucosas, e sobre tudo serosas, que fazem o equilibrio e a relação inversa das superficies internas com a externa.

¿ E terá o facto confirmado a doutrina? Sem questão. Ha muito tempo não nos lembra de ter observado na nossa clinica civil tantas especies d'hydropisias, e tão rebeldes a todo o tractamento. Não so tenho observado que as lesões organicas do centro circulatorio se teem complicado dos derrames pericardicos, mas que as molestias chronicas de baixo ventre teem trazido frequentes vezes as ascites, como consequencia necessaria. Faço votos incessantes para que a temperatura e a humidade atmospherica variem com a estação, para allivio, senão cura, de muitos infelizes, que estão sendo victimas d'este estado da circumfusa.

¿ Mas poder-nos-hão objectar; por que não faz a Medicina e o Medico uma atmosphera especial aos seus doentes, que os colloque nas circumstancias favoraveis de Junho ou Julho? ¿ E' para isso que as sciencias accessorias

tanto podem e devem aproveitar á Hygiene? ; Pois tão difficil é levantar a temperatura, e diminuir a quantidade d'humidade dissolvida no ar do aposento de um enfermo, ou ainda mesmo de uma enfermaria?

Acreditamos sinceramente nas vantagens e auxilios que as sciencias accessorias prestam á Medicina: conhecemos practicamente o modo como as atmospheras especiaes de nossos doentes podem ser modificadas conveniente e utilmente; mas ainda conhecemos melhor do que tudo isto a influencia das estações sobre as molestias, e sobre a saúde das populações, apesar de todos esses soccorros que a sciencia lhes presta, e com que os auxilia! ; Quem ha que tenha practicado por algum tempo a Medicina, e que não reconheça a força irresistivel d'esta verdade? ; Pode por ventura a somma de todos esses cuidados fazer com que o rheumatico, o gottoso, o pthisico, ou o hydropico deixem de perceber os frios humidos do inverno, o calor abrasador do estio, e sobre tudo as transições rapidas e bruscas das differentes estações? ; Ha por ventura meio algum de fazer com que a sensibilidade e a vitalidade de taes doentes se não modifique de um modo muito singular, e muito sensivel na presença de todas as variações atmosphericas? Não pode por conseguinte deixar de se reconhecer a força irresistivel que as variações da circumfusa teem de modificarem ja para bem, ja para mal a condição, marcha, e terminação de todas as molestias: o Medico que desconhecer esta verdade ignora os primeiros elementos da Medicina com grave detrimento de seus doentes.

O que se verifica n'uma dada localidade, com relação ás variações thermometricas, barometricas, hygrometricas e outras da atmospheria, para com as diversas intermidades, verifica-se egualmente entre a indole e terminação mais ou menos favoravel da mesma molestia, quando se estuda e se tracta em paizes diversos pelas suas condições atmosphericas: assim nós vemos por exemplo as feridas na America complicarem-se muito mais frequentemente do tetano do que na Europa; e as feridas das membranas serosas serem muito mais graves nos paizes do nor-

tê do que nos do meio dia e sul. Facto que deriva da mesma lei, e que corrobora de uma maneira evidentissima a doutrina que expozemos; e que, dentro em poucos dias, esperamos, ha de receber uma nova prova pela mudança d'estação, que não pode estar longe.

Casa no Largo do Caldas, em o 1.º d'Abril de 1853.

## HISTORIA NATURAL.

### Gutta-percha ou Gettania.

Em Borneo, nas ilhas de Malaises, e nas proximidades de Singapur, na Asia, existe uma arvore a que Hooker chamou *isonandra gutta*, pertencente á familia das sapolteas e ao genero *isonandra*.

Esta arvore, que todos os que a teem visto dizem ser d'um soberbo aspecto, vem imperfeitamente descripta na obra do Sr. Guibourt, do seguinte modo: Tem d'altura 40 pés; as folhas são alternas, obovas, inteiras, pouco acuminadas, e longamente pecioladas; verdes na face superior, e douradas na inferior, como no *chrysophyllum*; as flores são axillares, fascieuladas, com 6 divisões, com 12 estames; o ovario tem 6 loculos; o fructo é uma baga dura, sub-globosa, com 2 loculos ferteis, monospermos.

As flores d'esta arvore teem, segundo lemos em um jornal, propriedades medicinaes; o fructo contém um oleo concreto, que os indigenas empregam como comestivel; a madeira não é boa para construcções por ser fraca e porosa; a seiva, que é a parte interessante d'este vegetal, circula entre o systema cortical e lenhoso em vasos cuja direcção indicam linhas negras e longitudinaes.

O Dr. Montgomery viu em Singapur, em poder d'um indigena, um utensilio cuja cabo era formado por uma substancia de natureza por elle desconhecida; fez indagações e soube que a materia, que formava o dito cabo, tinha a propriedade de se amollecere pelo calor, e tomar

todas as formas que lhe dessem, tornando, pelo arrefecimento, a readquirir a sua natural dureza. Fez importantes estudos sobre a nova substancia, a que deu o nome de *gutta-percha* (lea-se *perca*), formado de duas palavras do dialecto malaio: *percha*, nome da arvore, e *gutta*, nome da substancia que ella fornece, e annunciou a sua descoberta para Inglaterra em 1843 á Sociedade das Artes, que o premiou com a medalha de ouro, attendendo ás numerosissimas e importantes applicações que aquella substancia tem e ainda pode vir a ter. A Commissão do Commercio, franceza, enviada á China, trouxe-a pela primeira vez a França em 1846; em Portugal a sua introdução deve-se ao nosso amigo o Sr. Fradesso da Silveira, Lente da Eschola Polytechnica, que foi o primeiro que fez conhecer grande numero de artefactos de *gutta-percha*, e que começou a vulgarisal-os em 1852. Duas amostras, unicas que até ao presente temos visto, no estado em que vem de Singapur, e que mais adiante descrevemos, foram remettidas de Londres ao nosso amigo o Sr. A. R. Batalha em 1852.

Extrahese a *gutta-percha* fazendo incisões de distancia em distancia na superficie da arvore, e recebendo o liquido que corre em vasilhas apropriadas, onde logo se coagula. Antes, porém da substancia ter adquirido a dureza de que é susceptivel, amassam-na e dão-lhe a forma de pães oblongos, geralmente, ou outras segundo o capricho de quem a manipula. O Sr. Guibourt descreve na sua Hist. Nat. a *gutta-percha* trazida pela Commissão de que já fallámos: era um pão redondo pouco achatado, esbranquiçado e duro na parte externa, e ainda um pouco molle no interior, e como formado de camadas sobrepostas, fibromembranosas, e um pouco nacaradas; dotado de cheiro muito desagradavel de queijo azedo. Um dos exemplares que vimos, e de que hoje é possuidor o nosso amigo o Sr. José Tedeschi, pesava duas libras proximamente; tinha a forma de um papo de gallinha que estivesse cheio e comprimido dos dous lados oppostos; superiormente terminava em uma azelha que parece ser destinada a facilitar a sus-

pensão do pão, e tinha a superficie cheia de impressões reticulares, mais e menos fundas, como se a massa tivesse seccado dentro de um sacco membranoso, cujos vasos se tivessem desenhado sobre a face externa do pão.

A outra amostra, que nos deu o Sr. Batalha, e que existe no Musêo da Sociedade Pharmaceutica, é um pedaço de um pão, de duas onças de peso, escuro, e com aspecto membranoso por fora, branco-amarellado e avermelhado por dentro, distinguindo-se-lhe alguns folhetos, muito cheio de poros irregulares, e apresentando, em alguns pontos, substancias extranhas de côr vermelha, e d'um dos lados uma larga mancha vermelha côr de sangue, luzidia e com aspecto de resina; tem cheiro aromatico, fraco e alguma cousa analogo ao do caoutchouc, e sabor ligeiramente amargo. Esta amostra foi-nos dada como proveniente do estreito de Malaca.

A analyse chymica demonstrou que a gutta-percha tem muita analogia com o caoutchouc, do qual differe pela sua consistencia pastosa, pela sua pouca elascidade, pela insolubilidade no ether, e por ser muito mais solúvel na essencia de terebinthina. Ao commercio inglez vem esta substancia com outras de mistura, as quaes faziam parte do succo da planta e que são: um acido vegetal que se separa facilmente pela agua fervendo, caseina, e duas resinas, uma solúvel no alcohol e outra no ether; estas substancias porém fazem uma pequenissima parte do producto; o que se deve ter muito em vista é purificar a das substancias que os indigenas lhe ajuntam quando lhe dão a forma, a fim de lhe augmentar o peso, porque é a peso que ella se vende.

Em Inglaterra, diz o Sr. De La-Barre em um artigo que escreveu na Abeille, purifica-se da seguinte maneira: Introduzem-se primeiro os pães da substancia em um apparelho movido por vapôr, o qual os divide em fragmentos semelhantes aos que produziria uma plaina de marceneiro. Estes fragmentos cahem em recipientes de grandes dimensões, que estão aquecidos a uma temperatura muito elevada; alli fundem-se e formam uã massa espessa,

que separada da maior parte das impurezas, se deposita no fundo. Esta massa é logo lançada em uma caixa circular, no centro da qual se move um cylindro, com a velocidade seiscentas gyrações por minuto, guarnecido de laminas inclinadas, cujo gume divide a gutta-percha em muitos pequenos boccados, que são precipitados em vasos cheios d'agua, á superficie da qual a gutta vem fluctuar, ficando as materias estranhas precipitadas. Purificada assim a gutta-percha funde-se novamente, lança-se em caixas de ferro, de forma e grandeza variaveis, e, por meio de uma machina apropriada, comprime-se fortemente e expede-se para o commercio.

As propriedades chymicas mais notaveis da gutta-percha são as seguintes: É inatacavel pelos alcalis, pelos acidos, e pelo alcohol. Os dissolventes que se conhecem para esta substancia são o sulphureto de carbonio, o ether, o chloroformio, e a essencia de terebinthina (\*).

Não é conductora da electricidade, nem do calorico, e não se altera pela acção do frio e da humidade.

Exposta ao fogo arde, como as resinas, e derrama no ar fumo espesso.

Submettida na agua a ferver torna-se maleavel e ductil, mas não viscosa, *podendo assim tomar todas as formas* que se lhe queiram dar, conservando-as quando arrefece, e adquirindo uma tal tenacidade e solidez que resiste a todos os esforços que se façam para a destruir. A sua duração é indifinida; querendo dar-lhe novas formas ou empregar-a em usos novos basta amollecê-la n'agua a ferver e moldal-a de novo.

Das propriedades, que deixamos mencionadas, resulta que a gutta-percha tem ja tantos, tão variados, e exquisitos empregos que impossivel é mencional-os todos. Ci-

(\*) O nosso amigo Tedeschi (José) disse-nos que obteve soluções da gutta-percha nos tres primeiros dissolventes que mencionámos, mas que lhe não foi possivel dissolver a na essencia de terebinthina; de facto vimos na sua botica a gutta immergida em essencia de terebinthina desde muitos dias e completamente insolvida. Esperamos que o nosso Collega estudará a causa d'aquelle phenomeno, que talvez dependa da natureza do dissolvente que empregou.



taremos os principaes. Emprega-se em Cirurgia dissolvida no chloroformio, como topico para curar as feridas, arranhaduras, &c., estendendo o soluto sobre a pelle o chloroformio evolve-se, e fica sobre a parte uma tenue pellicula que impede a acção do ar e dos outros agentes. Reduzida a laminas tenues emprega-se em vez dos tecidos impermeaveis; dizem que tem boas applicações em muitos casos de Medicina operatoria, e ja se tem feito com ella pessarios, velinhas, sondas, e outros instrumentos analogos. Em Chymica utiliza-se a propriedade que tem de ser inatacavel por todos os corpos, ainda os mais destruidores, como é o acido fluorico, para fazer com ella vasos e instrumentos de usos variadissimos.

A industria, finalmente, tem-se sabido utilizar d'esta substancia fabricando com ella objectos para todos os usos da vida. Jarros, bacias, malas, molduras, quadros primorosos de alto relevo, argolas, bengalas, chapeos, lanchas, que resistem aos gelos, sollas, tubos para conduzir liquidos e gases, fios de differentes diametros, hoje exclusivamente empregados nos telegraphos electricos, queixos para os desdentados, e muitos outros artigos são actualmente fabricados com a gutta-percha. Escusado é dizer que quasi todos estes artefactos tem formas elegantissimas.

*João José de Sousa Telles.*

**Estudos geologicos do Buçaco, insertos no Jornal — O INSTITUTO — de Coimbra; continuados de pag. 98.**

2.<sup>o</sup> Tendo pois o districto da Bairrada do O. a NNO, da extremidade Norte da Serra do Buçaco, servido de receptaculo commum a todos os depositos que aqui se observam, desde os fossiliferos primarios até ás áreas subcretaceas, e mostrando a inspecção da estrutura physica d'esta bacia, que desde o terreno devoniano até aos stratos do Lias, ou mesmo do oolite não tem sido affectado por convulsões violentas; isto é, que as forças subterranas não accidentaram de modo algum notavel o relevo d'esta bacia, até ao deposito das camadas mais antigas da

seriê jurássica, como são prova a disposição geral de N. a S., em que se acham os limites dos stratos devonianos, do gres bigarré e do Lias; a stratificação concordante entre estes dous ultimos, e a mui ligeira discordancia entre a parte superior do primeiro, e o gres bigarré, e inclinando ambos em geral para o mesmo ponto do horizonte, parece que não ha razão alguma que contrarie a existencia d'algum membro ou membros do periodo carbonifero n'esta bacia; ao contrario as razões expostas tendem a provar, que as forças sedimentosas não seriam interrompidas entre os stratos devonianos e o gres bigarré: so no caso especial que oscillações do solo, obrando lenta e gradualmente, e sempre na mesma direcção, de baixo para cima, e de cima para baixo, pozessem a secco esta parte do paiz no intervallo decorrido entre a disposição d'estes dous ultimos terrenos; oscillações que mui pouco se harmonisam com a passagem gradual e insensivel, e quasi concordante das camadas superiores do terreno devoniano ás do gres bigarré; antes parece inferir-se da observação, que a contar da epocha devoniana, a depressão d'esta bacia augmentou successivamente em profundidade até depois do oolite.

3.º Havendo uma bacia de carvão siluriano em S. Pedro da Cova, isto é, a 15 legoas ao norte do Buçaco; observando-se no terreno devoniano daqui, exuberantes vestigios d'uma prodigiosa vegetação; não havendo uma razão plausivel na estrutura e composição physica d'esta bacia, que prove a suspensão absoluta das forças sedimentosas e creadoras entré o terreno devoniano, e o de gres bigarré, como acima dissemos; por outra parte, tendo mostrado a observação que na epocha carbonifera devia a superficie do nosso planeta ser coberta d'immensas ilhas ou pequenos continentes, e que nos estuarios dos grandes rios, nos lagos, golfos ou pequenos mares, nas proximidades das costas, &c. &c., é que se formaram os stratos carboniferos, e ao contrario na epocha do gres bigarré, extensos mares devessem cobrir grandes espaços da superficie terrestre, e combinando estas considerações todas, com as ja

expendidas nos 1.º e 2.º argumentos, é immensamente provavel a existencia de stratos da serie carbonifera na bacia da Bairrada, e que existam absolutamente cobertos pelo gres bigarré.

4.º Algumas camadas de carvão bem formado se encontram no terreno devoniano d'aqui; mas como ja dissemos, delgadas, e não dando esperanças d'engrossar até á distancia de 40,<sup>m</sup>0 onde foram pesquisadas; o que mais nos convenceu de que forças de transporte muito violentas, attestadas pela presença das multiplicadas camadas de pou-dings, obstaram á deposição e engrossamento das camadas de carvão, porém terminando a parte superior visivel do deposito, especialmente n'aquelles pontos onde é coberto pelo gres bigarré, por camadas de gres de grão fino, e argillas (desapparecendo completamente os conglomerados) com muitos vestigios de restos vegetaes, mostrando por consequencia ter cessado o movimento tumultuoso e violento das aguas, que acompanhou quasi sempre a deposição dos stratos inferiores, julgo que não erraremos, ou que será altamente bem indicado, qualquer trabalho para ir buscar carvão, abaixo do gres bigarré n'alguns pontos convenientemente escolhidos d'esta bacia.

5.º Finalmente, combinando ainda todas as razões e factos expendidos, com a circumstancia bem conhecida de ser o O. da Europa a parte mais favorecida em carvão da epocha carbonifera, parece fora de duvida que as investigações que se empreendem, n'esta parte de Portugal, devem dar um resultado favoravel.

Casal-Comba, Novembro de 1850. = Carlos Ribeiro.

da Ordem dos Pharmaceuticos (Continua.)

## PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 457, de 10 de Março de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a sessão pelas sete horas da noute, lida e approvada a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretario participou haver fallecido o nosso Consocio Honorario, o Sr. Jonathan Pereira, de Londres. — A Sociedade recebeu com grande sentimento tão triste noticia.

O Sr. Presidente levou ao conhecimento da Sociedade que fôra intimado, por ordem do Sr. Juiz de Direito, para comparecer com outro Socio no Laboratorio da Sociedade, a fim de procederem a uma analyse chymico-legal; mas que não se tinha feito cousa alguma, por que o Sr. Delegado insistia em haver primeiramente juramento, o que não era possivel segundo a deliberação da Sociedade. Finalmente que o Sr. Juiz mandara fazer um Auto de tudo o que se tinha passado, e que dissera ia representar ao Governo ácerca da impossibilidade de continuar com os processos d'esta ordem, por falta das competentes analyses.

O Sr. 1.º Secretario, por parte da Mesa, apresentou uma proposta, que tem por fim pedir-se ao Governo que o nosso Jornal seja impresso na Imprensa Nacional, com a mesma protecção, como que a Mesa constou ser impresso o Escholiasse Medico e a Gazeta Medica de Lisboa.

Posta em discussão esta proposta, fallaram os Srs., Telles Senior e Junior, Corrêa, Pereira, e Rodrigues; deliberação a Sociedade, por proposta d'este ultimo Socio, que fosse remettida á Commissão de Redacção para dar o seu parecer.

O Sr. Rodrigues, como Director da Commissão de Chy-

mica, apresentou e leu o parecer da mesma ácerca do mercurio precipitado branco, remettido pelo nosso Consocio o Sr. F. B. dos Santos, do Porto. — Este parecer foi discutido e approvedo. (Vide pag. 85.)

Continuou a discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos. e foram approvedos os Art. 24.º e 25.º

O Art. 26.º foi igualmente approvedo com um addicionamento feito pelo Sr. Corrêa; e é o seguinte: «Que os Pharmaceuticos de 1.ª Classe terão a preferencia em todos os logares publicos da sua profissão, e que se provêrem nas ditas Escolas, no Serviço de Saúde Publica, nos Partidos das Camaras Municipaes, e nas Administrações das Boticas Civis, da Marinha, e do Exercito.»

O Art. 27.º entrou em discussão, fallando contra a sua disposição os Srs. Pereira e Alves, e a favor os Srs. Telles Senior e Corrêa; e finda a qual foi approvedo.

Sendo nove horas fechou-se a sessão.

*Acta n.º 458, de 31 de Março de 1853.*

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Pelas sete horas da noite annunciou o Sr. Presidente aberta a sessão; e em seguida foi lida e approveda a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretario deu parte de ter fallecido, em 21 de Junho de 1852, o nosso Consocio o Sr. Antonio Corrêa de Lacerda, do Maranhão. — A Sociedade recebeu com grande sentimento esta noticia.

O Sr. J. A. Araujo, do Porto, enviou uma proposta de Candidato para Socio. Declarada urgente foi accita, e procedendo-se á votação foi unanimemente approveda, e admittido para Membro Correspondente Nacional o Sr. Francisco Ribeiro de Magalhães, Pharmaceutico em Lamego.

O Sr. Corrêa, como Director da Commissão de Redacção, apresentou e leu o parecer da mesma sobre a proposta da Mesa apresentada na precedente sessão. — Ficou para segunda leitura.

Passando-se á discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos, foi approvedo o Art. 28.º

A cerca do Art. 29.º, o Sr. Pereira foi de parecer que os Pharmaceuticos de 2.ª Classe não deviam tirar ponto 24 horas antes do exame, mas sim 4 horas como actualmente se observa.

O Sr. Corrêa foi d'opinião contraria, e mostrou que, para conservar harmonia entre estes exames e os dos Pharmaceuticos de 1.ª Classe, era necessario adoptar o disposto no Projecto.

O Sr. Presidente poz á votação o Art. 29.º e foi approvedo.

O Art. 30.º foi discutido e approvedo com a modificação proposta pelo Sr. Corrêa.

Sobre o disposto no Art. 31.º pedio o Sr. Pereira a eliminação do attestado de bons costumes, pois que o julgava de pouca importancia.

O Sr. Telles Senior combatteu a opinião do Socio que o precedeu; e o Art.º posto á votação foi approvedo.

Os Art. 32.º e 33.º egualmente foram approvedos.

Entrando em discussão o Art. 34.º, o Sr. Corrêa foi d'opinião que elle devia ser approvedo, não se indicando ao Governo o modo do primeiro provimento das Cadeiras.

O Sr. Telles Junior fallou extensamente, mostrando os inconvenientes que resultavam da livre nomeação do Governo.

Posto o Art. 34.º á votação, foi approvedo sem alteração.

A's nove horas e meia fechou o Sr. Presidente a sessão.

*Manuel Vicente de Jesus,*

2.º Secretario.



## PHARMACIA.

Formulas extrahidas do Annuario therapeutico do Sr. Bou-  
chardat — 1853.

### *Pomada do Dr. POGGIOLI.*

Extracto de belladona.....	4 gram.
Hydrochlorato de morphina.....	0,50 centigr.
Unguento populeão.....	15 gram.
Banha, na qual se macere por 24 horas q. s. de folhas d'estra- monio. ....	15 ”
Essencia d'alfazema.....	q. s.

F. S. A. pomada muito homogenea. Fazem-se fricções brandas e prolongadas, com 5 gram. pouco mais ou menos da pomada, sobre o trajecto do nervo sensitivo. Quando se pretenda empregar a pomada pouco córada, substituem-se as 4 gram. d'extracto de belladona por 20 centigr. d'atropina.

O Sr. Poggioli refere dez casos de nevralgias faciaes, e varios de rheumatismo, curados com esta pomada.

### *Mistura contra as colicas (JOSAT).*

Thridacio.....	4 gram.
Gottas de Rousseau.....	8 gottas.
Agua gommada.....	250 gram.
Amydo.....	4 ”
Oleo de sementes de papoulas....	15 ”

F. S. A. Esta mistura deve ser administrada em clysteres, por tres vezes, e com intervallos de tres horas.

### *Tractamento do tétano (HERPIN).*

Poção: Agua de macella.....	100 gram.
Laudano.....	1 ”
Liquor d'Hoffmann.....	3 ”
Clyster: Agua.....	250 ”

Sulphato de quinina . . . . .	1 gram.
Extracto de valeriana . . . . .	4 „
Camphora . . . . .	2 „

Mais ; acetato de morphina (0,03 em dous papeis) para se applicar no pescoço, misturado com a pomada de Gondret.

Ceroto opiado para curativo.

Esta medicação antispasmodica, continuada por quatro dias, faz desaparecer inteiramente todo o symptoma de tétano.

*Cigarrilhas peitoraes.*

Havendo terminado o privilegio que protegia a venda d'este preparado, o publicamos.

Belladona . . . . .	30 centigr.
Estramonio . . . . .	15 „
Meimendo . . . . .	15 „
Phellandrio . . . . .	5 „
Extracto d'opio . . . . .	13 milligr.
Agua de louro-cereja . . . . .	q. b.

As folhas, bem seccas e mondadas das suas nervuras, serão picadas miudamente e bem misturadas. O opio será dissolvido em sufficiente quantidade da agua de louro-cereja. O papel (passento) para as cigarrilhas, deve ser primeiramente lavado com o macerado das plantas, acima descriptas, feito com a agua de louro-cereja, e secco convenientemente.

Estas cigarrilhas são empregadas nos casos d'asthma nervosa, duas a quatro por dia.

*Pilulas contra o rheumatismo articular (BORSON).*

Extracto alcoolico d'aconito . . . . . 20 grãos.

F. S. A. vinte pilulas. Toma-se uma pilula duas ou tres vezes por dia.

*Poção contra o soluço persistente (MARAGE).*

Oleo d'amendoas doces . . . . . 60 gram.

Chloroformio . . . . . 20 gottas.

Xarope de diacodio . . . . . 30 gram.  
— d'hortelã apimentada . . . . . 12 „  
Toma-se uma colher de café, de tres em tres horas.

*Pomada contra a enxaqueca e as nevralgias faciaes*  
(CAZENAVE).

Chloroformio puro . . . . . 12 gram.  
Cyanureto de potassio . . . . . 10 „  
Banha recente . . . . . 60 „  
Cêra, q. b. para fazer pomada.

*Pomada contra a enxaqueca* (CAZENAVE).

Ether chlorhydrico chlorado . . . . . 12 gram.  
Cyanureto de potassio . . . . . 10 „  
Banha . . . . . 60 „  
Cêra . . . . . q. b.

Faça pomada.

*Pilulas contra o rheumatismo* (MASSOT).

Camphora . . . . . 1 gram,  
Tartaro estibiado . . . . . 10 centigr.  
Thridacio . . . . . q. b.

F. S. A. 15 pilulas. Para tomar cinco pilulas de manhã em jejum, e duas antes de jantar.

Pode-se ajunctar:

Extracto d'opio . . . . . 10 centigr.

Estas pilulas teem sido empregadas com grande successo nos rheumatismos e nevralgias.

*Po antiseptico* (Ph. de Madrid).

Raiz d'arnica em po. . . . . }  
Bisulphato de quinina . . . . . } aã partes eguaes.  
Camphora . . . . . }

Misture exactamente. Para polvilhar as ulceras rebeldes e gangrenosas.

*Poção antitetanica* (Ph. de Madrid).

Infuso muito concentrado de flores  
d'arnica . . . . . 100 gram.

Agua distillada d'herva cidreira... 60 gram.  
Almiscar..... 60 centigr.  
Camphora..... 4 gram.

Ajuncte, segundo o estado dos orgãos urinarios:

Nitrato de potassa.. 2,50 — 3,50 — ou 5 gram.

Pulverisa-se a camphora com algumas gottas d'alcohol, e ajuncta-se o almiscar com uma pequena porção de mucilagem de gomma arabica; e em seguida dissolvem-se nos liquidos estas substancias e o nitrato de potassa.

Dose: uma colher de sopa todas as horas. Esta poção tem produzido bons resultados em certos casos d'asthenia, e nas affecções nervosas, particularmente nas que apresentam a forma convulsiva.

*Po ou pilulas contra a amaurose (Ph. de Madrid).*

Flores d'arnica..... 2,50 gram.  
Raiz de valeriana..... 2,50 „  
Gomma ammoniaca..... 2,50 „

Reduz-se tudo a po, e ajuncte:

Tartaro emetico..... 5 centigr.

Divida em tres doses, para tomar em 24 horas.

O po pode ser reduzido em pilulas, e ajudado d'um excipiente conveniente.

*Pilulas antineuralgicas (TOURNIÉ).*

Valerianato de zinco..... 30 centigr.  
Extracto de meimendo..... 15 „  
— d'opio..... 8 „  
Conserva de rosas..... q. b.

Misture e faça 6 pilulas. Para tomar duas ou tres por dia, com tres horas d'intervallo. Contra as neuralgias do quinto par.

*Emplastro balsamico de SCHIFFHAUS.*

Alvaiade em po fino..... }  
Azeite..... } aã 1 kilogr.

Misturam-se ambas as substancias, e ao calor se mexem até á consistencia d'emplastro, e ajuncta-se:

Sabão de Veneza em po..... 500 gram.

Castoreo da Siberia..... 6 gram.  
Camphora..... 100 „

*Emplastro anti-arthritis (Ph. d'Hanover).*

Emplastro de sabão..... 30 gram.  
Camphora..... 3 „  
Castoreo do Canadá..... 3 „

Misture, e funda em uma capsula.

*Linimento contra as febres (DEBOUT).*

Essencia de terebinthina..... 100 gram.  
Chloroformio..... 10 „

Para ser empregado em fricções sobre a columna vertebral, de manhã e á noute, durante a apyrexia, na dose de duas colheres grandes por cada vez.

Em lugar de chloroformio o Sr. Bellancontre emprega 4 gram. de laudano de Rousseau.

*J. D. Corrêa.*

CHYMICA.

**Observações ácerca da pureza do subazotato de bismutho que se vende em Lisboa; pelo Membro Effectivo, o Sr. José Alexandre Rodrigues.**

Em o n.º 2 da Gazeta Medica de Lisboa publicou-se o extracto de uma Memoria do Sr. Dr. Barral, *sobre o emprego therapeutico do subazotato de bismutho*; n'esse extracto escreveu-se que todo o subazotato de bismutho do commercio contém mais ou menos arsenico.

Que o bismutho do commercio contém não so arsenico, mas tambem enxofre, chumbo, cobre, e prata, é um facto que os Chymicos conhecem ha ja muitos annos; que vem mencionado em todos os Tractados de Chymica, onde egualmente se encontram diferentes processos para o purificar.

Tambem as Pharmacopêas teem indicado a existencia do arsenico no bismutho do commercio, e ensinado o meio

de purificar o metal antes de servir aos usos pharmaceuticos, como se pode vêr no Codex de Paris, na Pharmacopêa de Henry e Guibourt, e no Tractado de Pharmacia de Soubeiran, &c.

Era pois de esperar que os Fabricantes de productos chymicos, e os Pharmaceuticos, sabedores d'este facto, se esmerassem em purificar o bismutho com que houvessem de preparar o subazotato d'esta base.

Mas não tem succedido assim; por quanto, em Paris, descobriu Lassaigue que em muitas amostras de subazotato de bismutho existia arsenico.

E em Lisboa, o Sr. Julio Pimentel, encontrou igualmente arsenico em tres amostras que lhe remetteu o Sr. Dr. Barral, das quaes duas, segundo me consta, eram preparadas em Lisboa, e uma importada de França.

A' vista do exposto julguei do meu dever habilitar-me para informar os meus Consocios do que houvesse de positivo a respeito do subazotato de bismutho, que se fabrica e vende em Lisboa; e tendo obtido tres amostras, diversas pela origem, mas todas de fabricação lisbonense, e uma de produção franceza vendida em Lisboa; comecei a analyse d'estas amostras, cujo resultado final não posso ainda hoje apresentar-vos: por quanto, devendo eu determinar as proporções do arsenico contido nas ditas amostras, e tendo além d'isso começado algumas experiencias ácerca dos processos de purificação do metal e do subazotato, não pude acabar ainda esta parte do meu trabalho.

Com tudo não quiz deixar de vos fazer conhecer desde ja os resultados que alcancei pela analyse qualitativa das referidas amostras; tanto mais que em uma d'ellas encontrei certa falsificação tão redicula como culpavel, e contra a qual desejo prevenir os meus Consocios.

Devo declarar que as amostras, que servem ao meu estudo, teem origem differente d'aquellas em que operou o Sr. Julio Pimentel.

Designo-as por letras do alphabeto; a saber: *A, B, L, S.*  
E eis-aqui o que obtive.



A amostra (A) proveniente da drogaria do nosso Consocio o Sr. Antonio Feliciano Alves d'Azevedo, depois de tractada pelo acido sulphurico, para separar todo o acido azotico, e o residuo da evaporação dissolvido em agua distillada, introduzi-o no apparelho de Marsh, cuja pureza reconheci primeiro — não deu arsenico.

Tractado pelo acido azotico, dissolução completa.

A dissolução azotica foi tractada pelo carbonato d'ammonia, para precipitar todo o bismutho, e o liquido sobrenadante submettido á acção do sulphydrico — não deu precipitado.

A amostra (B) que me consta ser de importação franceza, submettida ao apparelho de Marsh — deu manchas de arsenico.

A amostra (L), chamo a attenção dos meus Consocios particularmente sobre esta amostra.

Em primeiro logar não tem aquella brancura que caracteriza o subazotato de bismutho; é ligeiramente amarelada.

E' em po mui fino que crepita manifestamente quando se aperta entre os dedos.

Quando lhe junctei acido sulphurico ennegreceu; e aquecendo a mistura transformou-se esta em um magma espesso e negrissimo.

Fervi um pouco em agua distillada, filtrei, e lancei-lhe uma gotta de tinctura de iodo; o liquido tomou logo a côr azul intensa e bella do iodureto d'amydo.

Uma pequena porção do po humedecido com agua, dá esta mesma reacção quando se lhe deita em cima uma gotta da tinctura de iodo.

Submettido ao apparelho de Marsh deu facilmente manchas volumosas de arsenico.

Além do arsenico, esta amostra está evidentemente misturada com amydo. Na segunda parte do meu trabalho consignarei a proporção em que a mistura está feita; os meios de a reconhecer (que são faceis), ficam acima indicados, e basta ensaiar o po com a tinctura de iodo.

A amostra (S), tambem contém arsenico.

Farei a diligencia para vos apresentar a continuação d'estes trabalhos na proxima sessão.

**Observações sobre a etherisação pelo chlorureto de zinco.**

O chlorureto de zinco fundido é solúvel no alcohol concentrado, e todos sabem que distillando-se um semelhante soluto, se obtém alcohol misturado com uma proporção notavel d'ether.

Esta faculdade que o chlorureto de zinco possui de etherisar o alcohol, é ha muito tempo conhecida, e não obstante não se tem dado até agora a este respeito mais do que uma imperfeita explicação, talvez porque senão tem estudado convenientemente os differentes productos da operação.

Se com effeito, depois de desmontado o aparelho em que se fez a distillação, se observar attentamente a composição do liquido contido no recipiente, vêr-se-ha que, independentemente do alcohol e do ether, contém uma quantidade maior ou menor d'acido chlorhydrico; e, se for mais longe a observação, reconhecer-se-ha que a quantidade d'este acido é rigorosamente porporcional á do ether produzido.

Se se examinarem similhantemente os productos da retorta, reconhecer-se-ha que, além do chlorureto de zinco e alcohol, existe sempre uma quantidade d'oxydo livre de zinco, correspondente, perfeitamente, por sua proporção ao acido chlorhydrico do recipiente.

Esta observação mostra que o chlorureto de zinco se decompõe para etherisar o alcohol, e a theoria da sua acção se reduz a um jogo d'affinidade. A' medida que a temperatura se eleva, a força que une os dous elementos do chlorureto de zinco perde pouco a pouco a sua intensidade, em quanto que pelo contrario a que tende a unir cada um dos seus elementos ao oxygenio e ao hydrogenio, se exalta progressivamente até sobre-exceder a primeira. Então verifica-se a decomposição, e, como consequencia, o alcohol é transformado em ether.

Como o chlorureto de zinco é formado de um equiva-

lente de zinco e outro de chloro, é facil de vêr que o alcohol deve perder o oxygenio e hydrogenio, nas proporções que constituem a agua. Mas convém observar o que a mesma experiencia demonstra claramente, e é que elles não existem no alcohol em estado d'agua. E com effeito, submettendo-se á distillação um soluto aquoso de chlorureto de zinco, seja qual for a sua concentração, e de qualquer forma que se varie a sua experiencia, ja mais se manifestará decomposição alguma. A agua passa sem alteração, e não se encontra no producto nem acido chlorhydrico nem oxydo de zinco. Quando o oxygenio e o hydrogenio estão combinados no estado d'agua, a affinidade dos principios constituintes do chlorureto de zinco, é incapaz para destruir a sua combinação. E, pois que elles sendo separados no caso do alcohol, convém admittir que elles ahi se encontram debaixo d'um outro estado.

Se o alcohol pois não contém agua, deve admirar que corpos extremamente avidos d'ella, como o chlorureto de calcio, não possam d'alguma forma etherisal-o, em quanto que outros chloruretos, menos avidos d'agua como o de zinco ou de ferro, operam perfeitamente esta transformação. Basta considerar que a condição não é somente a de arrebatara a agua, mas sim de a produzir. O chlorureto de calcio não pode mudar o alcohol em ether, por que seus principios constituintes estão tão intimamente unidos, que se não podem separar pela attracção simultanea do oxygenio e do hydrogenio contidos no alcohol. Ao contrario, os chloruretos d'estanho, d'antimonio ou de ferro, cujos elementos apresentam quasi o mesmo grau d'estabilidade que os do chlorureto de zinco, produzem os mesmos phenomenos que elle, e são igualmente proprios á producção do ether. O mesmo succede ainda com o fluorureto de boro, fluorureto de silicio, substancias que decompondo a agua produzem acidos fluorhydrico, borico e silico. Estes factos fallam altamente em favor da theoria do Dr. Mohr sobre a geração do ether.

(*Répertoire de Buchner.*)

H. J. de Sousa Telles.

## PHYSICA.

**Synopse das observações meteorologicas feitas na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa no mez de Abril de 1853; pelo Demonstrador de Medicina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.**

Temperatura media da atmosphaera	14°
"    maxima    "	17°
"    minima    "	11°
Maxima variação diurna de temperatura	3°
Pressão media da atmosphaera	758,36 <sup>mil.</sup>
"    maxima    "	769,61
"    minima    "	749,29
Ventos mais constantes durante o mez	N, NE.
Altura da agua no pluviometro	0,10 <sup>pol. linh.</sup>
Dia mais chuvoso do mez (19)	0,4
Grau medio d'humidade no hygrometro	2°,7

### *Considerações.*

O facto mais importante nas variações das qualidades sensiveis da atmosphaera foi o que diz respeito á humidade. Finalmente o ponteiro do hygrometro ja passou definitivamente para o semicirculo positivo, o que nos annos antecedentes costumava acontecer muito mais cedo. Com esta variação tem-nos parecido, como o tinhamos previsto no mez passado, coincidir a mudança sensivel da indole e natureza das molestias reinantes; pelo menos actualmente não temos observado essa marcha fatal de muitas molestias, que parecia resultar da acção entorpecida da pelle, nos mezes anteriores.

As rapidas variações de temperatura tem feito appa-

recer algumas pneumonias; das quaes uma foi summamente grave pelo acompanhamento de symptomas nervosos (soluços sobre tudo) que a complicaram. De résto não nos parece que a estação corra menos saudavel do que a correspondente nos annos anteriores.

Casa no Largo do Caldas, em o 1.º de Maio de 1853.

## HISTORIA NATURAL.

Estudos geologicos do Buçaco, insertos no Jornal — O INSTITUTO — de Coimbra; continuados de pag. 133.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Recebi com muito prazer a carta de V. S.<sup>a</sup> de 14 de Novembro, acompanhada das suas observações sobre a geologia do Buçaco, nas quaes acho muita materia interessante. Considerando eu estas observações fallarei separadamente das duas partes das mesmas, a saber:

1.º A descripção geologica do districto.  
2.º As razões para anticipar a descoberta do carvão abaixo do chamado *grés bigarré*.

1.º Concordo, com uma excepção, na classificação proposta por V. S.<sup>a</sup> dos terrenos em questão: porém como esta classificação somente se receberá por provada depois do exame das *especies* dos fosseis, eu havia de ficar muito grato a V. S.<sup>a</sup>, se tomasse o incommodo de me mandar uma colleção dos fosseis dos terrenos *devoniano* e *siluriano*, os quaes eu havia de examinar e comparar com as *especies* conhecidas (como fiz com os de S. Pedro da Cova e de Vallongo), a fim de pôr fora de duvida as determinações das edades dos terrenos.

Depois d'este exame estimava ter a permissão de V. S.<sup>a</sup>, de offerecer á nossa sociedade geologica, em nome de V. S.<sup>a</sup> uma traducção d'esta primeira parte da sua carta, acompanhada do meu appendice com listas e descripções das *especies* dos fosseis; pois esta seria uma verdadeira addição á sciencia.

Eu já disse acima, que concordo com V. S.<sup>a</sup> com uma excepção; a qual é o nome de *grés bigarré*, que V. S.<sup>a</sup> dá ao *grés* de traz de Coimbra. Não vejo motivos bastantes para semelhante classificação; pois com os poucos dados, que ha a este respeito, a dita formação poderá ser, ou mais moderna que o *grés bigarré* (por exemplo parte do *systema jurassico*), ou mais antiga (como parte do *old red sandstone* ou *systema devoniano*). Parece mais prudente deixar a classificação do dito terreno para se decidir mais tarde, do que dal-a já por decidida.

2.<sup>o</sup> Passo agora á segunda parte da Memoria de V. S.<sup>a</sup>, que contém as suas ideias sobre a probabilidade de se achar carvão entre o supposto *grés bigarré* e o terreno *devoniano* do Buçaco. Acho-me obrigado a declarar a V. S.<sup>a</sup>, que não somente as suas razões não me convencem, mas até acho muito improvavel a presença de carvão n'aquella posição.

Até agora não me consta com certeza, que a formação, que fornece tanto carvão no norte da Europa, exista na península: fallo da nossa *coal formation*, *le terrain houillier* dos francezes. Em Portugal conhece-se carvão na formação *siluriana* de Vallongo, e na *jurassica* de Buarcos. Em Hespanha os grandes depositos de carvão de Leão e das Asturias acham-se, ou na formação *devoniana* ou na parte inferior da formação do *calcareo carbonifero*; muito por baixo do *terrain houillier*. Tem-se dito que o carvão ao sul de Cordova pertence ao *terrain houillier*, porém nem conheço aquella provincia, nem me consta que tenha sido examinada por pessoa competente para decidir a questão, e assim dou a classificação por incerta.

Não vejo pois motivos para esperar a presença na Beira do *terrain houillier*, o qual é local em todos os paizes aonde existe, nem sempre se acha por baixo do *grés bigarré*, como por exemplo, aqui em Devonshire, aonde o *grés bigarré* é superior ás rochas *devonianas*, sem a intervenção do *terrain houillier*.

Se o dito *terrain houillier* existir na Beira, é natural que se mostre alguma parte na superficie; porém se assim



não succede, parece-me pouco provavel que exista escondido.

V. S.<sup>a</sup> perdoará um conselho, que é advertir-lhe que em lugar de querer comparar os seus terrenos com os do norte da Europa, buscasse uma comparação com as formações já conhecidas das Asturias, aonde existe um sistema de rochas muito semelhante ao do norte de Portugal, do qual se pode quasi chamar a continuação, e aonde a posição e abundancia do carvão são conhecidas. Depois do exame das provincias das Asturias e Leão, não devia ser difficil escolher os sitios em Portugal, aonde buscar o carvão com melhores esperanças, pois é natural que se ache em dous pontos tão visinhos, debaixo das mesmas circumstancias.

Torno a agradecer a V. S.<sup>a</sup> a sua franqueza em dirigir-me o resultado das suas observações, e me assigno com muita consideração. — De V. S.<sup>a</sup> att. venerador e criado. — *Daniel Sharpe.* — Londres 12 de Dezembro de 1850. — Ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. *Carlos Ribeiro.*

(Continúa.)

---

## REVISTA DOS JORNAES.

---

MAIO DE 1853.

**El Porvenir** é o titulo de um importante periodico hespanhol, cujo decimo numero se recebeu na Sociedade. E' dedicado aos interesses materiaes, moraes, e scientificos das classes medicas. Sentimos não ter recebido os numeros antecedentes.

**Iodo nas plantas.** — Continuam-se as experiencias para verificar a existencia do iodo nas plantas. Lêmos no Boletim de Medicina, de Madrid, que o Sr. Macadam encontrara aquelle metalloide nas seguintes especies: *Myosotis palustris*; *Mentha sativa*; *Menyanthes trifoliata*; *Equisetum limosum*; *Ranunculus aquatilis*; *Potamogeton densus*; *Chara vulgaris*.

**Oleo de mão de vacca.** — Recommenda o Sr. Radcliffe Hall este oleo como succedaneo do de figados de bacalhau. Bom serviço farjam á humanidade os nossos Medicos se averiguassem bem até que ponto é verdadeira a asserção do Medico inglez, e se conseguissem confirmal-a. O nosso collega José Vicente Leitão prepara com toda a perfeição o oleo de mão de vacca, do qual tivemos occasião de vêr uma bella amostra na exposição agricola. Facil é pois experimentar a sua acção, visto que pessoa tão acreditada o pode desde ja subministrar.

**Perolas d'ether.** — Lê-se no *Escholiaste Medico* um artigo extractado d'outro da *Union Médicale*, ácerca de um novo meio d'administrar o ether. Consiste em introduzir o ether em capsulas, como se faz com o oleo de copai-va, figados de bacalhau, &c. As vantagens que no citado artigo se attribuem ás capsulas com ether são as seguintes: 1.<sup>a</sup>, poder-se administrar uma quantidade certa d'ether, o que não é facil por outro qualquer meio, por causa da sua muita volatilidade; 2.<sup>a</sup>, não produzir sensação dolorosa sobre as partes da bocca e pharynge; 3.<sup>a</sup>, serem muito facilmente soluveis no estomago; 4.<sup>a</sup>, não deixarem perceber o cheiro do ether com o qual muitos doentes se incommodam; 5.<sup>a</sup>, poderem-se conservar por um anno, e segundo o Sr. Clertan, de Bijon, indefinidamente, sem alteração; 6.<sup>a</sup>, terem um nome bonito e serem agradaveis á vista. Diz-se que estão sendo empregadas pelos Srs. Trousseau e Pidoux, e que o Sr. Latour, Redactor da *Union*, as tem experimentado em si com bom exito.

**Morte pelo chloroformio.** — No hospital da Piedade, na clinica do Sr. Valleix, entrou um homem com um aneurisma da crosse da orta e prolapso do rectum. Para o reduzir julgaram conveniente chloroformisal-o; porém o doente foi victima do anesthesico.

**Fermentação galhica.** — O Sr. Robiquet publicou no *Journal de Pharmacie* d'Abril uma excellente Memoria sobre a transformação do tannino em acido galhico cujas conclusões aqui transcrevemos:

1.<sup>a</sup> A noz de galha contém, além do tannino e dos outros principios mencionados pelos Chymicos, a *pectose* e a *pectase* (1). A *pectase*, que existe no estado solúvel e insolúvel, obra sobre a *pectose* e sobre o tannino, transformando a primeira em *pectina*, e o segundo em *acido galhico*. Para que esta reacção se effectue é indispensavel a presença da agua, e uma temperatura de 25 a 30°. Esta reacção é em tudo similhante aos phenomenos ordinarios da fermentação. O tannino obtido pelo ether, que vulgarmente se usa, contém bastante *pectase* para se transformar espontaneamente, em presença da agua, em *acido galhico*; porém, se as suas soluções se purificaram ou fizeram ferver por alguns minutos, a transformação não se produz.

2.<sup>a</sup> A *synaptase*, o fermento da cerveja, a *albumina vegetal*, a *albumina animal* e a *legumina* teem uma acção muito duvidosa sobre o tannino em solução recente, e retardam, em vez de activar, a sua transformação em *acido galhico* e em uma materia analoga ao assucar. Pelo contrario, se a solução do tannino é antiga os fermentos, aqui mencionados, desinvolvem muito sensivelmente o alcohol e o *acido carbonico*. É tambem tão facil de converter a *pectina* dos fructos em *acido pectico* por meio da *pectase* tirada da noz de galha, como transformar o tannino em *acido galhico* com a *pectase* separada dos succos das raizes novas.

3.<sup>a</sup> A transformação do tannino das galhas em *acido galhico* pode designar-se, como *Laroeque* o provou ha muito tempo, com o nome de *fermentação galhica*; porém deve advertir-se que esta fermentação se confunde com a fermentação *pectica*, por que é o mesmo fermento (*pectase*) que obra em ambas.

4.<sup>a</sup> O liquido xaroposo que se obtem na preparação do tannino pelo methodo do Sr. Pelouze, não deve, segundo o Sr. Robiquet, ser considerado como um *ether tannico*, mas simplesmente como uma *juxtaposição d'agua de*

(1) *Pectose* é o corpo d'onde derivam todos os principios gelatinosos dos vegetaes. *Pectase* é o fermento pectico.

tannino e de ether, em proporções muito variaveis e de modo nenhum definidas (2). E' necessario para que esta especie de associação se effectue, que se dê uma das duas condições seguintes: ou expôr por muito tempo a noz de galha á humidade para que o tannino se hydrate directamente, e depois lixiviar com o ether anhydro; ou empregar a noz de galha sêcca e o ether lavado, contendo sufficiente quantidade d'agua para conseguir-se o mesmo resultado.

**Quinidina.** — Experiencias recentes feitas pelos Srs. Bouchardat e Felix Boudet confirmam a opinião do Sr. Pasteur (3), de que a quinidina não é sempre um alcaloide unico mas a mistura, em proporções diversas, de dous alcaloides dotados de formas crystallinas, solubilidades, e poderes rotatorios diversos, vindo assim a existirem, em vez d'um, dous novos alcaloides nas quininas. D'estes o que desvia o plano de polarisação para a esquerda parece ser um hydrato de quinina, porém isto ainda é muito duvidoso.

**Facto curioso d'arboricultura.** — Na *Gazeta Medica de Lisboa* menciona o Sr. Dr. Gomes um facto digno de registrar-se. Existe nos jardins dos Duques de Palmella, ao Lumiar, uma magestosa *Araucaria excelsa*, plantada alli, ao ar livre, em 1841, e tendo hoje provavelmente trinta annos de idade. Esta arvore, bem como outra que nos mesmos jardins existe, foi reputada feminina, por que nos dous annos anteriores mostrou amentilhos femininos, que se converteram em pinhas bem configuradas, mas inuteis por

(2) Para bem se perceber esta conclusão convém recordar uma circumstancia que o Sr. Robiquet menciona tambem na sua Memoria, que é a maneira por que o Sr. Pelouze e o Sr. Guibourt explicam a extracção do tannino pelo ether. O primeiro admite que, quando se tracta o po de galhas pelo ether aquoso, o tannino se dissolve na agua de que o ether está saturado, e que o ether anhydro opera como agente physico dotado de grande elasticidade, forçando a solução aquosa do tannino a atravessar o po, apezar da sua grande viscosidade. O segundo admite, que o tannino se combina directamente com o ether e agua formando um verdadeiro ether tannico. As razões em que se funda são: 1.<sup>a</sup>, o calor que se desinvolve quando o po de galha se humedece com o ether; 2.<sup>a</sup>, o reter o tannino xaroposo uma grande quantidade de ether, e não se separar n'estes dous principios quando se agita com a agua. As experiencias do Sr. Robiquet levaram-o a interpretar os factos d'outro modo.

(3). Vide Revista dos Jornaes, pag. 55.

que, sendo as araucarias plantas dioicas, e não as havendo masculinas n'aquelles jardins, as sementes vinham por fecundar. No mez d'Abril d'este anno a mesma arvore, que até agora apresentava strobillos infecundados, desinvolveu amentilhos masculinos, tornando-se d'est'arte monoica. Diz o Sr. Dr. Gomes que um egual phenomeno tivera logar no jardim botanico de Coimbra em uma araucaria brasiliense, plantada no tempo do Dr. Brotero.

**Acção da cidra sobre o chumbo.** — E' digno d'atenção um factio que vem mencionado no Jornal de Chymica Medica de Paris ácerca da acção da cidra sobre o chumbo. Foram envenenados pela cidra um homem e sua mulher, sem que aquella bebida tivesse sido clarificada com preparado algum de chumbo, mas so por ter atravessado um tubo d'aquelle metal. O Sr. Chevallier, que foi o que examinou o liquido, diz que a cidra attaca o chumbo mais que todos os outros liquidos, mais que a agua e que o proprio vinho dos arredores de Paris. Em Lisboa começa a generalisar-se o uso da cidra, e nas casas inglezas usam tiral-a dos depositos por meio de bomba; bom será que a Auctoridade vigie o caso, e sendo necessario ordene que so se possam usar tubos de cobre estanhado.

**Xarope de diacodio.** — Nos Jornaes de Pharmacia e de Chymica de Março e Abril d'este anno (1853), vem um artigo magistral do Sr. Meurin ácerca do xarope de diacodio. O Auctor, a fim de remediar a anarchia que em França reina na preparação d'este xarope, fez um estudo analytico profundo sobre as diversas partes (pericarpo, disco, stygma, pedunculo) das capsulas grandes, medias, e pequenas do *papaver somniferum album longum*, que corroborou com experiencias clinicas. A conclusão que tirou foi que o xarope de diacodio é mais activo quando se prepara com o extracto hydro-alcoholico das capsulas grandes da variedade acima mencionada. Recommendamos a leitura d'aquelles artigos, não tanto por que se devam adoptar, sem previo exame, no nosso paiz, as suas conclusões, como por ser um modelo d'estudo para os que se dedicam a escrever formulas.

**Victimas de Baccho.** — Na Alemanha o vicio predominante das classes baixas é a bebedice. Aquellas gentes miseraveis vivem para beber e bebem até acharem a morte no copo. O *duello a vinho* entre Trichter e Freswanst não é um episodio, é uma trivialidade n'aquelle paiz d'excentricidades. Temos presente um jornal estrangeiro onde se lê, que annualmente morrem na patria de Schiller 40:000 pessoas victimas de bebidas alcoholicas. A' vista de tão grande amor pelo vinho admira o ter Prie-nitz preferido a agua no seu methodo universal.

Sousa Telles, Junior.



PECAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 459, de 14 d'Abril de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Abriu-se a sessão pelas sete horas e meia da noute, foi lida e approvada a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Corrêa mandou para a Mesa a seguinte declaração de voto, para ser lançada na acta. « Declaro que, na sessão precedente, votei contra o Art.º 34.º do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos, na parte em que dispõe o primeiro provimento das Cadeiras das Escolas Especiales de Pharmacia. »

O Sr. Telles Senior propoz que o Sr. 1.º Operador seja convidado a apresentar o oxydo negro de mercurio, como o poudre obter, para a Commissão de Pharmacia preparar a pomada de Barendsprung, e ser depois remettida aos Srs. Directores dos Hospitaes, da Marinha e do Exercito, para serem convidados a mandarem proceder aos competentes ensaios, e poder-se resolver a questão pendente. — Ficou para segunda leitura.



Continuando-se com a discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos, procedeu-se á leitura do Art.º 9.º que ficara adiado para quando se votasse o Art.º 34.º; o qual foi approvedo.

O Art.º 35.º entrou em discussão, e o Sr. Corrêa apresentou o seguinte additamento: « em egualdade de circumstancias serão preferidos os que tiverem o Curso regular das Escolas. »

Os Srs., Pereira e Telles Senior, insistiram na doutrina do Art.º do Projecto, e posto á votação foi approvedo o Art.º 35.º como estava.

A'cerca do Art.º 36.º o Sr. Pereira oppoz-se ás provas practicas exigidas aos concorrentes ás Cadeiras, concordando apenas nas oraes e por escripto. Posto o Art.º á votação foi approvedo, e não vencida a opinião do Sr. Pereira.

Os Art.ºs 37.º e 38.º foram approvedos.

Em quanto ao Art.º 39.º propoz, o Sr. Pereira, a sua eliminação; a qual sendo combattida pelos Srs., Corrêa, Telles Senior, e Vicente de Jesus, foi depois approvedo o Art.º como estava no Projecto.

Os Art.ºs 40.º e 41.º foram egualmente approvedos; e com esta votação ficou terminada a discussão do Projecto.

Em seguida foram lidas pelo Sr. 1.º Secretario todas as propostas, lembranças, e considerações dos nossos Consocios, os Srs., Dr. Pereira Caldas, de Braga; J. J. de Carvalho, de Villa-Nova de Gaya; e L. V. Fortuna, de Mathosinhos; as quaes estavam sobre a mesa para serem tomadas na devida consideração.

Finda esta leitura, o Sr. Presidente foi pondo cada uma d'ellas á votação, as quaes umas estavam ja adoptadas no Projecto, e outras prejudicadas.

Pelas 10 horas e um quarto fechou o Sr. Presidente a sessão.

Acta n.º 460, de 28 d'Abril de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a sessão pelas sete horas e tres quartos da noite, lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario, dando conta da correspondencia, fez menção de um officio do nosso Delegado na Covilhã, o Sr. Antonio Baptista Alves Leitão, acerca d'abusos de policia pharmaceutica; e a Sociedade deliberou que o dito officio fosse publicado no Jornal.

O Sr. Corrêa fez uma proposta de Candidato para Membro Honorario; a qual, depois de correr pelas mãos dos Socios presentes, foi remettida para a Commissão de Direito Pharmaceutico para dar o seu parecer.

O Sr. Rodrigués apresentou e leu um trabalho seu, acerca da pureza do subazotato de bismutho que se vende em Lisboa. — A Sociedade deliberou que fosse publicado no Jornal. (Vide pag. 141.)

O Sr. Corrêa deu parte que as Commissões de Pharmacia e de Redacção não tinham em seu poder trabalhos alguns, que houvessem de apresentar pareceres á Sociedade. E igualmente deu conta do estado dos trabalhos da Commissão encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes; e remetteu para a Mesa uma conta circunstanciada das despesas feitas por esta Commissão.

O Sr. Oliveira Senior pediu que esta conta estivesse sobre a mesa, para ser examinada por todos os Socios. — A Sociedade assim o approvou.

O Sr. Telles Junior disse que na Commissão d'Historia Natural só havia uma porção de urzella para ser avaliada a quantidade de sua materia corante; e que este trabalho brevemente seria apresentado.

O mesmo Sr. informou a Sociedade de que a Commissão da Analyse dos Vinhos não poderia apresentar os seus trabalhos antes de Outubro proximo-futuro, especialmente dos vinhos da Extremadura.

O Sr. 1.º Secretario fez a leitura da ultima redacção do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos; a qual foi approvada depois de algumas observações feitas pelos Srs., Rodrigues, Corrêa, e Telles Junior.

O Sr. Presidente consultou a Sociedade ácerca do destino que se devia dar ao projecto que acabava de ser approvado.

O Sr. Corrêa, attendendo a que na actual sessão das Camaras Legislativas ja não haveria tempo de tomar em consideração o dito projecto, fez a proposta seguinte:

1.º Que o projecto seja impresso no proximo numero do Jornal.

2.º Que preceda ao mesmo projecto um convite d'esta Sociedade, e assignado pelo Sr. 1.º Secretario, a todos os nossos Consocios Correspondentes e áquelles que não poderam concorrer ás sessões em que foi discutido, para lhe fazerem um exame rigoroso e completamente livre; offerecendo a esta Sociedade, até ao fim d'Agosto do presente anno, as observações que julgarem convenientes.

3.º Que estas observações, á medida que forem sendo recebidas, sejam apresentadas nas immediatas sessões, e conservadas sobre a mesa para serem consultadas pelos Socios.

4.º Que na primeira sessão de Setembro proximo-futuro sejam remettidas ás ditas observações á Commissão que redigiu o projecto, para sobre ellas dar o seu parecer, e chamar a attenção da Sociedade no que se apresentar importante e conveniente.

Submettida esta proposta á discussão, os Srs., Rodrigues, Sebastião Athanazio, e Assumpção, fizeram vêr que ainda havia um mez ou mais de sessão das Camaras Legislativas; e votaram para que o projecto lhes fosse endereçado.

O Sr. Corrêa disse que, para não gastar mais tempo á Sociedade, retirava a sua proposta.

A Sociedade deliberou que o projecto fosse remettido com brevidade ás duas Camaras Legislativas e ao Sr. Ministro do Reino.

A's dez horas fechou-se a Sessão.

*Manuel Vicente de Jesus,*

2.º Secretario.

**Questões scientificas.**

1.ª E' possivel falsificar-se o azeite, extrahido das azeitonas, com o azeite de purgueira? Se a falsificação é possivel, quaes são os caracteres physicos e os meios chymicos pelos quaes se poderá reconhecer?

2.ª Qual ou quaes são os processos empregados, nas confeitarias de Portugal, para a refinação do assucar? As vasilhas, os processos, ou as substancias empregadas n'esta operação, poderão ter influencia na qualidade do assucar a ponto de o tornarem nocivo á saúde, como muitas pessoas julgam?

3.ª Existe no commercio portuguez assucar adulterado? Com que substancias? Prove-se a asserção com analyses qualitativas; indique-se a proveniencia das amostras analysadas, e o processo analytico seguido.

A Sociedade vae occupar-se das questões acima mencionadas, e pede a todos os seus Socios de Lisboa e das Provincias que se dignem communicar-lhe qualquer facto, observação, ou experiencia que possa concorrer para a sua resolução.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 19 de Maio de 1853.

*Henrique José de Sousa Telles,*

1.º Secretario.

## ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Sendo um dos fins da nossa Sociedade sustentar e defender, por todos os meios legais, o credito e dignidade pharmaceutica, o que por certo 'ella tem feito, e do que tem resultado bastantes beneficios á Classe; cumpre-me levar ao conhecimento de V. S.<sup>a</sup> que existe n'esta Villa um Pharmaceutico, o Sr. Luiz José Cardona, que está offerecendo o odioso escandalo das avenças e ajustes por um determinado preço e tempo, com diversas familias ou particulares; o que é um crime á face da Lei, como se pode vêr da disposição do Alvará de 22 de Janeiro de 1810, §. 15.<sup>o</sup>, mandado observar rigorosamente no Edital de 30 de Setembro de 1818, e confirmado por Portaria de S. M. a Rainha de 11 de Outubro de 1836.

A' vista do que, sabendo alguns collegas nossos que eu sou Delegado da Sociedade n'esta Comarca da Covilhã, teem vindo ter comigo pedindo providencias; o que me resolveu levar este facto ao conhecimento de V. S.<sup>a</sup>, e por sua via pedir auctorisacão da Sociedade, para em seu nome representar por escripto ao Delegado de Saúde d'este Districto sobre um tão escandaloso e prejudicial abuso. Fico aguardando a decisão da Sociedade, para devidamente a observar.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Covilhã, em 13 d'Abril de 1853.

— Ill.<sup>mo</sup> Sr. *Henrique José de Sousa Telles*, Primeiro Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — *Antonio Baptista Alves Leitão*, Delegado da Sociedade.

DIVERSIDADES.

Viagem pharmaceutica á Exposição universal de Londres, pelo Sr. Dorvault; continuada de pag. 68.

O sublimado corrosivo, e principalmente os calomelanos, não podiam faltar entre os productos inglezes; e por isso os specimens eram numerosos, abundantes e bons.

Entre os productos de grande fabricação citaremos primeiro que todos os colóssos crystallinos de sulphato de cobre, d'alumen, de bichromato e de prussiato amarello de potassa, que serviam de ornamento da galeria principal da exposição, e de que já fallámos no principio d'esta relação. A proposito d'estes mencionaremos, ainda que pertencentes á Historia Natural, a caverna ou gruta de spermaceti que se achava a seu lado, e dous globos de camphora, que relativamente lhes não eram inferiores em volume. O alumen formava um tonel enorme ou uma torre cuja textura crystallina interna se via atravez d'uma fenda. O sulphato de cobre, o prussiato e o chromato formavam pagodes, &c. Citaremos ainda pela elegancia de suas formas e pela grandeza pouco commum um pão de sal ammoniaco de seis pés de diametro, e uma massa de carbonato de soda cuja crystallisação em pentas, erguendo-se a alturas differentes, simulava muito bem uma galeria. Estas monstruosas amostras exigiram certamente muito trabalho physico para se obterem, mas sem duvida exigiram menos paciencia e habilidade que certos productos delicadissimos dos que já citámos.

Antes de deixarmos os productos chymicos inglezes, teriamos ainda de mencionar alguns se os julgassemos mais dignos de attenção. Primeiro o 'acido nitrico em crystaes, obtido passageiramente pela primeira vez pelo nosso compatriota o Sr. Deville, e que vimos figurar no catalago da exposição, mas que não vimos em substancia; depois os saes vitales electricos (pyretiks salts) crystallizados, tirados do sangue, e que o auctor parece inculcar como proprios para curar



os estados pathologicos d'este fluido; finalmente o *eterno* chloro para a destruição dos cheiros máos, o qual encontramos em dous logares. ¿Que significam estes productos?

Os fabricantes inglezes tiveram a boa ideia de expor ao exame dos visitantes as differentes phases da fabricação d'um producto, umas vezes por meio de amostras da materia nos diversos periodos do tractamento, outras vezes representando em ponto pequeno as fabricas, trabalhando. A extracção do alumen estava representada pela seguinte serie de amostras, em muitos logares: primeiro estavam os schistos aluminosos no seu estado natural; depois calcinados; depois as aguas da lixiviação; estas aguas em evaporação, em crystallisação, e por fim o alumen. Em outros ramos de industria seguiram tambem o mesmo methodo: um chocolateiro representava um cacoeiro natural ou pintado; o negociante de café, um cafeeiro; um tecelão, um algodoeiro; um fabricante de vernizes, as differentes materias resinosas, e outras empregadas na sua arte; um cortidor, amostras das principaes substancias tannicas. Foi por isto que conseguimos conhecer applicações que ignoravamos e das quaes algumas relataremos na sequencia d'este relatório.

Os productos chymicos francezes, enviados á exposição, eram geralmente productos da grande fabricação e destinados aos usos industriaes. Todos os fabricantes de productos chymico-pharmaceuticos, para nos servirmos de uma expressão admittida, *brilhavam pela sua ausencia*.

¿De que procederia esta abstenção? ¿Acaso temeriam elles um parallelo desvantajoso? Não tinham razão. Tinham muito a ganhar individualmente, e fariam grande beneficio ao nosso paiz entrando na arena. Debaixo d'este ponto de vista merecem grave censura. Ha combattes, mormente quando se tracta da arte e da industria, que é mister acceitar por patriotismo. Na verdade, se lhes não fosse possivel exceder os seus competidores em quanto a certos productos da ultima perfeição, poderiam, fazendo, como os expositores inglezes, sacrificios de tempo e de

dinheiro para a confecção de productos mais artisticos do que vendiveis, mostrar-lhes que lhes era possível excedel-os em habilidade de manipulações. O que temos visto nos concursos quinquenaes garante o que dizemos.

Para um concurso internacional, os nossos fabricantes, teriam feito mais ainda, teriam desbancado.

Entre os productos francezes citaremos, por causa da belleza das amostras, pela sua novidade, ou pelo seu interesse, os seguintes :

Os productos iodicos de Cherbourg (Manche) e de Conquet (Finisterrae) que não tinham rivaes em belleza, pureza, e quantidade, entre os productos estrangeiros.

Como se obteriam, com effeito, laminas de iodo mais largas, mais definidas; crystaes de iodureto de potassio, mais volumosos, mais perfcitos, e apresentando em mais alto grão este branco de leite que tanto se aprecia? Vimos alguns d'estes crystaes que deviam pesar 50 grammas. A fabricação de productos iodicos é actualmente uma industria importante.

Annualmente, como dissemos na nossa *Iodognosia*, extrahem-se nas costas de França dez mil kilogrammas de iodo; se nos lembrarmos da pequena quantidade de iodo que nas plantas existe em relação aos outros principios far-se-ha ideia da quantidade d'estas plantas que é necessario colher (muitos milhões de kilogrammas), e da quantidade de braços occupados em fazer esta colheita. Seria talvez um paradoxo dizer que a syphilis e as scrophulas, que alimentam esta industria, são um beneficio para a humanidade.

Voltemos ás nossas citações.

A digitalina, descoberta pelos Srs. Homolle e Quevenne, e exposta por elles. A digitalina é um medicamento importante, mas que por ser perigosamente activa aconselhámos aos practicos não receitem senão debaixo da forma de pequenos confeitos, contendo um millesimo de digitalina, segundo o preceito dos auctores.

Os productos magnesianos da fabrica dos Srs. Lalande e Chevallier, de Mans, que rivalisam com os productos

ingrezes da mesma natureza, os quaes até ao presente tinham abastecido a Europa.

O sulphato de magnesia exposto pelo Sr. Malapert, Pharmaceutico de Poitiers (Vienna), merece especial menção, pela pureza e finura da sua crystallisação.

A salicina do Sr. Leroux, de Vitry-le-Français (Marne) que, infelizmente, em vez de ser empregada para o que ella serve, isto é como antiperiodico ás vezes util, é lançada em grande quantidade no commercio pelos fabricantes alemães, para falsificar o sulphato de quinina com o qual se assemelha muito.

Os productos salinos da sociedade Prat e Agard, de Marselha, que consistiam em saes de magnesia, de soda, e de potassa obtidos, pelo engenhoso processo do Sr. Ballard, de uma fonte inexgottavel, as aguas mães das marinhas de sal. Este processo, que se liga ás mais importantes questões da philosophia chymica, o estado dos corpos, nas dissoluções salinas, e a influencia das massas nas combinações, consiste em tirar successivamente os saes contidos nas aguas do mar, aproveitando a sua diversa solubibilidade, segundo a composição da mistura salina, e da facultade que uns teem de crystallisarem debaixo da influencia do calor do verão, e outros debaixo da influencia do frio do inverno.

O phosphoro exposto pela casa Coignat, de Lyon, que é quasi a unica que abastece toda a França d'este corpo simples (3).

As importantes colleções de productos ammoniacaes, provenientes uns da urina, dos ossos, e d'outros despojos animaes; outros dos residuos da purificação do gaz da iluminação, da hulha, da madeira, e que provam os immensos recursos que a Chymica presta ao homem.

Os productos expostos com os nomes de *essencia d'amen-*

(3) A casa Coignat, que é a unica em Lião que prepara os productos dos ossos, lança annualmente no commercio 350:000 kilogram. de colla forte, 300:000 kilogram. de negro animal, e 40:000 kilogram. de phosphoro.

*doas amargas* ou de *mirbane* e *essencia d'ananás*, pelo Sr. Collas, Pharmaceutico de Paris. Um dos nossos sabios Chymicos, estudando a hulha, entre os numerosos productos que obteve, distinguio um dotado de cheiro d'amendoas amargas. Nós, na nossa *Revista pharmaceutica de 1848*, reunindo os trabalhos dos diversos Chymicos sobre os productos obtidos da hulha; chamámos mui especialmente a attenção dos nossos leitores sobre um d'esses productos, a benzina, e sobre as numerosas applicações que nos parecia poder ter. O meu collega, que parece destinado a applicar á practica as descobertas scientificas, aproveitou aquellas indicações e trabalhou em descobrir os processos practicos para obtel-a; hoje a *nitro-benzina*, pois que é d'ella que se tracta com o nome de *essencia d'amendoas amargas* e de *mirbane*, é empregada em grande quantidade na perfumaria e na aromatisação dos sabões.

A *nitro-benzina* é o resultado do tractamento do oleo da hulha purificado pelo acido nitrico mono-hydratado, e pela distillação.

Para obter a *nitro-benzina* incolor é necessario rectifical-a. Esta operação deixa em residuo a materia corante que, pelo seu contacto a frio com o alcohol, dá com a maior facilidade um ether que tem o cheiro do ananás, e talvez o de morango. E' este producto que o Sr. Collas propõe com o nome d'essencia d'ananás para aromatizar os xaropes, os gelados, os boubons d'hulha, não. . . . d'ananás. Duas ou tres gottas são bastantes para aromatizarem uma garrafa de xarope acidulo.

A *benzina*, producto mais facil d'obter que os precedentes, attendendo ás applicações mais importantes que cedo terá, é hoje preparada e vendida em grande quantidade pelo Sr. Collas, para desengordurar os tecidos, em logar da *essencia de terebinthina*, que cheira muito mal, e da *essencia de limão* que é muito cara.

O acido carbazotico ou *nitro-picrico*, producto que se pode obter de diversas substancias, e particularmente da hulha, como os precedentes, e que constitue uma subs-

tancia tinctorial de côr amarella bellissima e muitissimo diffusivel, foi exposta por um fabricante de Lyon.

O alchimista Kunkel, um dos auctores da descoberta do phosphoro, dizia, que se fosse sabido o valor da urina nem uma so gotta d'ella se deixaria perder. Pode dizer-se o mesmo da hulha; e recommendar que nem um so atomo d'esta substancia se desperdice. Trabalhos, ineditos ainda, sobre esta substancia devem augmentar muito mais as suas applicações.

Entre os productos, communs aos tres paizes, cujas riquezas chymicas mencionámos n'esta breve revista, citaremos o chloroformio em quantidade sufficiente para chloroformisar todos os individuos que entraram na exposição em um dia, e ainda muitos mais, não obstante ser grande o numero d'aquelles. Os fabricantes alemães, inglezes, e francezes apresentaram o novo e eminente anesthesico, como que em aposta, e mostraram o baixo preço por que se pode vender (4). Porém este chloroformio, proprio para os usos industriaes; não poderia usar-se em Pharmacia sem que fosse escrupulosamente rectificado, sob pena de expôr os Cirurgiões a grandes perigos.

O sulphureto de carbono, que tanto se emprega na industria, na dissolução dos corpos gordos, das resinas, vulcanisação do caoutchouc, &c., e que merecia mais extenso logar na materia medica franceza, pode-se vender em bruto a 2 francos 5 c. e 3 fr. o kilogramma. Ha sete annos vendia-se a 7 francos a onça.

Os productos da distillação da madeira: acido acetico e pyrolenhoso, acetona, acetatos, pyrolignites de ferro, oleos pyrogenos, figuravam, principalmente na exposição alemã e franceza. O pyrolignito de ferro liquido espesso, negro-esverdeado, poderia ser empregado, pelos Medicos, em banhos, com utilidade, efficacia, e economia.

Os productos arsenicaes, e mais que todos o acido ar-

(4) O Jury da exposição decidiu, ao principio, que os preços de venda não fossem indicados sobre os productos expostos; mas nós podemos obter indicações a este respeito por documentos particulares. O catalogo especial dos productos de Zolwerein, por exemplo, cotava todos os productos que lhe diziam respeito.

senioso, foram enviados com abundancia pelos tres paizes. Havia alli com que envenenar a nação ingleza toda, e não obstante, com quanta facilidade em certas circumstancias, se fechou os olhos ao perigo; estas massas de veneno, estavam, como verificámos, em vasos abertos, sendo por consequencia possivel a qualquer individuo esperto e mal intencionado aproveitar-se da occasião. O decreto de 29 de Outubro de 1846 sobre venenos, tão severo para os Pharmaceuticos, foi completamente esquecido na exposição universal.

Além dos productos provenientes d'Alemanha, Inglaterra, e França nada havia, d'este genero, digno de mencionar-se. A Hespanha, Portugal, o Piemonte, a Toscana, a Belgica, a Russia, os Estados-Unidos d'America so enviaram productos chymicos naturaes (sulphato de cobre, de ferro, d'alumina, &c.) ou somente os productos d'um ou dous fabricantes. A Suissa mandou um so producto chymico, mas era importante pelo seu peso, e bom pela qualidade; era um frasco de sulphato de quinina que pesava 70 onças. Bengala mandou, com numerosos productos chymicos naturaes, productos de fabricação, por exemplo, a morphina e seus saes. Estes productos, corados, amorphos, em uma palavra, grosseiramente preparados, provam que na India se preparam productos chymicos, e entre outros os alcaloides, mas que a arte está ainda na sua infancia.

Centro de Documentação Farmacêutica

*Historia Natural Medica.*

da Ordem dos Farmacêuticos

Se na exposição universal os productos chymicos eram numerosos, as substancias pertencentes á Historia Natural o eram muito mais. Por isso e por ser curto o espaço de que podemos dispôr abbreviaremos a lista e a descrição das mesmas substancias.

Não foram as nações europeas que maior numero de objectos d'Historia Natural enviaram, e facil é perceber a razão. Que interesse teriam alli substancias que crescem



ou se produzem debaixo de nossos olhos, e que podemos obter com facilidade? Mas as regiões longinquoas compensaram exuberantemente aquella falta. ¿Que multidão de productos accumulados no local especialmente consagrado ás drogas simples enviadas pelas Presidencias das possessões inglezas da India? Se aquella sala não brilhava nem pela symetria nem pelo esplendor dos objectos que a decoravam em compensação, que variedade d'elles! Se o publico a deixava deserta, ou por que a vista alli não fosse tão lisongeada, ou porque lhe repugnasse o cheiro forte das drogas, de quanta belleza não era ella para o Naturalista! Alli via elle drogas que so conhecera pelo nome; alli observava variedades d'uma mesma substancia em tão grande numero e tão diversas, que por vezes saltando do alpha ao omega da serie se arriscava a considerar a variedade fora da especie e a dar-lhe um outro nome; alli verificava que o homem é muitas vezes mais presumçoso que sabio, mesmo no objecto ordinario dos seus estudos; alli finalmente se certificava, observando aquellas collecções de productos animaes, vegetaes e mineraes, metade dos quaes, talvez, não tinham nomes, que todos os nossos dictionarios de drogas simples, ainda os mais compactos, são incompletos: aquellas numerosas substancias, cujos nomes e usos ignorámos são conhecidas e usadas nos extensos paizes d'onde vieram; e quantas d'ellas preencheriam com vantagem as lacunas da nossa *Materia Medica*? Dirão os scepticos que demasiadas temos nós ja; é verdade, temos muitas, porém inertes; activas não.

¿Quem se atrevera a dizer que com as drogas que possuímos se podem satisfazer todas as indicações therapeuticas, e que em todos os casos é escusado ir buscar outras novas? Na verdade, antes da descoberta dos medicamentos os mais heroicos que a *Materia Medica* possuiu houve scepticos que diziam o mesmo que os do nosso tempo dizem; por outras palavras, sempre houve e haverá sempre scepticos. E' tão facil o não acreditar! ¿Ha annos a esta parte não tem sido introduzidas na *Materia Medica* muitas substancias exoticas e não enchem ellas verdadeiras lacunas? ¿Por ventura o

*koussou* e o *matico*, não são preciosos específicos? ¶ Muitos outros, por exemplo, o *sambul* e o *cedron* (5) não estão batendo á porta com grande probabilidade de serem admittidos com distincção? Quando taes medicamentos se admittem, não se enche de farragem a *Materia Medica*; espurga-se, simplifica-se, pelo contrario, por que em vez d'esta multidão de medicamentos de virtude duvidosa ou nulla, alcança-se ter um pequeno numero d'agentes de virtudes reconhecidas. ¶ Antes de se conhecerem o mercurio e o iodo, a quantas substancias se tinha recorrido para curar a *syphilis*?

(Continúa.)

Sousa Telles, Junior.



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

(5) Substancia de que o Sr. Dorvault foi o primeiro que fallou em França (*Revue pharm.* de 1850). Estas sementes, que vem de Panamá, são attribuidas ao *simaba cedron* das *simarubeas*. Na Nova Granada são um preciosissimo especifico contra as mordeduras das serpentes, a *hydrophobia*, e as febres intermitentes. Vendem-se alli a real o cotyledon. Lewy, que trouxe de Bogota uma planta de cedron ainda nova, obteve das sementes por meio do ether um principio crystalino, muito amargo, que chamou *cedrina*. O Sr. Rayer, que actualmente está experimentando o cedron no Hospital da Caridade, obteve, na dose de meia a uma gramma por dia, excellentes resultados como febrifugo. Confessamos que seria muito mais importante se curasse realmente a *hydrophobia*.

## SAÚDE PUBLICA.

### Da magnesia hydratada considerada como antidoto.

Das experiencias feitas por Schuchardt resulta que a magnesia hydratada constitue um antidoto certo, não so do acido arsenioso em solução ou em substancia, o que é ha muito conhecido, mas tambem do sublimado corrosivo, dos saes de cobre; e mesmo, ainda que as experiencias do auctor não sejam sobre este ultimo ponto tão decisivas, de certos alcaloides, taes como a morphina, e a brucina.

O hydrato de magnesia prepara-se directamente misturando agua com a magnesia ligeiramente calcinada. Nos casos d'envenenamento pelos arsenicaes, a quantidade de magnesia, administrada como contraveneno, deve exceder vinte vezes a do veneno ingerido; no caso de se querer neutralisar os effeitos toxicos do sublimado corrosivo, a quantidade do antidoto deve ser somente cinco vezes maior que a do veneno. (*Geneesk. Cour.*)

Os Srs. Payen e Chevallier indicaram, antes do anno de 1830, o emprego da magnesia como antidoto do chlorureto d'antimonio, dos acidos chlorhydrico, azotico, phosphorico, sulphurico, citrico, oxalico, tartarico, do chlorureto d'estanho, do nitrato de bismutho, do nitrato de chumbo, do sulphato de ferro, do sulphato de zinco, da brucina, emetina, morphina, estrychnina, e das cantharidas.

(*Traité des réactifs*, 2.<sup>o</sup> vol., p. 370.)

C. E. Corrêa.

## PHARMACIA.

### Falsificação do balsamo de copaiva pela colophonia.

No tomo 4.<sup>o</sup> da 1.<sup>a</sup> serie d'este Jornal, pag. 365, publicou-se um importante artigo do nosso amigo e collega o 2.<sup>a</sup> Serie, T. IV. — N.<sup>o</sup> 6.

Sr. Henrique José de Sousa Telles, acerca do balsamo de copaiva; no qual descreve as falsificações a que está sujeito este balsamo, e os meios de reconhecê-las.

O nosso collega o Sr. Vivier, no *Jornal de Chymica Medica de Paris* — Maio de 1853, annuncia que o balsamo de copaiva é em grande escala falsificado pela colophonia, em consequencia da propriedade que tem esta substancia de se dissolver no dito balsamo, sem impedir a sua solidificação com a magnesia, nem a sua perfeita solubilidade no ether.

O Sr. Vivier, depois de repetidas experiencias que fez para reconhecer a presença da colophonia no balsamo de copaiva, apresenta-nos no dito *Jornal de Paris* os resultados seguintes:

5 grammas de copaiva pura dão, com 10 grammas d'alcohol anhydro, um soluto amarelento, transparente, sobrenadando-lhe um ligeiro precipitado branco de resina não dissolvida. (1.º soluto.)

5 grammas d'uma mistura, contendo 4 por 100 de colophonia, produzem, com 10 grammas d'alcohol anhydro, um soluto transparente, de coloração ligeiramente escura, sobrenadando-lhe o precipitado branco de resina, contendo crystaes brancos devidos ao acido sylvico da colophonia, insolavel no alcohol anhydro. (2.º soluto.)

Estes solutos, submettidos á acção dos seguintes reagentes, deram os resultados que se seguem:

Com o *soluto aquoso de sulphato de cobre*. — O 1.º soluto, precipitado crystallino azul-celeste, sobrenadando-lhe um liquido transparente, azulado; e o 2.º soluto, precipitado crystallino azul-esverdinado, sobrenadando-lhe um liquido turvo e esverdinado, tendo em suspensão uã massa espherica oleosa, d'uma côr verde-maçã.

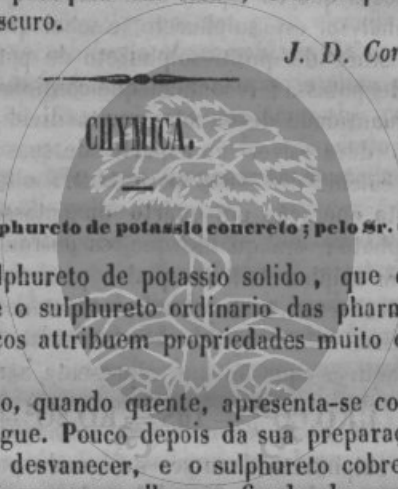
Com o *ammoniaco*. — O 1.º soluto, precipitado branco-amarellado; e o 2.º soluto, precipitado escuro-avermelhado.

Com a *potassa-caustica*. — O 1.º soluto, precipitado branco, escurecendo passados alguns instantes; e o 2.º soluto, precipitado escuro-avermelhado, escurecendo mais com o tempo.

As colorações verdes e escuras augmentam d'intensidade na proporção da maior quantidade de colophonia existente. Em 15 ou 20 por 100, vê-se o globulo oleoso, observado na primeira reacção, e a colophonia precipitada em laminas resinosas de côr vermelha-escura.

Finalmente, o balsamo de copaiva, falsificado pela colophonia, dissolvido no alcohol anhydro, deposita pequenos crystaes brancos d'acido sylvico; com os saes de cobre o soluto alcoolico precipita em verde; com a potassa e ammoniaco em escuro.

J. D. Corrêa.



CHYMICA.

**Sobre um novo sulphureto de potassa concreto; pelo Sr. Gobley.**

Existe um sulphureto de potassio solido, que contém mais enxofre que o sulphureto ordinario das pharmacias, ao qual os Medicos attribuem propriedades muito energicas.

Este sulphureto, quando quente, apresenta-se com uma côr vermelho-sangue. Pouco depois da sua preparação esta côr começa a desvanecer, e o sulphureto cobre-se de manchas que o fazem assemelhar ao figado dos animaes; d'aqui se conclue ser este o sulphureto que constituia o figado d'enxofre dos antigos. E' mais fragil que o sulphureto ordinario, e, quando se dissolve em agua, deixa um deposito sensivel d'enxofre muito dividido.

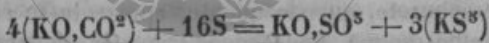
Para o obter, faz-se uma mistura de partes eguaes de flores d'enxofre e de sal de tartaro ou carbonato de potassa; se empregarmos uma menor porção d'enxofre a operação termina mais depressa. Introduce-se esta mistura reduzida a po em um vaso de barro munido de uma tampa, e aquece-se gradualmente até que a materia esteja em fusão tranquilla. A combinação opera-se no calor do enxofre fundido; o desinvolmento do gaz acido carbonico tende a fazer subir a massa e a projectal-a fora do vaso.

Finalmente depois de operada a combinação, a matéria acha-se em completa fusão. Como ha excesso d' enxofre, este se separa por meio da sublimação; conserva-se ao fogo até que uma pequena quantidade, esfriada á parte, apresente uma massa compacta sem pontos amarellos de enxofre: depois d'isto deita-se sobre uma superficie marmorea, tendo sido previamente untada com oleo. Quando tiver arrefecido completamente, introduz-se em frascos bem sêccos que se tapam com cuidado.

Eu analysei este sulphureto, e achei que era formado por uma mistura de quinti-sulphureto de potassio, e de sulphato de potassa; reconheci que continha além d'isso uma certa quantidade de enxofre muito dividido, ao qual o sulphureto deve talvez uma parte de suas propriedades, e que se calcula de 7 a 8 para 100.

N'esta operação um quarto da potassa está convertida em sulphato, em quanto que os outros tres quartos formam um sulphureto, no qual o potassio está combinado com cinco vezes tanto enxofre como no proto-sulphureto de potassio.

Eis aqui a equação que representa a reacção



Este sulphureto deve ser designado pelo nome de quinti-sulphureto de potassio sulphatado, ou polysulphureto de potassio concreto; e é preciso conservar os nomes de sulphureto de potassio concreto, de tri-sulphureto de potassio sulphatado para o sulphureto solido de que nós servimos hoje.

O sulphureto de potassio com excesso d' enxofre altera-se facilmente; e é importante conserval-o em frascos bem rolhados, e ao abrigo da humidade.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

J. J. Alves.



**Novo reactivo para distinguir os rhuibarbes do commercio;  
pelo Sr. John Cobb.**

Os caracteres exteriores que apresentam as differentes especies de rhuibarbo não são sempre sufficientes para os distinguir. O oxalato de cal que existe em grande quantidade no rhuibarbo da China, e que lhe dá a propriedade de estalar nos dentes, não pode ser considerado como um signal caracteristico d'esta especie, por isso que parece demonstrado hoje, que certas variedades de rhuibarbo da India apresentam este character em um grau elevado.

Por muito tempo se sentiu a necessidade de recorrer á Chymica, a fim de nos dar algum meio simples, que podesse remediar a insufficiencia dos caracteres physicos. Geiger foi o primeiro que indicou o acido iodhydrico iodurado, e depois d'elle Thomson fez menção da colla de peixe, e do decocto de quina.

O Sr. John Cobb acaba de ensaiar successivamente, e com o maior cuidado, a acção d'estes diversos reactivos sobre as tres especies de rhuibarbo mais usadas em Inglaterra, a saber: o rhuibarbo da China ou de Moscovia, o rhuibarbo da India, o rhuibarbo indigena ou Inglez. Reconheceu que os resultados, que assim se obtinham, eram sempre vagos e incertos, quer se tractasse de avaliar muito ligeiras differenças de côr, o que teve logar com o acido iodhydrico iodurado e o decocto de quina, quer se tivesse de apreciar pequenas differenças de volume no precipitado formado, o que teve logar com o soluto d'ichtyocollá. Seria muito melhor (segundo elle), empregar o acetato de chumbo ammoniacal, que dá pelo menos uma reacção mais pronunciada. Mas não é este o reactivo que elle propõe hoje.

Todos que teem tido occasião de preparar e conservar a tinctura de rhuibarbo, poderão ter observado a formação, no fim de certo tempo, d'um deposito mais ou menos abundante, que se molda sobre a parede interna do vaso, e chega mesmo a cobri-la completamente. A natureza d'este deposito ainda hoje se ignora, mas o auctor,

fundando-se nas suas experiencias, que se propõe fará conhecer proximamente, tem-o como um resultado da acção oxydante do ar sobre o principio activo dos diversos rhuibarbos. E tendo elle observado que a sua quantidade variava nas differentes tinturas, segundo a especie de rhuibarbo empregada, julgou que, submettendo-as a um agente de oxydação prompto e seguro, se chegaria a distinguir com muita facilidade a especie commercial que serviu para as obter.

Entre os meios de oxydação applicaveis a este objecto, o auctor escolheu o acido azotico diluido em egual volume d'agua distillada. Poude assim obter em poucos minutos o effeito que o ar produz sobre a tinctura de rhuibarbo em muitos mezes.

Eis aqui a maneira como elle opera.

Depois de ter preparado tres tinturas de rhuibarbo, não differindo entre si senão pela especie de raiz empregada, introduziu duas oitavas de cada uma d'estas tinturas em um pequeno tubo de analyse, e ajunctou-lhe uma oitava d'uma mistura de partes eguaes de acido azotico e agua distillada. Collocou depois os tres tubos em acção de poder observar as differenças que se produziam. Em menos de cinco minutos, a tinctura preparada com o rhuibarbo da India começa a tornar-se nebulosa, e no fim d'um quarto de hora está completamente turva.

No mesmo espaço de tempo a tinctura de rhuibarbo da China ou de Moscovia não tem perdido a sua transparencia, e é no fim de tres ou quatro horas que ella começa a perturbar-se.

Em quanto á tinctura preparada com o rhuibarbo indigena, não so se perturba no fim de meia hora, mas até pondo-a á luz se observam muito distinctamente flocos de precipitado espalhados no interior da sua massa.

Eis aqui sem duvida as differenças bem marcadas, e na apparencia pelo menos mais caracteristicas, que ás que resultam dos meios até aqui propostos. Seria sempre bom, para se lhe poder dar mais valor, que novas experiencias viessem corroborar as do Chymico Inglez.

O mais importante é procurar amostras de rhuibarbo cuja origem seja bem conhecida. Pelo que diz respeito ao processo em si, é simples e facil de pôr em practica. So se deve attender a uma cousa, e vem a ser: ajunctar o acido gradualmente, e ir agitando o tubo á proporção que se lhe deita o liquido.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

*J. J. Alves.*

**Da existencia do ammoniaco nas aguas, nas plantas, e na atmosphera.**

*Resultados das experiencias dos Srs. Viale e Latini, Professores na Universidade de Roma.*

E' sabido quaes são em Chymica, e na applicação d'esta sciencia, os usos do ammoniaco, e o papel que elle representa. A volatilidade, as propriedades alcalinas e saponificantes d'este azotureto de hydrogenio são egualmente conhecidas.

Parecia resultar das analyses feitas até hoje que a presença do ammoniaco, constante no reino animal, era puramente accidental nos vegetaes. Citavam-se, no numero de raras substancias vegetaes que fornecem este corpo, as flores de sabugueiro e do sorveiro, as sementes de algumas plantas, e a casca de malambo, segundo Vauquelin.

A existencia do ammoniaco nas aguas passava egualmente por um facto excepcional. Não tinha sido claramente provada nas aguas das chuvas.

O Sr. Dr. Viale, Professor de Clinica Medica na Universidade de Roma, e o Sr. Vicente Latini, Professor de Pharmacia na mesma Universidade, acabam de demonstrar que o ammoniaco existe sempre na atmosphera e nas differentes aguas; que a sua presença nas plantas é tão constante como nos animaes. Todas as aguas, e todas as plantas submettidas ao seu exame, lhe deram este alcali; elles o encontraram além d'isso nas folhas, na casca, e nas raizes de um vegetal qualquer.

Estes Professores certificaram-se por numerosas experiencias:

1.º Que existe nas plantas um sal ammoniacal.

2.º Que o acido com que o ammoniaco se acha combinado é de natureza organica.

Ninguem ignora que, pela distillação sêcca, as substancias animaes fornecem ammoniaco; as substancias vegetaes o acido pyrolenhoso. Estes dous corpos tão differentes, um electropositivo, o outro electro-negativo, teem sido considerados como proprios para caracterisar chymicamente os dous reinos.

Os Srs. Viale e Latini consideram hoje o ammoniaco como um producto constante da decomposição das materias, quer sejam animaes quer sejam vegetaes, em contacto com oxydos metallicos, alcalinos ou terrosos: dizem elles que este corpo existe sempre no acido pyrolenhoso; que, durante a distillação sêcca dos vegetaes, se volatilisa uma grande quantidade, de tal modo que o acido pyrolenhoso do commercio não é outra cousa mais do que o pyrolenhito acido de ammoniaco. Elles julgaram ter reconhecido igualmente que as exhalações das substancias organicas em putrefacção eram de natureza ammoniacal: que consistiam em combinações de materias gordas ou oleosas com o ammoniaco, combinações que se poderiam considerar como sabões volateis.

As experiencias dos Srs. Viale e Latini mostram que o azoto não poderia caracterisar as substancias animaes no ponto de vista de sua composição elementar.

Este principio, commum aos dous reinos, preexistiria mesmo no reino vegetal. Ahi se encontraria na forma de ammoniaco combinado com um acido. O alcali passaria do reino vegetal ao reino animal, e este o restituiria ao primeiro, quer pelas excreções quer pela morte.

Depois de ter reconhecido a existencia dos saes ammoniacaes nos dous reinos, nas aguas de toda a natureza, á superficie do solo, e na atmosphaera, chegou-se a comprehender como o gaz ammoniaco, o mais volatil de todos os gazes, á excepção do hydrogenio, pode elevar-se

até ás altas regiões atmosphericas, e como se acha combinado com o gaz acido carbonico, para o qual tem uma grande affinidade.

Os Srs. Viale e Latini provaram que os sub-saes alcalinos e terrosos, collocados em certas condições, teem a propriedade de desprender o ammoniaco de suas combinações com os acidos. Duas causas, segundo elles, poderiam produzir este resultado, se obrassem simultaneamente: a acção dos raios solares sobre o terreno perfeitamente sêcco, e a de uma chuva ligeira que viesse humedecê-lo no estio. Debaixo d'esta dobrada influencia, o ammoniaco se separaria dos acidos com que estava combinado, e que cede aos sub-saes, para se unir d'uma parte ao acido carbonico, e de outra aos productos organicos existentes no terreno. Assim se explicaria talvez se estas exhalações são prejudiciaes ás plantas e sobre tudo aos animaes, quando se desinvolem com as primeiras chuvas do estio, assim como a ausencia das febres periodicas, quando esta estação é constantemente sêcca ou chuvosa.

O mesmo effeito se produz nas aguas estagnadas, e nas aguas do mar que banham as praias. Estas grandes massas d'agua não seriam senão soluções de saes ammoniacaes d'um lado, e saes terrosos-alcalinos do outro.

Ora quando o liquido augmenta de temperatura, e humedece as arêas quentes da praia, acontece que, pela acção preponderante dos subsaes, o ammoniaco se desprende de suas combinações com os acidos, e pode unir-se, no estado de gaz nascente, a substancias gordas ou oleaginosas para formar com ellas sâboes ammoniacaes fixos ou volateis. Tal seria provavelmente a origem dos nevoeiros conhecidos no campo de Roma pelo nome de nevoeiros marinhos (*nebbie marine*), notaveis pelo seu cheiro infecto, e por sua pernicioso influencia sobre as plantas e sobre os animaes. Estas exhalações ammoniacaes não representariam ellas integralmente, ou como elemento constituinte o principio delecterio dos miasmas das lagoas?

Os Srs. Viale e Latini fizeram conhecer os resultados

que acabamos de indicar com algumas de suas consequencias em uma obra publicada em Roma. Estes resultados, tão ricos em applicações, são devidos a uma circumstancia inteiramente fortuita. Foi que a analyse feita nas flores d'uma planta d'Abyssinia, o kousso, que os levou a este resultado. Experiencias feitas por elles, no Hospital do Espirito Santo em Roma, provam não so que o kousso goza da propriedade de destruir a tenia, o *botrio cephalus*, e em geral os vermes intestinaes, mas que suas flores contem, além dos materiaes proprios dos vegetaes, um sal ammoniacal.

O elemento electro-negativo d'este sal seria um acido organico particular, amargo, que elles chamam *acido agnico*, e o sal que resulta d'esta combinação seria um *agenato d'ammoniaco*.

Os Srs. Viale e Latini foram os primeiros tambem que experimentaram as propriedades febrifugas da casca de malambo, e fizeram d'isso objecto d'uma nova publicação.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

J. J. Alves.

Considerações sobre o valor dos caracteres chymicas em Medicina-legal; pelo Sr. J. L. Lassaigue.

São innegaveis hoje os muitos serviços que a Chymica presta na solução de grande numero de questões: esta sciencia é um poderoso auxilio para o Medico, ella o dirige muitas vezes nas inquirições medico-legaes, permitindo-lhe conhecer a verdade do que lhe parecia verosimil. Estes factos tornaram-se evidentes e incontestaveis depois dos numerosos trabalhos do auctor da Toxicologia experimental, bem conhecida, d'aquelle, que as Sciencias Medicas perderam, do homem, em fim, que pelo seu character e sabedoria havia grangeado a estima de todos, e a amizade de muitos por suas affectuosas relações.

Em algumas questões Medico-legaes os caracteres phisicos dos corpos são sem duvida de grande valor para aquelle que os sabe bem observar; todavia é preciso a



maior circumspecção; podem algumas vezes dar logar a erros, se não são confirmados pelos que resultam das propriedades chymicas, que lhes dizem respeito, caracteres, que explicam de alguma sorte o verdadeiro ponto da questão.

Estas asserções são principalmente fundamentadas, quando o perito se tem decidido sobre a natureza das manchas que acompanham o sangue, o sperma, e a bilis, e sobre as que são produzidas por outros fluidos animaes.

Os factos que vamos mencionar, provam o que havemos avançado.

Em uma aldeia dos arrabaldes d'uma cidade, foi encontrada morta uma creança, recém-nascida, n'um canno não distante da população. A auctoridade do logar requisiu immediatamente um Medico, a fim de examinar o cadaver e consignar as observações em um processo verbal, que lhe foi transmittido. O relatorio do Medico concluia dizendo — que nenhum indicio de violencia se notava nem no exterior nem no interior do corpo, que havia nascido viva, que tinha quatro ou cinco dias d'idade, e que, depois d'observadas as visceras abdominaes, se concluirea ter morrido á falta d'alimentos, conservando nos intestinos uma grande quantidade de meconio, do qual ja parte se havia evacuado pelo anus.

As suspeitas recahiram logo em uma mulher da mesma população: a auctoridade, prevenida, procedeu immediatamente á captura, e a visita da accusada foi confiada ao mesmo Medico.

Este depois de observar os peitos, e as partes genitales, declarou que aquella mulher havia recentemente parido. O exame domestico feito logo, em presença dos agentes da auctoridade, deu em resultado a apprehensão de muitas camisas, d'uma saia e d'um lençol da cama, que ficara por baixo, manchado de sangue, e d'um liquido differente d'este, de côr amarello-sujo; estas manchas, na opinião do Medico, tinham alguma relação com as do liquido amniotico.

Em certas partes do lençol, que se duvidava terem fi-

eado em contacto com a região pelviana da mulher, existiam, além das nodoas com a mesma apparencia, outras já sêccas e pequenãs com a côr escura de chocolate, que pareceram ao Medico ser da natureza do meconio.

Estes dous relatorios do Medico, sendo enviados ao Tribunal pela via ordinaria, foram remettidos ao Juiz relator. Este Magistrado ordenou que o exame da mulher inculpada fosse confiado a um outro Medico, o qual alguns dias depois apresentou o seu relatorio, provando que a accusada não mostrava caracteres alguns de mulher recentemente parida.

A declaração do primeiro Medico com respeito á natureza das manchas encontradas nos vestidos e lençol, que haviam servido á dita mulher, levou o Juiz á resolução de nomear um Chymico, a fim de verificar se seria possível que as nodoas amarelladas mencionadas n'aquelle relatorio fossem formadas pelo liquido amniotico, ou se provinham dos lochios pela occasião do parto; ou em fim se as manchas do lençol, distinctas pela côr escura de chocolate, seriam do meconio.

Havendo-nos sido commettida esta missão, fizemos alguns ensaios, que nos decidiram a estabelecer, com respeito aos fatos manchados, que algumas nodoas avermelhadas eram produzidas pelo sangue; que as que tinham uma côr amarellada e que davam ao tecido certa tensão como a gomma, eram formadas por uma serosidade bastante carregada de albumina, e contendo diferentes saes alcalinos, que se tiram do soro do sangue; que estas nodoas não podiam confundir-se com as que o liquido do amnios poderia produzir; liquido pouco carregado d'albumina, e que, ao contrario, contém grande quantidade de agua, como já Vauquelin em 1808 havia demonstrado na sua analyse do liquido amniotico da mulher. Este resultado tinha já sido por nós verificado em 1840, submettendo á analyse uma porção do dito liquido, que nos tinha sido enviado, por esta época, pelo Sr. Dr. Donné, então empregado no Hospital da Caridade.

O exame das nodoas escuras do lençol deu lugar ás se-

guintes observações, e ás conclusões que terminam este artigo.

Estas manchas particulares, observadas com lente, apresentaram uma côr cinzenta carregada e um tanto avermelhada, não deixaram perceber alguns dos pellos numerosos, que Bouillon-Lagrange e outros Medicos teem sempre encontrado no meconio dos fetos e dos recém-nascidos.

Estas manchas, espalhadas em pequena distancia umas das outras, mostravam-se como pequenas chapas irregulares, onde, pela dessecção de alguma materia, ficara uma sujidade. Muitas d'estas laminas foram destacadas a fim de se estudarem. Uma d'ellas projectada sobre carvões incandescentes, logo intumeceu, tornando-se negra e espalhando um fumo branco, ammoniacal com o cheiro caracteristico do corno queimado. O cheiro que o meconio apresenta, quando sujeito á acção do calor, é picante e assemelha-se ao que deixam as substancias vegetaes sendo queimadas, segundo Bouillon-Lagrange.

Uma outra porção das nodoas, mettida em agua, apenas se diluia, corando-a fracamente em amarello-pallido. N'este estado não se lhe distinguio pello algum.

A porção de tecido, sobre que estavam fixas as manchas, depois de cortado em tiras, foi introduzida em um tubo de vidro com alcohol de 36°. Esta mistura foi collocada em um banho d'agua de 45° pelo espaço de quatro horas. Durante este tempo apenas o alcohol se corou ligeiramente em amarello-pallido; e, decantado e evaporado a um calor brando, depositou um residuo tambem da mesma côr, insolúvel na agua e unctúoso ao tacto: este residuo, posto em contacto com algumas gottas d'acido azotico, não soffreu mudança alguma sensivel na sua coloração primitiva.

O tecido submettido a esta primeira observação tinha conservado as manchas, sem que perdessem a intensidade da côr: posto então em contacto com agua distillada tepida não se manifestou a menor acção. Depois d'estes dous ensaios fez-se digerir o panno manchado em uma solução fraca de potassa caustica; a materia que revestia o tecido foi pouco

a pouco dissolvendo-se, communicando ao soluto uma côr amarella-alambreada: este ultimo liquido, saturado pelo acido chlorhydrico, turvou-se, depositando floccos pardos de materia organica azotada, que não contrahiui coloração esverdeada, como acontece com a dissolução alcalina de meconio.

Das observações que fizemos nas nodoas acima indicadas, julgamos dever concluir:

1.º Que as camisas, saia, e lençol, pertencentes á inculpada, estavam manchadas pelo sangue e por uma serosidade amarellada, que parecia pertencer-lhe, e que apresentava todos os seus caracteres chymicos.

2.º Que a materia fixa deixada, pela deseccação d'esta serosidade, nos fatos acima mencionados, era essencialmente differente do que deixa o liquido amniotico, como ja fizemos notar.

3.º Que o liquido amniotico, segundo a sua natureza chymica, fornece manchas mui pouco carregadas de albumina; em quanto que as que existiam sobre os vestidos e lençol da accusada eram essencialmente albuminosas e espessas como as do soro do sangue deseccado.

4.º Que estas mesmas nodoas, tractadas pela agua, não deixavam cheiro algum forte, analogo ao que desinvolvem os lochios, que se derramam depois do parto; e não tendo, além d'isto, a côr vermelha do sangue, que de ordinario os caracteriza, não se lhes podia assemelhar.

5.º Que as manchas escuras existentes em alguns pontos do lençol da inculpada, e que se tinham considerado como provindo do meconio, não apresentavam os seus caracteres physicos nem chymicos; e que se approximavam mais da materia excrementicia e deseccada dos adultos, que de meconio de creança recém-nascida.

6.º Que a falta n'estas nodoas de pellos, que, segundo Bouillon-Lagrange, se encontram no meconio dos fetos e dos recém-nascidos (Vid. sua Memoria — *Annales de Chimie* — t. XLVI, anno 1813), corrobora a opinião estabelecida, depois das observações acima mencionadas.

M. o procurador imperial, depois da leitura de diversas peças, com respeito a esta questão, ordenou que a inculpada fosse posta em liberdade.

(*J. de Ch. Méd. Ph. et Toxic.*)

J. S. Pereira.

Sobre os ácidos tartárico e racêmico.

Os seguintes factos foram communicados á Academia das Sciencias. Sabe-se que um acido, a que chamaram racêmico (de *racemus*, uvas), foi descoberto, em 1820, em consequencia d'um accidente de fabricação quasi completamente perdido, e que proxivamente se tornou a achar depois de prolixas observações.

Eis em resumo o que se communicou á Academia :

O vinho deposita, nos toneis que o contém, uma camada espessa e crystallina, vermelha, ou branca segundo a côr do vinho, a que se dá o nome de tartaro cru, ou bruto. Compõe-se de tartrato acido de potassa, combinação d'acido tartárico, e de potassa com excesso d'acido, d'uma pequena quantidade de tartrato de cal, combinação d'acido tartárico e de cal, de materia corante, e de um numero mais ou menos consideravel de substancias estranhas.

Purifica-se o tartaro bruto privando-o das materias estranhas, e da parte corante; no primeiro caso basta dissolver-o em agua a ferver, e deixar esfriar o soluto. O tartaro se deposita sobre as paredes do vaso, ficando suspensas no liquido as substancias estranhas. No segundo caso, isto é, para privar os crystaes da materia corante, tornam-se a dissolver em agua a ferver com argilla, e se filtra o soluto; a materia corante fica, com a argilla, sobre o filtro, e pelo esfriamento se obtém crystaes de tartaro puro, que constituem o cremor de tartaro.

As duas purificações, que acabamos de mencionar, poderiam resumir-se n'uma, porém seria a operação mais ou menos incompleta. Distinguem-se no commercio varias especies de tartaro; as mais communs são: o tartaro bru-

to, o meio refinado, e o refinado. O acido tartrico encontra-se em certos fructos, como no ananás, nas amoras, &c., é porém do cremor de tartaro que se extrahê em grande, para as precisões commerciaes.

Para o obter dissolve-se o cremor em dez vezes o seu peso d'agua a ferver, e se lhe ajuncta successivamente greda (combinação do acido carbonico e da cal) até finalisar a effervescencia. O acido tartrico, expulsando da cal o acido carbonico, une-se a ella formando um tartrato de cal, que sendo insolvel se precipita; a pequena quantidade de tartrato de cal que existe naturalmente no cremor de tartaro, conservado em dissolução por um excesso d'acido, se precipita egualmente.

Depois, tracta-se pelo chlorureto de calcio o liquor que apenas contém tartrato neutro de potassa, obtendo-se assim a precipitação d'uma nova quantidade de tartrato de cal. Tractam-se estes tartratos de cal, pelo acido sulphurico diluido em agua; forma-se então um sulphato de cal insolvel que se separa pela filtração, evapora-se o liquido até á consistencia de xarope, e se põe n'um logar fresco, para se irem depositando os crystaes d'acido tartrico.

Está visto pois, que é pela crystallisação que se refina o tartaro; é egualmente por ella que se extrahê o acido tartrico do tartaro purificado. O methodo porém, pelo qual se opera esta crystallisação, não é o mesmo em ambos os casos; o simples esfriamento é bastante no primeiro a evaporação torna-se precisa no segundo. Exigindo o tartaro para se dissolver quatro vezes mais d'agua fria do que de agua a ferver, resulta que uma dissolução fervente do tartaro deve, quando esfria, deixar depositar os tres quartos d'este sal. O acido tartrico não sendo notavelmente menos solvel na agua fria do que na quente, para o fazer precipitar convém diminuir a quantidade da agua que contém em dissolução, e é o que torna precisa a evaporação. As dissoluções que dão o acido tartrico, e principalmente o tartaro puro, chamam-se *aguas-mães*.

Em certos casos, no meio dos crystaes volumosos que



produz o acido tarttrico quando se precipita, e nas cavidades que deixam as suas partes salientes, acham-se pequenos crystaes em agulhas que se distinguem dos outros por sua côr mais clara, os quaes são formados pelo novo acido, que denominamos *acido racemico*.

Foi M. Ch. Kestner, fabricante de productos chymicos em Thann, no departamento do Alto-Rin, que em 1820 o descobriu; não o obteve em pequenas quantidades, mas sim em massas de centenares de kilogrammas. Em 1849, varios Chymicos da Academia, entre elles o Sr. Pelouze, quizeram estudar esta substancia; dirigiram-se ao Sr. Kestner, e souberam d'elle, com bastante admiração, que desde 1820 não tinha encontrado outra vez na sua fabricaço o novo acido, apezar de não ter alterado em coisa alguma o seu methodo de operar. Lembra-se porém, que o tartaro sobre que operou n'aquella época, tinha vindo d'Italia, em quanto que o de que se tinha servido depois era procedente dos Vosgos.

Em 1849 um sabio distincto, o Sr. Pasteur, publicou um mui curioso trabalho sobre este novo acido, e em particular sobre as modificações que elle exerce na luz, teve porém o inconveniente de poder operar unicamente sobre pequenas porções que lhe foram ministradas obsequiosamente pelo Sr. Kestner. Interessou-se quanto pode em achar a mysteriosa substancia, em cuja pesquisa se occupou activamente. Soube que em Inglaterra se encontrava muitas vezes misturado com o acido tarttrico procedente da Alemanha, para cujo paiz dirigiu desde logo as suas vistas.

Estavam as cousas n'este estado, quando a Academia das Sciencias recebeu duas communicações mui interessantes, relativamente ao acido racemico, uma do Sr. Kestner, outra do Sr. Pasteur.

O Sr. Kestner operando, havia pouco tempo, sobre o tratado de cal que havia comprado a um Pharmaceutico de Deux-Sèvres, e que resultou do tractamento do cremor de tartaro pela greda ou cré, e seguidamente pelo chlorureto de calcio, como acima indicámos, encontrou um centesimo d'acido racemico. O tartaro bruto, originaria-

mente empregado, tinha vindo de Saintonge. Ainda mais proximamente, operando sobre o tartaro da Toscana, encontrou tambem o acido racemico, porém em proporção mais diminuta, e enviou a Academia varios frascos contendo quasi 4 kilogrammas da preciosa substancia.

Quanto á communicação do Sr. Pasteur é na verdade mais extensa. Expõe detalhadamente, como já o havia feito em diversas cartas dirigidas ao Sr. Dumas, todas as observações a que se tinha entregado durante a sua viagem; as numerosas fabricas que visitara, e os esclarecimentos que successivamente havia escolhido; não se esquecendo de contar, como chegando a Vienna attingio o fim a que se dirigia.

D'estas duas communicações, e particularmente da segunda, podemos tirar as conclusões seguintes:

- 1.<sup>a</sup> O acido racemico é um producto natural.
- 2.<sup>a</sup> Encontra-se em alguns tartaros; pouco ou nenhum em outros. Entre os primeiros figuram os de Italia, Austria, Styria, Hungria, e em França, os de Saintonge entre os segundos, o dos Vosgos, &c.
- 3.<sup>a</sup> Os tartaros brutos contem mais do que os refinados, parece mesmo que á medida que se purificam, pela crystallisação, se lhes arrebatam o acido racemico que fica nas aguas mães. Por que será isto? E' o que se não pode explicar bem ainda.

4.<sup>a</sup> Nas fabricas em que o cremor de tartaro, e o acido tartrico se fabricam em grande, servem-se por longo tempo, mesmo por annos, das mesmas aguas-mães; á medida que o tartaro mais ou menos refinado se precipita, substituem-no por tartaro bruto. Parece que o acido racemico se não deposita, ao menos de uma maneira sensivel, se não quando se acha nas aguas-mães em certa proporção, nas quaes se encontra tanto mais abundante, quanto ellas teem servido por muito tempo, e teem estado em contacto com maior quantidade de tartaro bruto; e ordinariamente não principiam a deposital-o, se não ao fim de muitos annos.

As condições necessarias para a formação do acido ra-

cemico, ainda se não conhecem bem; mas tudo annuncia que brevemente serão conhecidas. (\*)

(J. de Ch. Méd. Ph. et Toxic)

H. J. de Sousa Telles.

Meto de purificar a agua subarregada de saes calcareos e tornal-a apta para alguns usos economicos; pelo Sr. Moride.

A *cruesa* das aguas depende, principalmente, dos saes de cal, d'alumina, e de magnesia que ella contém. Por meio do *acido oxalico* precipita-se a cal; pelo *ammoniac*, separam-se a *magnesia* e a *alumina*. Reunindo estes dous reactivos de maneira que o *oxalato d'ammoniac* seja proporcional á superabundancia da cal contida nas aguas que queremos melhorar, e que o *ammoniac* seja em excesso para precipitar a *albumina* e a *magnesia*; tenho podido facilmente resolver o problema que me haveis proposto n'estes termos: «tornar proprias para as lixivias as aguas que decompõem o sabão.»

O meu modo d'operar é mui simples.

Dissolvo em um litro d'agua 60 grammas d'acido oxalico, ajuncto á solução 100 grammas d'ammoniac liquido; agito tudo, e lanço em quatro barris d'agua cujas propriedades quero modificar. Estas proporções devem, as mais das vezes, servir mesmo para as aguas mui *sélenit*osas.

Entretanto convém notar, quanto as aguas variam segundo os paizes, e as camadas do globo que atravessam, por cujo motivo se não pode empregar, sempre indistinctamente, a mesma quantidade de reactivo para cada uma d'ellas. Aconselho pois o fazer sempre uma experiencia preliminar, a fim de fixar de uma maneira positiva a sua natureza e qualidade.

Consiste esta experiencia em deitar n'um barril d'agua um copo grande da mistura acima mencionada; agitar o liquido, e observar se se effectua bem a solução do sabão.

(\*) Vide Revista dos Jornaes, tomo 3.º da 2.ª serie, pagina 61.

No caso contrario, ajuncta-se-lhe mais meio copo do reactivo, ou o que fôr necessario para se obter o resultado conveniente.

Calcula-se então a quantidade precisa d'elle, isto é, do reactivo para os quatro barris. E' conveniente que a capacidade do copo, que tem de servir a estes ensaios, seja de 250 grammas, representado  $\frac{1}{4}$  de litro. D'esta maneira se podem estabelecer as proporções para guiar ainda mesmo as pessoas menos conhecedoras da Chymica.

Não posso deixar de vos observar, ao dirigir-vos esta nota, que os meios aqui propostos não devem ser empregados se não para com as aguas destinadas ás lavagens, e ás lixivias, mas nunca para se usarem como bebida.

*(J. de Ch. Méd. Ph. et Toxic.)*

*H. J. de Sousa Telles.*

PHYSICA.

*Synopse das observações meteorologicas feitas na Eschola Médico-Cirurgica de Lisboa no mez de Maio de 1853; pelo Demonstrador de Medicina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Cactano Maria Ferreira da Silva Beirão.*

Temperatura media da atmospherá	13°,7
„ maxima „	17°
„ minima „	13°
Maxima variação diurna de temperatura	2°
Pressão media da atmospherá	754,61
„ maxima „	764,53
„ minima „	739,13
Ventos mais constantes durante o mez	N.
Altura da agua no pluviometro	4,2 <small>pol. linh.</small>
Dia mais chũvoso do mez (24)	1,1
Grau medio d'humidade no hygrometro	2°,3

*Considerações.*

N'este mez não houve objecto algum que despertasse a nossa attenção, a não ser o numero d'apoplexias, bastante consideravel, que houve em Lisboa, muito maior do que aquelle, que costuma verificar-se n'este mez; e que de certo se pode e deve attribuir ás rapidas variações barometricas, que houveram, tambem muito diversas das que costumam acontecer em Maio.

A quantidade d'agua que choveu durante todo o mez é egualmente um facto meteorologico muito extraordinario. As chuvas que cahiram durante o mez ja eram attendiveis para qualquer mez do inverno, e o que não será para um mez da primavera? Ainda assim, a mortalidade não foi consideravel, por quanto no Hospital de S. José e annexos a curabilidade esteve para a mortalidade como 100:14,4 proporção muito vantajosa para a estatistica regular d'este Estabelecimento.

A' vista da continuação do inverno por tantos mezes, e pelo estado d'encharcamento em que devem estar todos os logares baixos e que não tem o sufficiente esgoto, é muito provavel que n'este verão hajam immensas febres intermittentes, e que seja grave e assustador o caracter e a indole das febres do estio.

Casa no Largo do Caldas, em o 1.º de Junho de 1853.

---

REVISTA DOS JORNAES.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos  
(JUNHO DE 1853.)

**Acção do chloroformio sobre as plantas.** — O Dr. Bretonneau (de Tours) submetteu á acção do chloroformio flores de sensitiva que se tornaram insensíveis a toques multiplicados. Em Orleans repetiram-se estas experiencias em uma sensitiva, que estava em florescia; aproximou-se da sua corolla a esponja com o chloroformio

e a flor ficou aberta e soffreu, insensível, a autopsie do ovario e de outros órgãos, em quanto que outra flor do mesmo ramo, não chloroformisada, se fechou apenas d'ella se apropinquou a mão.

**Helecina.** — Chamam helecina á mucilagem concentrada de caracoes. O Dr. Lemare participou á Academia das Sciencias de Paris que alcançara muitas curas radicacs de phthisicas tuberculosas com cavernas, verificadas por habeis practicos, por meio da helecina; e que não obtivera o mesmo resultado com o caldo e xarope de caracoes. Esta differença de effeitos parece-lhe devida á insufficiencia das doses em que a mucilagem de caracoes é dada quando se usam outros preparados que não sejam a helecina.

Tememos que as asserções do Sr. Lemare sejam exaggeradas; com tudo vamos pedir a alguns collegas nossos ensaiem a helecina nas suas clinicas, e do que resultar daremos parte.

**Nova formula do collodio.** — A formula seguinte, que extrahimos do *Porvenir Medico*, é do Sr. Rogé.

Algodão polvora.....	20 partes.
Ether sulphurico.....	500 „
Alcohol.....	30 „
Misturem-se e ajunctem-se	
Terebinthina de Veneza.....	16 „
Oleo de ricinos.....	8 „
Ether sulphurico.....	8 „

As tres ultimas substancias, devem lançar-se n'um frasco a parte, e depois de effectuada a mistura, ajunctarem-se ás outras.

**Novo methodo de envolver as pilulas.** — O *Boletim* de M. Cyr. y Far. publica o seguinte processo para envolver as pilulas, proposto pelo Sr. Callaoud: Sementes de linho uma parte; assucar branco tres partes; agua q. b.

Depois de ter obtido por decocção mucilagem espessa das sementes de linho, ajuncta-se o assucar para formar um saccharolado a que se dá a consistencia conveniente,



por meio de temperatura bem dirigida, para que se possa reduzir a po finissimo. Feitas as pilulas, que devem ficar um pouco brandas, rolam-se sobre o saccharolado. Diz o auctor que as pilulas de assafetida, valeriana, &c., ficam assim muito faceis de tomar, e que aquellas em que entram substancias resinosas, e que por isso se alteram pela acção do ar, se conservam por este meio sem alteração de forma.

**Emulsões resinosas.** — O Dr. Overbech propõe as seguintes formulas para as *emulsões resinosas*:

Gomma arabica em po . . . . .	2 oitavas.
Agua commum. . . . .	3 ..
F. M. e ajunte pouco a pouco, e mexendo sempre	
Oleo de ricino . . . . .	1 onça.

Passados dois ou tres minutos a esta emulsão pode adicionar-se sem inconveniente uma nova quantidade de vehiculo aquoso.

*Emulsões simples e oleosas.*

Gomma arabica em po . . . . .	4 oitavas.
Agua. . . . .	6 ..
Oleo. . . . .	1 onça.

Misture o oleo e a gomma, ajunctando a agua de chofre; formada a emulsão, poucos minutos depois, poder-se ha adicionar a agua que se necessite.

**Emulsões gomme-resinosas.** — Em vez da gema d'ovo, que nem sempre facilita a divisão das gomas resinosas na agua, empreguem-se seis a oito gottas de oleo d'amendoas por escropulo de gomma-resina, e depois de bem incorporado o oleo, ajuncte-se a agua que for necessaria.

**Albumina no leite.** — Demonstrou modernamente o Sr. Doyere que o leite normal contém sempre uma certa quantidade de albumina. O Sr. Girardin confirmou aquella asserção publicando a noticia de analyses que fizera de leite de diversas vaccas, que parecia bom no momento de ser mungido, mas que passado pouco tem-

po, apenas resfriava, se coagulava mal e se tornava viscoso, como um decocto saturado de sementes de linho. Das suas experiencias conclue-se, 1.º que o leite contém sempre albumina, que fôra por muito tempo confundida com a caseina; 2.º que por molestia semelhante á que é caracterizada pela presença d'aquella substancia na urina, se pode o leite sobrecarregar de albumina perdendo assim as suas boas qualidades — a esta molestia chama o Sr. Girardin *albuminuria lactea*; 3.º que parece curar-se esta enfermidade com o uso de limonadas nitricas. Eis aqui quatro analyses, que o auctor apresenta, de leite normal:

	1. <sup>a</sup>	
Agua.....	86,304	
Caseina.....	4,619	
Lactina e saes.....	3,239	
Manteiga.....	5,500	
Albumina.....	0,338	
	<hr/>	
	100,000	
Total das materias solidas....	13,696	

	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>
Agua.....	85,081	88,112	86,063
Caseina....	4,948	3,300	6,140
Lactina e saes	4,570	3,802	5,000
Manteiga.....	5,017	4,320	2,480
Albumina..	0,384	0,466	0,317
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total das materias solidas..	14,919	11,888	13,937

Estas analyses são de leite produzido por duas vaccas; a primeira analyse diz respeito ao de uma so; as outras tres ao da outra. A 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> analyses foram feitas em Julho, a 4.<sup>a</sup> em Novembro de 1847.

**Analyse da scilla.** — O Sr. Tilloy escreveu ao Sr. Soubeiran dando-lhe parte d'um estudo que fizera sobre a scilla, do qual conclue que o bolbo d'esta planta não contém, como se tem affirmado, um principio fugaz. A analyse por elle feita deu-lhe a composição seguinte:

1.º Uma substancia resinoides, muito acre e toxica, solavel no alcohol, e insolavel no ether.

2.º Um principio muito amargo, amarello, solavel na agua e no alcohol.

3.º Uma materia gorda, insipida, solavel no ether, insolavel no alcohol, quando está completamente privada dos principios acre e amargo.

4.º Citrato de cal cuja acção picante é puramente me-  
ganica.

5.º Materia mucosa e assucar.

Sousa Telles, Junior.

PEÇAS OFFICIAES.

*Ministerio da Marinha e Ultramar. — Secção do Ultramar.*

Manda A Rainha pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, remetter á Sociedade Pharmaceutica Lusitana uma amostra, que lhe será entregue em um caixotinho pelo portador d'esta Portaria, da planta que no Districto de Quilimane e Rios de Senna se denomina = *Salsa-parrilha* =, a qual foi remetida á dita Secretaria d'Estado em Officio do Governador Geral da Provincia de Moçambique, n.º 125 de 24 de Novembro do anno passado; e é da vontade de Sua Magestade que a Sociedade Pharmaceutica faça analysar a mencionada planta, para se conhecer o valor que poderá ter em Medicina. Paço, em 25 de Maio de 1853. = *Visconde d'Athouguia*.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 461, de 19 de Maio de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

A's oito horas da noute declarou o Sr. Presidente aberta a sessão, e em seguida foi lida e approvada a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretario deu parte á Sociedade de que a Mesa fôra a bordo comprimentar Sua Magestade Imperial, logo que a embarcação, que a conduzia da Ilha da Madeira, ancorou no Tejo; e que o Sr. Presidente lera a seguinte allocução.

«SENHORA! — A Divina Providencia acaba de ferir Portugal com um novo golpe, que, penetrando o Imperial Coração de Vossa Magestade, alcançou ao mesmo tempo os de todos os Portuguezes.

»A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, Senhora, profundamente impressionada por tão fatal acontecimento, vem apresentar a Vossa Magestade Imperial os seus respeitos e homenagens, na occasião em que volvendo á Capital da Monarchia, Coberta de luto e dôr, precisa encontrar no geral sentimento de saudade, pela irreparavel perda da mais Virtuosa das Princezas, algum lenitivo a tão justificada magoa, que so o tempo e a Religião poderão mitigar ainda que nunca extinguir. Lisboa, em 11 de Maio de 1853. — José Tedeschi, Presidente. — Henrique José de Sousa Telles, 1.º Secretario. — Manuel Vicente de Jesus, 2.º Secretario.»

A Sociedade, approvando a deliberação da Mesa, mandou que esta allocução fosse lançada na acta.

O Sr. 1.º Secretario, como Relator da Mesa, consultou a Sociedade sobre a conveniencia de se fazer um requerimento á Camara dos Senhores Deputados, pedindo que se dê o andamento devido ao Projecto de Reforma ao actual Regulamento do Conselho de Saúde Publica, feito pela Sociedade em 16 d'Abril de 1849. — A Sociedade auctorizou este pedido da Mesa.

O Sr. Castro apresentou uma proposta de Candidato para Socio; a qual, seguindo as formalidades do Regimento, foi approvada e proclamado Membro Correspondente o Sr. Francisco Maria Supico, Pharmaceutico na Ilha de S. Miguel.

O Sr. Presidente igualmente apresentou outra proposta de Candidato para Membro Correspondente; e depois de approvada, foi proclamado Socio o Sr. José Marcellino da Franca, Pharmaceutico no Cadaval.

O Sr. Corrêa pediu que a Mesa obtivesse da Commisão de Direito Pharmaceutico o parecer sobre uma proposta por elle apresentada na antecedente sessão.

Teve lugar a segunda leitura do Parecer da Commisão de Redacção sobre a proposta apresentada pela Mesa (Vide acta n.º 457), o qual termina dizendo que o pedido da Mesa não pode ter lugar. — A Sociedade approvou o Parecer.

Egualmente teve segunda leitura e entrou em discussão a proposta do Sr. Telles Senior (Vide acta n.º 459), ácerca da preparação do oxydo negro de mercurio e da pomada de Barendsprung. — Approvada.

A Mesa apresentou á Sociedade diversas questões scientificas para serem discutidas. — A Sociedade approvou a proposta da Mesa, e bem assim, por proposta do Sr. Telles Junior, que fossem convidados todos os nossos Consocios, residentes em Lisboa e nas Provincias, a communicarem-lhe qualquer facto, observação, ou experiencia que possa concorrer para a sua resolução. (Vide pag. 158.)

Pelas dez horas fechou-se a sessão.

*Manuel Vicente de Jesus,*

2.º Secretario.

da Ordem dos Pharmaceuticos

## ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — O bem da humanidade e da classe, me obriga a pegar na penna para participar a V. S.<sup>a</sup>, a fim de levar ao conhecimento da nossa Sociedade, que em Silves se acha uma mulher administrando uma botica, e tirando d'esta maneira os interesses ao Pharmaceutico João Carlos Freire, examinado na Eschola do Porto, e que ha pouco alli se acha estabelecido. Este Pharmaceutico ja tem feito algumas representações ao Sub-Delegado de Saúde (Administrador do Concelho) d'aquella Cidade, o qual não tem dado providencias algumas; e o Cirurgião do Municipio a está protegendo mandando-lhe receitas. Isto na verdade é um abuso escandaloso, e sobre o qual se deve dar algumas providencias.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Faro, em 2 de Junho de 1853.  
= Ill.<sup>mo</sup> Sr. *Henrique José de Sousa Telles*, 1.<sup>o</sup> Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *João Agostinho Ferreira Chaves*.

### DIVERSIDADES.

#### A Pharmacia e a Homeopathia.

E' sabido que os medicos homeopathas tractam os seus doentes por meio de preparados de tal modo fraccionados, que o systema arithmetico ordinario mal poderá exprimir o ultimo termo d'uma divisão, que chegou a empregar a unidade precedida de 60 zeros.

Este systema proporciona aos medicos homeopathas a possibilidade de trazerem na algibeira uma *botica* composta de 400 a 500 medicamentos diversos; e a maior parte d'elles, aproveitando-se d'esta facilidade, visitam os seus doentes, e applicam-lhes *desde logo* os remedios, que devem cural-os ou aggravar-lhes um pouco as molestias.



A 30 de Dezembro de 1852 deu-se uma busca em casa do Sr. Bonnard, Dr. em Medicina em Paris, e apprehendeu-se-lhe uma caixa contendo 160 frasquinhos de vidro, com seus rotulos, e n'um repartimento da mesma caixa 1:350 tubosinhos tambem de vidro, com seus rotulos, e pela maior parte cheios de globulosinhos brancos. Um estudante de Medicina, presente á busca, confessou que estes medicamentos se achavam anticipadamente preparados para o exercicio da medicina homeopathica do Sr. Bonnard.

Um exame de peritos verificou que os preparados contidos nos frasquinhos de vidro tinham por base substancias medicamentosas, posto que em quantidades minimas; que esses preparados se não achavam consignados no *Codex*; e que por tanto não podiam, nos termos da Lei, deixar de ser considerados *remedios secretos*.

Em consequencia d'isto foi o Sr. Bonnard conduzido ao Tribunal de Policia Correccional pelo duplicado delicto de *exercicio illegal da Pharmacia*, e d'annuncio e venda de remedios secretos.

O Tribunal proferiu sentença, em que absolveu o accusado do delicto de venda de remedios secretos, mas condemnou-o pelo delicto d'exercicio illegal da Pharmacia na multa de 100 francos (16,8000 réis).

(*Jornal dos Debates de 23 d'Abril de 1853*),

\*\*\*

Viajem pharmaceutica á Exposição universal de Londres, pelo Sr. Borvault; continuada de pag. 168.

Quantos medicamentos preciosos nos teem sido revelados pelos selvagens ou por povos pouco civilizados; devemos o conhecimento da quina aos antigos Peruvianos; os Chinezes empregam, desde tempos immemoriaes, o esporão de centeio na obstetria; e desde a mais remota antiguidade o usam como meio abortivo para se opporem de um modo quasi legal a uma grande fecundidade. Desde muitos seculos conhecem elles tambem a propriedade antifebrifuga do acido arsenioso. O kousso veio-nos dos Abyssi-

nios; o matico dos Indios, &c. Eis aqui medicamentos incontestavelmente uteis. Não haverá outros para descobrir? Não foi necessario esperar até ao presente para reconhecer a principal propriedade do ether, o seu poder anesthesico?

Entre os medicamentos da India encontrámos uma grande collecção de substancias que tinham nas etiquetas mencionadas as molestias contra que se applicam. Entre estas substancias, que pouco mais ou menos seriam cincoenta, eis aqui aquellas de cujos nomes, propriedades physicas, e virtudes medicinaes tirámos nota; quasi todas ellas eram de Java: *sadarwee*, flores amarelladas, contra a dysenteria; *boah tapayang* (6), fructos conicos, anegrados, rugosos, da grossura de soryas seceas, tambem contra a dysenteria; *andjang*, fructos alongados, tendo nas extremidades arestas em forma de ganchos, uns amarellados, outros pardos, contra os calculos; *tjeko*, producto negro, sem forma determinada, contra os vermes; *kayoe-tass*, pequena raiz escura ou ruiva, com tres a quatro radiculas contornadas sobre si como cordas, contra a colica; *klembo*, raiz parecida com o rhuibarbo, contra a asthma; *mushméc bitters*, raizes miudas como as da polygala, contornadas, rugosas, escuras, com poucas radiculas, contra as febres. Vimos outras substancias applicadas contra o rheumatismo, as dôres da parturição, a ictericia, &c. &c.

(6) O *boah tapayang* não é completamente desconhecido em França. Um alemão, que se intitolava official da Armada de Lahore, possuidor d'uma certa quantidade d'estes fructos, nos propoz, haverá seis a oito annos, o comprar-lhos, e nos contou a seguinte historia um pouco dramatica. Um curandeiro que acompanhava a esquadra sicke, tendo sido ferido mortalmente em uma batalha, lhe revelou, á hora da morte, que o meio de que elle e seus collegas se serviam para curar infallivelmente as dysenterias e as outras irritações intestinaes, as mais rebeldes, tão frequentes n'esta parte da India, era o *tambayang*, fructo d'uma arvore, cuja descripção lhe fez, a qual habita as florestas virgens d'uma certa localidade. Um outro Pharmaceutico de Paris comprou-lhe estes fructos, cuja historia abbreviada fizemos na *Officina*. Tem estes fructos uma particularidade digna de notar-se; é que, lançados em agua, incham e adquirem um volume quinze a vinte vezes maior do que tinham em quanto seccos, por que contem uma especie de bassorina em grande quantidade. Devemos ajunctar que o *tambayang* foi ensaiado pelo Dr. Martin-Solon na sua clinica do hospital, e que lhe não pareceu superior aos nossos adstringentes indigenas. Empregar-se-hia elle do mesmo modo e nas mesmas doencas em que se emprega na India?

(7) ; Persistindo no nosso pensamento, perguntamos por que razão se não admittirão entre estas substancias verdadeiros especificos ou pelo menos medicamentos preciosos? Os factos precedentes, e que nós poderíamos multiplicar, devem conduzir-nos a um scepticismo mui circumspecto em tudo o que diz respeito á *Materia Medica*.

A *Alemanha*, exceptuando as suas numerosas collecções de mineraes, quasi nada enviou de substancias naturaes. Os vegetaes so estavam representados por um grupo de plantas alpinas, expostas por um Pharmaceutico de Mannheim, e por uma collecção de bons exemplares de drogas simples, mas sem sello particular, exposta pela casa Botka, de Praga, que parece ser uma casa geral para tudo o que diz respeito á Pharmacia. Encontramos productos d'esta casa, taes como vidros, instrumentos diversos, productos chymicos, e de drogaria, em todas as partes da exposição alemã.

Na exposição ingleza encontrámos plantas sêccas comprimidas de tal sorte que quasi tinham a densidade da madeira. Estas plantas, que são dos nossos paizes, não differem na forma da que teem em quanto vivas, senão pela rigidez e achatamento. Porém exceptuando estas duas modificações, conservam a integridade, cheiro e côr dos seus diferentes orgãos. ; Como se consegue este resultado? Não o sabemos de certo; porém supponho que as plantas sêccas primeiro até ficarem so com uma certa molleza, são apertadas, e conservadas em um lugar quente até que estejam perfeitamente dessecadas. Este processo, analogo ao do Sr. Masson, para as conservas de legumes, do qual fallaremos depois, parece-nos ter sido inventado na America. Encontram-se na drogaria plantas assim conservadas, taes como o matico, a lobelia inflata, e algumas especies de tabaco.

Os pharmaceuticos-droguistas inglezes expuseram mui-

(7) A difficuldade de chegar ao lugar em que estas substancias estavam expostas, e o dizerem-nos que se publicaria um catalogo especial, fez com que não tomassemos mais apontamentos. Estamos arrependidos de não o ter feito, por quanto não se publicou nem publicará documento algum a este respeito.

tas substancias exóticas, d'entre as quaes citaremos as seguintes :

O *kouso*, summidades floridas da *brayera anthelmintica* (rosaceas) vindo da Abyssinia, e muito parecido com as flores de tilia quebradas. O *kouso*, actualmente usado entre nós, é o tenifugo por excellencia, Dá-se na dose de 15 grammas, em infuso feito com 250 grammas d'agua por espaço de meia hora. O doente, que deve fazer uso d'elle, põe-se em dieta desde a vespora, e ingere no estomago o liquido e o po suspenso no mesmo liquido. Passadas duas horas o verme é expulsado pelo anus; e para que a cura seja radical contuma-se tomar depois um purgante.

*Sambul*, raiz de *musc* ou *jatamansi*. Esta raiz tem a forma e volume de um nabo ordinario. D'ordinario apparece cortada em duas partes ou em rodellas espessas; externamente é cinzenta ou de um louro-claro, e é marcado de estrias ou canneladuras circulares finas; por dentro é esbranquiçada; a sua textura é frouxa e esponjosa; cheiro muito sensivel de almiscar e angelica. Julga-se ser produzida por uma umbellifera da Buccharia, d'onde vem para a Europa por Kiatchta e Moscou. Alguns Medicos Russianos e Inglezes preconizam-a muito contra o cholera, a hysteria, e sobre tudo contra o espasmo epilectico. Emprega-se quasi sempre em tinctura na dose de 20 a 30 gottas em agua assucarada ou sobre o assucar.

(Continúa.)

Centro de Documentação Farmacéutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

---

Sousa Telles, Junior.

## PHARMACIA.

**Nota acerca de dous artigos publicados no Jornal de Chymica Medica de Paris.**

A publicação de qualquer artigo em um Jornal acreditado, como é o de Chymica Medica, dá um certo valor á sua doutrina, e dispõe favoravelmente os animos a recebê-la sem grandes commentarios. Ha casos em que facilmente se verificam as asserções expendidas; em outros, porém, é difficil fazer essa verificação, e então as inexactidões passam e podem ser prejudiciaes debaixo de diversos pontos de vista.

Como prova do que fica dito citaremos dous artigos recentemente publicados no Jornal que ja mencionámos, á testa de cuja redacção está o Sr. Chevallier, homem eminente pelo seu muito saber, e conhecido em toda a Europa pelos seus trabalhos scientificos.

O primeiro artigo, a que nos referimos, tracta d'um processo novo para obter o oleo de meimendro e todos os oleos cosidos. O seu auctor, o Sr. Ortlieb, descreve-o do seguinte modo: 125 grammas de pó de meimendro de media finura foram humedecidas com 25 grammas d'ether sulphurico e 25 grammas d'agua, e *bem misturadas em um almofariz*; depois foram introduzidas em apparelho deslocador, de vidro, tendo na parte inferior uma mecha d'algodão; este pó foi deslocado, sem ser comprimido, por um kilogramma de azeite. O azeite penetra pouco a pouco no pó humedecido, subcarrega-se da materia extractiva, cuja dissolução o ether e a agua facilitam, passa muito corado, e com o cheiro viroso proprio da planta. Expondo-o por alguns minutos a um brando calor, todo o ether empregado se evolve.

Este processo tem, segundo nos parece, tantas inconveniencias que admira querer-se com elle substituir o methodo da decocção no azeite, facil, bom, e geralmente adoptado.

2.<sup>a</sup> Serie, T. IV.— N.º 7.

Mencionaremos muito em resumo os principaes defeitos que lhe suppomos.

1.º E' um processo difficil porque exige, além de muito tempo, numerosas operações; como são a seccagem das plantas, a sua pulverisação, deslocação, e aquecimento do oleo.

2.º E' mais dispendioso do que o processo da decocção, e muito mais exposto a percas.

3.º A seccagem da planta deve produzir alterações profundas na sua composição, tanto maiores quanto é commum seccarem-se as plantas depois da sua florescencia, epocha em que os succos são menos abundantes nas folhas.

4.º A pulverisação separa uma parte do tecido fibroso, certamente incrustado de principios activos que deixam de figurar no oleo.

5.º O ether e a agua, dissolvendo os principios activos da planta, devem produzir alterações que não são ainda conhecidas, e provavelmente facilitarão a volatilisação da hyosciamina que é muito solúvel no ether privando assim d'ella o oleo.

6.º A deslocação pelo azeite deve ser difficil, imperfeita, e incapaz de atacar o po; e se este não fôr submettido á expressão, deve perder-se uma grande quantidade de oleo.

7.º O aquecimento por alguns minutos, que se propõe para volatilisar o ether, além da desvantagem mencionada (3.º) não bastará para dissipar a agua, da qual o auctor não faz caso, e que deverá sobrenadar o oleo.

Se a tudo isto junctarmos o preço baixo d'este preparado, parece-me que se pode concluir que o processo do Sr. Ortlieb não é conveniente.

O segundo artigo que vamos estudar é do Sr. Geigner, tem o titulo seguinte:

*Sobre a preparação extemporanea do xarope de violetas.*

O Sr. Geigner tomou de violetas *seccas não lavadas nem mondadas* a oitava parte das que se empregam frescas



(segundo o Codex 8 p. de violetas frescas equivalem a 1 p. d'ellas seccas) humedeceu-as, e deixou-as em maceração por duas horas com sufficiente quantidade de agua *distillada fria* em um vaso de porcellana muito limpo; collocou-as depois em um funil de vidro, calcou-as, e fez a deslocação com agua distillada fria na quantidade que o Codex ordena. No liquido, que sahia muito transparente, fundio, a brando calor, a sufficiente quantidade de assucar muito branco e còou por um coador lavado em agua pura.

Diz o Sr. Geigner que este xarope tem todas as qualidades desejaveis, e que fermenta menos que o obtido por outro qualquer processo.

Razões tão obvias, que nem é mister mencional-as, fizeram-nos suspeitar que o processo do Sr. Geigner era mau. Para nos certificarmos pedimos a um dos nossos discipulos que o preparasse, seguindo escrupulosamente a formula acima mencionada; assim o fez, porém obteve um xarope de mau aspecto.

Para mais firmar a nossa opinião, pedimos ao nosso collega e especial amigo José Pereira d'Azevedo, Administrador da Botica Barreto, que tinha grande quantidade de violetas seccas, fizesse o xarope pelo methodo do Sr. Geigner. A preparação foi escrupulosamente feita, e o resultado tal qual o esperavamos.

O xarope sahio-nos pessimo. A comparação d'elle com outro feito pelo mesmo Sr. Azevedo, segundo o processo ordinario, e que estava primoroso, não poderia ser mais desfavoravel para o primeiro. O cheiro era herbaceo e desagradavel; a cor indefinivel, parecia uma mistura de vermelho borra de vinho e verde garrafa; o sabor tambem mau.

Em cousas de sciencia não é bom improvisar.

Sousa Telles, Junior.

Pastilhas de caracocs.

Caracocs bem limpos . . . . . 500 gram.  
Agua . . . . . q. b.

Ferva por espaço d'algumas horas, cõe com expressão, e evapore até se reduzir a 100 gram., e ajunte:

Gomma alcatira . . . . . 6 gram.

Deixe ficar por espaço de 12 horas, a fim de formar-se a mucilagem; e incorpore

Assucar . . . . . 2500 „

Gomma arabica . . . . . 60 „

Forme pastilhas de 0,8 gram.

Guardando as proporções prescriptas por diversos auctores, na preparação d'estas pastilhas, julguei dever alterar o *modus faciendi*, por isso que sendo os caracocs compostos de principios fixos, aos quaes a ebullição não altera as propriedades, eu obtive umas pastilhas, quando não mais subcarregadas de principios mucilaginosos, ao menos com um aspecto mais agradável, e de mais facil preparação.

José Pereira d'Azevedo.

Formulas extrahidas do Annuario therapeutico do Sr. Bouchardat — 1833; continuadas de pag. 241.

*Liquor contra as frieiras simplices e ulceradas.*

Os *Annales de la Flandre occidentale* ajunctam á lista os numerosos remedios preconizados contra as frieiras a receita seguinte, que, segundo o Sr. Van-Ryn, será quasi infallivel nos casos das frieiras não ulceradas.

Oleo essencial de terebinthina. . } aã 2 gram.  
Alcohol camphorado . . . . . }

Agua de rosas..... 120 gram.

Misture. Embebe-se um panno n'este liquido, e envolvem-se com elle, durante a noute, as partes affectadas.

*Mistura ammoniacal* (CRUVEILHIER).

Alcohol de melissa..... 120 gram.

— de Fioravante..... 30 „

Ammonia liquida..... 10 „

Emprega-se em fricções para produzir a estimulação da pelle, nas dôres rheumatismaes, nevroses, &c.

*Pomada de digitalina contra as dartras* (DUMONT).

Digitalina pura e dissolvida em alcohol.. 10 centigr.

Sulphureto vermelho de mercurio..... 2,50 gram.

Chlorureto de mercurio (precipitado branco) 16 gram.

Tinctura d'opio bruto..... 6 „

Cold-cream ligeiramente saponaceo..... 120 „

F. S. A.

*Decocto de giesta composto* (Ph. Lond.).

Sumidades recentes de giesta..... 15 gram.

Bagas de zimbro..... 15 „

Raiz de taraxaco..... 15 „

Agua..... 750 „

Reduza pela ebullição a 500 gram., e cõe.

Este decocto é empregado em Inglaterra como diuretico, na hydropsia; dá-se na dose d'um copo, que se repete tres ou quatro vezes no dia.

*Emplastro de tartaro estibiado* (Ph. d'Hanover).

Tartaro estibiado em po finissimo... 4 gram.

Resina de pinho..... 8 „

M. S. A.

*Confeitos de subnitrate de bismutho.*

Subnitrate de bismutho.....	800 gram.
Assucar .....	100 „
Gomma arabica.....	100 „
Agua .....	q. b.

Faça pilulas ovaes de 25 centigr., que se cobrem d'assucar para obter confeitos de 0,40. Estes confeitos, que contem cada um 20 centigr. de sal, são mais faceis de engulir que uma pilula.

*Marmelada laxativa de café.*

Manná em lagrimas.....	} aã 50 gram.
Polpa de cannafistula.....	
Oleo d'amendoas doces.....	
Assucar branco pisado.....	
Infuso concentrado de café.....	

Funde-se o manná no infuso, cõa-se, ajunctam-se as outras substancias, e misturam-se perfeitamente. Dão-se duas colheres de café d'esta marmelada de manhã, e egual quantidade de tarde; tres horas pelo menos depois do ultimo alimento, nas bronchites chronicas.

*Injecção de mattico contra as blennorrhagias rebeldes*  
(SILVA).

Mattico em po.....	10 gram.
Alcohol de 56°.....	15 „
Deixa-se em contacto por 24 horas, e ajuncta-se	
Vinho branco.....	250 „

Macere-se depois por espaço de 6 dias, cõa-se por expressão, e filtra-se.

*Po ferro-manganico para agua gazosa.*

Bicarbonato de soda em po grosso.... 20,00

Acido tartarico .....	25,00
Assucar pulverisado .....	53,00
Sulphato ferroso em po muito fino ....	1,50
— manganoso .....	0,75

Misture com cuidado, e guarda-se em frascos bem rolhados. Emprega-se uma colher de café cheia d'este po, para cada copo d'agua e vinho que se bebe durante a comida, de preferencia ao pó de Quesneville e ás aguas ferreas.

*Pilulas de carbonato ferro-manganoso.*

Sulphato ferroso crystallisado puro ...	75,00
— manganoso crystallisado puro	25,00
Carbonato de soda crystallisado .....	120,00
Mel fino .....	60,00
Agua .....	q. b.

Procede-se, n'este preparado pharmaceutico, como nas pilulas de Vallet; formando-se pilulas de 20 centigram., que podem ser prateadas, e que se conservam perfeitamente sem se peroxydarem, guardando-as em vidros bem rolhados.

O Sr. Pétrequin dá 2 a 4 pilulas por dia; estas pilulas substituem as de Blaud e de Vallet.

*Nova formula para o tractamento das febres intermittentes.*

O Dr. Turchetti publicou, na *Gazette médicale de Toscane*, uma receita de febrifugos indigenas, que seria de bastante utilidade se, entre nós, obtivéssemos as mesmas vantagens que o seu auctor.

Folhas d'oliveira .....	15 gram.
Casca interior de salgueiro .....	12 „
Camedrios .....	24 „

F. S. A. decocto em 500 gram. d'agua distillada, e cõe.

O Sr. Turchetti administra metade d'este decocto tres horas antes da invasão do accesso, e a outra metade duas horas depois da primeira; isto é uma hora antes do ac-

cesso. Continua-se a usar alguns dias depois da cura, a fim de se pôr ao abrigo das recidivas.

O Sr. Comucci tem empregado, assim como o Sr. Turchetti, esta formula em um grande numero de febres periodicas legitimas, e tem obtido os melhores resultados.

(*Revue de Thérapeutique.*)

*Xarope de lactato de ferro e de manganio.*

Lactato ferro-manganoso . . . . .	4,0
Assucar em po . . . . .	16,0
Trituram-se ambas as substancias, e ajuncta-se-lhes	
Agua distillada . . . . .	200,0
Dissolva rapidamente, e deita-se o li- quor em um matrás a banho d'agua quente, contendo	
Assucar contuso . . . . .	384,0

Filtra-se depois o soluto. — Este xarope contém approximadamente 15 centigram. de lactato de ferro, e 5 centigram. de lactato de manganio por 30 grammas. Tomam-se uma ou duas colheres por dia.

*Pastilhas de lactato ferro-manganoso.*

Lactato de ferro-manganoso . . . . .	20,0
Assucar fino . . . . .	400,0
Agua . . . . .	q. b.

Faça pastilhas de 0,5. Ellas substituem as pastilhas de Gélis e Conté, e tomam-se seis ou oito por dia.

*Soluto de sesqui-nitrato de ferro de KERR.*

Fio de ferro . . . . .	32 gram.
Acido nitrico . . . . .	96 „
Agua . . . . .	3500 „
Mistura-se o acido com 450 gram. d'agua; ajuncta-se	



o ferro até á dissolução; e completa-se 3630 gram. de liquor com agua quanto baste.

Dá-se uma ou tres colheres de café d'este soluto nas 24 horas.

O Sr. Kerr e Macpherson teem administrado este soluto ferruginoso umas vezes so, outras misturado com sulphato de quinina, em mais de quinhentos casos, e com grande vantagem; principalmente para a cessação da cachexia e fortalecimento da constituição, que resiste então ás causas que fazem muitas vezes reaparecer a febre.

*Pilulas contra a amaurose (DEVAL).*

Bichlorureto de mercurio.....	15 centigr.
Extracto d'opio.....	10 „
Althea em po.....	2 gram.
Xarope de gomma arabica.....	q. b.

F. S. A. 30 pilulas. Tomam-se uma á noute e outra de manhã no caso de haver tolerancia.

*Poção contra a dysenteria (HASPEL).*

Calomelanos.....	1 a 2 gram.
Ipecacuanha em po.....	6 dec. a 2 gram.
Laudano.....	4 a 12 gottas.
Poção gommosa.....	120 gram.

F. S. A. Antes de dar ao doente esta poção, mexe-se muito bem a garrafa. Toma-se de uma vez, ou em tres porções com intervallo d'uma hora.

Esta poção substitue o po de Segond contra a dysenteria.

*Meio de vedar as picadas das sanguessugas (LASTELLE).*

O carbonato de ferro das pharmacias, conhecido com o nome de *acafrão de marte aperitivo*, e que é o hydrato de peroxydo de ferro, é um dos melhores meios para vedar o sangue causado pela mordedura das sanguessugas.

J. D. Corrêa.

CHYMICA.

**Sobre a preparação do perchlorureto de ferro liquido considerado como agente coagulador do sangue; pelo Sr. Burin du Buisson, Pharmaceutico em Lyão.**

E' geralmente conhecido o grande numero de substancias que teem a propriedade de precipitar a albumina das suas dissoluções.

Quasi todos os acidos a precipitam em branco; o acido acetico reduz á forma de geléa as suas dissoluções concentradas.

A estronciana, a baryta e a cal formam com a albumina precipitados insolueis n'agua.

Ella precipita quasi todos os saes metallicos, e o precipitado branco insoluel em agua, que, a albumina forma com o bi-chlorureto de mercurio, é particularmente conhecido. Entre os outros metaes que gozam d'esta propriedade, deve incluir-se o sulphato de cobre, e muito mais particularmente o perchlorureto de ferro.

O chlorureto ferrico possui, com effeito, no mais alto grau, a propriedade de se combinar, instantaneamente, com a albumina, formando com ella um precipitado debaixo da forma de magma consistente e insoluel, como acaba de provar o Dr. Pravaz; e é bem conhecida, hoje, a importante applicação que este habil practico tem feito da solução aquosa d'este sal para coagular instantaneamente o sangue nas arterias, em vista do seu emprego especial na cura das aneurismas.

O perchlorureto de ferro reúne, com effeito, todas as qualidades que se podem desejar (e mesmo exclusivas) para preencher o fim a que o Dr. Pravaz o destina tão felizmente: grande força hemostatica, innocuidade perfeita, e solubilidade na agua; — precisava-se apenas achar um methodo de preparação, pelo qual se podesse obter este sal sempre *mui puro*, e a sua solução aquosa de uma densidade maximum, *que fosse sempre, e em toda a parte iden-*

tica, condições indispensaveis para conseguir o fim proposto pelo Dr. Pravaz, que teve a bondade de encarregar-nos d'este ultimo trabalho, cujos resultados vamos expor.

*Perchlorureto de ferro liquido do Dr. Pravaz.*

Sulphato de ferro do commercio cõr	
d'esmeralda . . . . .	1,000,00
Agua . . . . .	3,000,00
Limalha de ferro pura . . . . .	100,00
Acido sulphurico . . . . .	15,00

Deita-se tudo em um matrás, ou antes em um vaso de ferro envernizado, e se deixa digerir sobre um banho d'arêa até cessar todo o desinvolvimento de gaz; filtra-se, e ajuncta-se ao liquor 500 grammas d'acido hydro-sulphurico liquido, e se deixa em repouso pelo espaço de 12 horas; decorrido este tempo, põe-se o soluto sobre o lume, deixa-se ferver por meia hora, e filtra-se.

Addiciona-se ao liquor filtrado 200 grammas d'acido sulphurico puro e concentrado: deita-se a mistura n'uma capsula de porcellana, ou n'um vaso como o acima mencionado, cuja capacidade fique so occupada até ao meio; leva-se á ebullição, e ajuncta-se-lhe, por pequenas quantidades, acido azotico puro, até que a ultima adição não desinvolva mais vapores rutilantes; tira-se então do fogo, dilue-se o liquido em 25 a 30 vezes o seu peso d'agua fria, precipita-se todo o ferro no estado de peroxydo, por um ligeiro excesso de ammoniaco liquido; lava-se o precipitado, por decantação, muitas vezes em agua pura, e deixa-se seccar ao ar dividido em camadas pouco espessas sobre coador.

Depois do oxydo secco e pulverisado, calema-se ao rubro, em um vaso de ferro, largo e pouco profundo para que a temperatura se não eleve muito; obtem-se d'esta forma o açafraõ de marte adstringente das phar-macias, o qual sendo assim preparado, é propriamente o peroxydo de ferro puro.

Obtem-se, depois, o perchlorureto de ferro, pela maneira seguinte:

Peroxydo de ferro acima mencionado. . . . . 200 gram.  
Acido hydrochlorico branco e puro. . . . . 1000 „

Deixam-se reagir a frio durante 5 a 6 horas, depois colloca-se o vaso em um banho de maria, d'agua fervendo, até á soluçào quasi completa do oxydo; esta operaçào deve-se fazer em capsula de porcellana, cujo peso seja conhecido; decanta-se o liquido para separar o oxydo indissolvido, e evapora-se lentamente a banho maria, agitando sempre até á consistencia de xarope espesso cujo peso se deve então determinar; ajuncta-se-lhe uma quantidade d'agua distillada igual á ametade d'aquelle peso; aquece-se ainda por alguns instantes, e deita-se tudo sobre um filtro; lava-se a capsula, e depois o filtro com uma nova quantidade d'agua igual á primeira, e ajuncta-se ao primeiro liquido a porçào sufficiente do ultimo, para obter uma mistura homogenea tendo uma densidade constante de 43,5 a 44°.

D'esta forma se obtem um liquido mui limpido, tendo apenas uma ligeira reacçào acida, mas perfeitamente puro, *no maximum de saturaçào, e sempre identico*, conservando-se optimamente sem deposito algum desal, com tanto que se guarde em vaso bem rolhado; visto em massa é de côr parda carregada, e d'amarello dourado-esverdeado, visto por transparencia, e em camadas delgadas.

Cinco a seis gottas d'este liquido, misturadas com uma clara d'ovo diluida em 20 grammas d'agua, são sufficientes para, em menos de 15 segundos, a tornar toda em massa que, ainda revirando o vaso que a contém, fica colada ao fundo, do qual se não despega, se não passado bastante tempo, quando a agua principia a separar-se em parte á maneira do soro do sangue coagulado.

Esta preparaçào reúne pois todas as condiçõeõs desejadas para realizar as esperanças que fazem nascer, com justo titulo, as observaçõeõs do Dr. Pravaz.

(*J. de Ch. Méd. Ph. e Toxic.*)

H. J. de Sousa Telles.

---

## PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa no mez de Junho de 1853; pelo Demonstrador de Medicina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão. (\*)

Temperatura media da atmosphera	17°,7
„ maxima „	21°,5
„ minima „	15°
Maxima variação diurna de temperatura	2°
Pressão media da atmosphera	mil. 761,60
„ maxima „	764,53
„ minima „	749,29
Ventos mais constantes	N. NE. S.
Altura da agua no pluviometro	
Dia mais chuvoso do mez	
Grau medio d'humidade no hygrometro	3°,7

### Considerações.

N'este mez verificaram-se alguns casos d'apoplexias, sem que as variações barometricas explicassem muito satisfactoriamente estes desgraçados acontecimentos, como o temos feito sentir n'outros mezes. Mas isto o que quer dizer é que as diversas e rapidas variações de pressão atmosphérica não são as unicas causas dos derrames e das congestões cerebraes; antes mesmo d'estas observações ja a sciencia o havia declarado, mas não significa tambem que mui-

(\*) D'hora á vante daremos as nossas Synopses meteorologicas de tres a tres mezes, abrangendo assim espaços maiores, e que correspondem mais a periodos medicos; parece-nos por isso ser mais vantajoso esse arbitrio para os usos medicos, a que estes trabalhos se dedicam. O 1.º mappa apparecerá agora no mez de Outubro, abrangendo Julho, Agosto e Setembro.

tas vezes não concorram essas variações para tão desgraçados acontecimentos.

Appareceram durante o mez bastantes casos de febres eruptivas, sobre tudo d'escarlatinas, e bexigas: com tudo nenhum d'elles apresentou a gravidade que taes molestias tiveram n'esta mesma estação no anno passado. Estas febres appareceram com mais frequencia no litoral do rio, observamol-as desde Lisboa até Oeiras. As molestias chronicas teem-se aggravado com o excessivo calor d'alguns dias; e as hydropesias mesmo, que é o que mais admira, não se teem resolvido na presença de uma tão elevada temperatura atmospherica, que costuma ser quasi sempre uma boa condição da circumfusa para a cura d'estas molestias: eu sei que sendo quasi todas ellas symptomaticas d'affecções organicas, pequena influencia podem estas receber do estado da atmospherica.

Casa no Largo do Caldas, em o 1.º de Julho de 1853.

## HISTORIA NATURAL.

Estudos geologicos do Buçaco, insertos no Jornal — O INSTITUTO — de Coimbra; continuados de pag. 149.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. Daniel Sharpe. — Com esta carta vai juncta uma nota das localidades d'onde se colheram os fosseis da minha segunda remessa, os quaes pertencem todos aos terrenos de transição da vertente O. da serra do Buçaco.

Dos trinucleus é raro ou quasi impossivel obter um exemplar perfeito; encontram-se com frequencia os escudos cephalicos com as suas tres proeminentes bossas, com appendix ou prolongamentos dos seus bordos; mas os restos do corpo são tão difficeis d'encontrar como o proprio animal inteiro: o unico que encontrei e ainda pouco perfeito, envio com o n.º 213, assim como com este numero repito algumas peças, que junctas a outras da minha primeira remessa, talvez auxiliem o conhecimento perfeita do animal. O n.º 214 é outro trinucleus que me parece ser



d'especie diversa do n.º 213; eu fico com um exemplar identico, mas dobrado á similhaça das calymenas. Com os trinucleus encontram-se as calymenas enroladas, os bellerophons, fragmentos d'orthoceras, turbos ou pleurotomarias? arêas? nuculos? orthis, &c.; todos estes restos pertencem a um grauwake ou gres micacio schistoso, em geral anegrado, que occupa a parte media da formação, e cujas camadas são perfeitamente caracterisadas pelos trinucleus, onde so e exclusivamente são encontrados.

Os asaphus e calymenas são frequentes nas camadas, que pousam sobre os quartezites, sendo mui raros os exemplares inteiros; os illaenus acompanham estes dous generos que com as spiriferas? (n.º 188 a 199) caracterisam est'outra parte da formação.

As cardiolas interrupta? as cythereas? de mistura com fragmentos de bivalves de differentes generos mui estragados, os orthoceras em geral achatados, os graptolites, &c., pertencem a uma outra serie de camadas, onde é mais frequente o schisto argilloso e em que os trilobites e outros restos animaes, á excepção dos orthoceras, não apparecem: a ausencia d'estes fosseis e a presença das cardiolas exclusivas a este schisto argilloso, caracterisam esta terceira parte da formação siluriana.

Podemos por tanto classificar ou distinguir tres series de camadas, bem caracterisadas por seus restos animaes, e todas pertencentes ou constituindo a formação siluriana do Buçaco.

Aceptaenas, productos, pentameras? orthis, &c., de mistura com uma extrema abundancia de coraes, encontram-se n'uma rocha argillosa (que n'esta carta denomina-rei sempre argillolite), amarella, dura, prismatica, sem vestigios de stratificação, a qual parece ter resultado de productos d'origem ignea, e da decomposição da diorite que constantemente acompanha, e cujo deposito jaz dentro da bacia siluriana, e d'elle dei conhecimento a V.S.ª na minha primeira carta. Estes fosseis não se acham indistinctamente disseminados pela rocha, mas em determinados logares, cujas condições que presidiram á sua loca-

lisação não pude ainda conhecer. Envio alguns prismas d'esta argillolite com fosseis, para V. S.<sup>a</sup> fazer partir.

A diorite e argillolite sua associada, jazem em pequenos depositos dentro da bacia siluriana, occupando uma zona, cuja linha media corresponde ao eixo maior d'aquella bacia, e que corre proxivamente de S. 35.<sup>o</sup> E. a N. 35.<sup>o</sup> O. Não tenho dados para referir este deposito a uma época determinada; pela frequencia dos productos n'esta argillolite, lembrei-me que talvez devesse pertencer ao terreno devoniano, e foi com esta denominação que a apresentei a V. S.<sup>a</sup> na minha primeira carta; hoje porém suspeito muito, que os fosseis d'argillolite pertençam á parte media ou superior da serie siluriana, e por consequencia a diorite e mais productos igneos, que aqui se encontram, pertençam a esta ultima época: o facto é, que a argillolite passa por mudanças insensiveis em seus caracteres mineralogicos á verdadeira diorite, com cuja rocha se identifica; bem como na sua transição aos grauwakes passa a um gres micacio, amarello, cimentado pela substancia argillosa, e cujo plano de contacto não é possivel determinar. Em parte alguma se vê este deposito igneo, ou as rochas suas associadas cobertas pelos stratos silurianos que acima indico; ao contrario são estes, que por toda a parte se encontram rotos, e cobertos até certa distancia pela diorite e pela argillolite.

Os fosseis vegetaes, que vão n'esta remessa, como alguns que foram na antecedente, pertencem exclusivamente a uma formação distincta composta de gres e poudings, e cujos caracteres ja descrevi a V. S.<sup>a</sup> na primeira carta — chamei-lhe então formação devoniana — com cuja denominação continuarei a designal-a. Não envio fosseis vegetaes do chisto carbonoso que encontrei no poço que abri, porque logo se inundou depois d'algum trabalho; e os exemplares que para mim tinha reservado, estragaram-se n'uma conducção. As camadas, que offerecem mais raridade d'especies, são as da Fonte do Salgueiro; os asterophilites com sphenopteris occupam camadas differentes, em quanto que os pecopteris abundam em outras: conservo

um exemplar de sigillaria, que não pode ir agora, e fica reservado para a primeira occasião.

A formação devoniana assenta em stratificação discordante, mui pronunciada, sobre a extremidade norte da formação siluriana do Buçaco, com uma direcção que varia do N. 10.º O. a N N E.; isto é cortando a direcção dos stratos silurianos n'um angulo proximamente igual a 30.º Esta posição clara e definida, que marca com evidencia a idade d'estas duas formações, não se dá da mesma maneira entre o deposito arenaceo devoniano, e o da argillolite; porque no Porto de Sancta Anna, unico ponto onde ha contacto d'estes depositos, apparece uma porção d'argillolite sem fosseis assentando sobre os stratos inferiores devonianos, por cuja circumstancia acreditei em principio e disse na primeira carta que a diorite e argillolite eram contemporaneas e mais modernas do que o deposito devoniano. Estudando porém com mais detalhe as suas relações, reconheci que aquelle facto era um caso anomalo, e que as camadas devonianas são pelo contrario muito mais modernas, do que o deposito da diorite e argillolite: foram as seguintes observações que me levaram a este conhecimento.

1.ª Os stratos silurianos mostram-se rotos em todos os pontos, onde se manifestou a erupção da diorite, e as suas direcções affectam a direcção geral do plano em que obraram as forças eruptivas; no Porto de Sancta Anna, além do qual para o lado do N. O., deixa de ser visivel a rocha ignea, as camadas silurianas veem-se desarranjadas e modificadas pela diorite, em quanto que as camadas de gres e poudings devonianos, não affectam a mesma ligeira modificação nas visinhanças d'esta rocha, quer na continuidade das camadas, quer na sua direcção, que n'este local e até certa distancia rumam de N. a S., em quanto que o plano, onde obraram as forças eruptivas, corre de S. 35.º E. a N. 35º O. (coincide com o eixo maior da bacia siluriana proximamente.)

2.ª A erupção da diorite, devendo ter sido forçosamente submarina, para poder ter logar a assimilação dos res-

tos animaes aos productos incoherentes da erupção depois d'elaborados pelas aguas, e dar em resultado a argillolite fossilifera; este mar, segundo a direcção da linha que une os pequenos depositos de diorite e argillolite (N. 350 a S. 35.º E.), ou pelo facto de se acharem dentro da bacia siluriana, deveria ser necessariamente aquelle, em que teve logar a formação dos stratos silurianos, aliás immensamente discordante, e separada por grandes massas de schistos crystallinos d'aquelle, em que teve logar a formação do gres e poudings devonianos.

3.ª Observando algumas camadas inferiores do deposito devoniano reconhece-se n'elles fragmentos espheroidaes d'uma substancia argillosa, avermelhada, com pontos d'um verde desmaiado, tendo a maior analogia e similitude, com os globulos ou rins de diorite alterada. Vê-se por tanto, que os stratos devonianos não soffreram o menor desarranjo nas camadas, nem a mais leve modificação nas suas direcções em virtude da acção da diorite, não obstante a sua visinhança, em quanto que por outro lado não era possivel, que as aguas abandonassem as paragens dos stratosilurianos, em quanto, ou durante, que se fazia o deposito devoniano, para voltarem depois precisamente aos mesmos logares antigos, a fim de ter logar a assimilação dos novos restos animaes aos productos incoherentes da erupção, e dar em resultado a argillolite fossilifera: por consequencia julgo não se poderá pôr em duvida a antiguidade da diorite e argillolite sobre o deposito devoniano, não obstante o caso anormal acima referido, que pode ser explicado por causas posteriores; nem mesmo a presença de grossos fragmentos d'uma especie de conglomerado, alterado pela acção ignea, que apparece no Porto de Sancta Anna entre uns pequenos cabeços d'argillolite, que, á primeira inspecção, parecem pertencer ás camadas devonianas, mas que melhor averiguados, são uma brechia ou brecha de pequenos fragmentos de quartzite mais ou menos angulosos, e que pertence ao systema siluriano, por que se observa que se prolonga até ás visinhanças da Portela de Loreda no Cabeço do Minhoto.

Os restos de vegetaes, que remetto, pertencem, como V. S.<sup>a</sup> verá, á epocha do *coal formation*, embora as rochas, d'onde se colheram, devam arranjar-se no systema devoniano ou mais antigo: ao systema devoniano as tenho referido, e não tenho, por em quanto, factos de primeira ordem, que me levem a collocar este deposito arenaceo em logar mais recente da escala geognostica; todavia não deixarei em silencio duas observações, que me fazem suspeitar da sua idade ser um pouco mais recente.

A primeira é — que todas as vezes que n'um mesmo local concorrem dous depositos do grande periodo de transição; por exemplo, os systemas cambrio e siluriano, o siluriano e devoniano, ou &c., a discordancia entre os seus stratos é tão ligeira, e ás vezes tão imperceptivel, que para determinar o plano geologico que os separa, tem de se recorrer aos caracteres mineralogicos, e á vezes nem estes mesmos dão o conhecimento do que se busca. Ora aqui a discordancia entre os systemas siluriano e devoniano é tão pronunciada, a natureza dos depositos contrasta tanto em seus caracteres, que dá todo o logar a crêr, que um grande intervallo ou lacuna os separa na escala geognostica; ou seremos forçados a admittir, que rapidas convulsões succederam *imediatamente* á formação d'argillolite, que modificando a forma physica d'esta parte do paiz, deu logar á prompta mudança das costas e dos mares, e immediata disposição das camadas devonianas.

Segunda — o carvão dos pequenos veios do poço de Sancta Christina, aquelle que se encontra em bolsas dentro dos gres, &c., é um carvão gazoso, gordo, *coullant*, entumecendo-se sobre as brazas ardentes, e dando depois da combustão um bello coke: tem-se observado que os anthracites encontram-se somente desde o systema siluriano inferior até ao *Mountain livre stone*, e o carvão que dá coke, so apparece d'esta ultima formação para o *coal formation*. Ora se o estado anthraxifero dos carvões antigos, como pensa M. A. Burat (De la Houille, Paris 1851), é um metamorphismo *contemporaneo*, devido a causas genes, cuja intensidade decrescente explica a gradação dos

anthracites vítrosos do systema siluriano, até ao carvão gordo do *coal formation*; parece que não haverá meio, de dar conta da apparição de carvão gordo n'este deposito arenaceo, que até aqui temos chamado devoniano, sem que o colloquemos n'uma epocha mais visinha do *coal formation*; tanto mais, não havendo factos ou caracteres geologicos, que reclamem contra esta mudança.

Agradeço muito a V. S.<sup>a</sup> as prudentes reflexões, que se dignou fazer-me sobre a minha pretensão d'encontrar carvão na Beira. — Peço porém a V. S.<sup>a</sup> mais um bocado de paciencia para algumas considerações, que sobre este mesmo objecto passo a fazer.

O systema siluriano portuguez, bastante desinvolido nas provincias do norte, acha-se, pela maior parte, descoberto e encaixado nos massiços de schistos crystallinos e rochas graniticas da Beira, Minho, e Trás os Montes; e em quanto esta região ao norte do Vouga se immergia, e se tornava inaccessivel aos depositos immediatos aos fossiliferos primeiros, o contrario succedia á parte do paiz mais ao sul, em que os massiços de schistos crystallinos e argillosos e o systema siluriano do Buçaco (*parte*), se deprimiam e recebiam novos depositos, formando na direcção geral de N. a S. os litoraes dos novos mares.

(Continúa.)

Carlos Ribeiro.

Centro de Documentação Farmacêutica  
REVISTA DOS JORNAES.  
da Ordem dos Farmacêuticos  
(JULHO DE 1853.)

**Condecorações.** — O Sr. Dr. Francisco Antonio Baral, Medico de Sua Magestade Imperial a Senhora Duquesa de Bragança, foi agraciado por Sua Magestade Fidelissima a Rainha com a Commenda de Nossa Senhora da Conceição, e por Sua Magestade o Imperador do Brasil com a da Ordem da Rosa. Esta noticia lê-se na Gazeta Medica de Lisboa.



**Laqueação da arteria iliaca externa.** — Lê-se na mesma Gazeta que no 1.º de Junho d'este anno practicou o Sr. Arantes esta operação como tractamento d'uma aneurisma da arteria femural direita. Seguiu o methodo de A. Cooper; houve-se perfeitamente e o doente curou-se. Damos aqui esta noticia porque folgámos sempre que temos occasião de fazer justiça ao subido merito do Sr. Arantes que, não so pela sua muita intelligencia, mas tambem pelas excellentes qualidades moraes, de que é dotado, é ja tido por um dos mais esclarecidos e estimaveis Lentes da Eschola de Lisboa.

**Oleo de figados de bacalhau e seus succedaneos.**

— D'um relatorio feito á Academia Imperial de Medicina pelos Srs. Grisolle, Guibourt, Soubeiran, e Bouchardat acerca de diversas Memorias do Sr. Berthé em que tractava da existencia do phosphoro no oleo de figados de bacalhau e dos seus succedaneos, extraimos as seguintes conclusões:

1.ª A não existencia do phosphoro, no oleo de figados de bacalhau, affirmada por alguns Chymicos, deve attribuir-se aos processos, pouco rigorosos, por elles empregados.

2.ª Pelo processo do Sr. Jong, modificado pelo Sr. Berthé, acha-se sempre o phosphoro n'aquella substancia.

3.ª Encontra-se phosphoro no oleo de figados de bacalhau, ainda que este seja recente, do que se conclue que a sua presença se não deve tomar como indicio da má qualidade do oleo.

4.ª O processo empregado pelo Sr. Persone, que o decidiu a negar a existencia do phosphoro n'este oleo, não é bom porque o phosphoro forma com os elementos do oleo productos volateis, que dão em resultado a eliminção do metalloide.

5.ª Os processos propostos pelos Srs. Marchal de Calvi, Deschamps e Persone, para preparar um oleo iodado, de composição constante, que substitua o de figados de bacalhau, não teem, como se affirmou, composição constante, porque o vapor da agua e mesmo o simples con-

tacto d'esta fria separa o iodo no estado de acido iodhydrico.

6.<sup>o</sup> O melhor e mais facil meio de obter um oleo iodado, em que a quantidade do oleo seja constante, consiste em ajuuctar a um kilogramma de oleo d'amendoas 5 grammas de iodo, e aquecer a banho d'agua. O oleo descora-se e o iodo contrahe com elle uma combinaçào intima onde nem o amydo o denuncia. E' sem cheiro, transparente, não tem sabor rançoso, o qual contrahe posto em contacto com a agua ou com o seu vapor.

7.<sup>o</sup> Querendo introduzir o phosphoro no oleo iodado, dissolve-se aquelle em um pouço d'oleo, e ajuncta-se ao resto do oleo ao mesmo tempo que se ajuncta o iodo.

**Novo reactivo do ammoniaco.** — Sonnenschein descobrio que a mistura dos acidos molybdico e phosphorico constitue um precioso reactivo do ammoniaco formando um *precipitado amarello*. As vantagens principaes d'este reactivo são as seguintes: 1.<sup>a</sup> denuncia o ammoniaco ou qualquer dos seus saes ainda que a sua proporçào não exceda  $\frac{1}{20000}$  em o liquido; 2.<sup>a</sup> é muito mais sensivel que o chlorureto de platina empregado nas mesmas circumstancias; 3.<sup>a</sup> produz a sua reacçào mesmo em um liquido que tenha acidos livres ou saes.

Por este meio conseguiu o auctor demonstrar a presença do ammoniaco no çumo das betarrabas não concentrado; e na urina de alguém que tinha comido espargos, a qual em outras circumstancias era insensivel ao reagente. O precipitado que se forma contém 6,747 por 100 de ammoniaco. Parece que este reactivo poderá servir não só na analyse quantitativa, mas tambem para a dosagem do alcali caustico.

O reagente prepara-se do seguinte modo:

Aquece-se o precipitado amarello, obtido pela acçào do molybdato d'ammoniaco sobre um liquido que contenha acido phosphorico, até expulsar todo o ammoniaco que contém; ferve-se o residuo com o acido nitrico para refazer o acido molybdico que se reduziu, depois tracta-se pe-

lo carbonato de soda, e sobresatura-se pelo acido chlorydrico. O liquido acido é o reactivo em questão.

**Constituição chymica do vinho.** — O Sr. Winckler, analysando differentes vinhos chegou aos resultados que vamos mencionar, os quaes expoz com tão pouco rigor que o Sr. Wurtz, a quem está confiada a tarefa de fazer a revista dos trabalhos chymicos estrangeiros para o *Jornal de Pharmacia e Chymica*, diz que não merecem absoluta confiança. Com tudo aqui os mencionamos:

1.º Encontrou, em um vinho de mediocre qualidade, que deu por distillação 4 a 8 por cento d'alcohol contendo ether oenanthico, um novo acido a que deu o nome de *acido paracitrico*. Este acido differe, segundo aquelle Chymico, dos acidos tartrico, paratartrico, citrico, e oxalico. De todos estes aquelle a que mais se assemelha é o acido citrico. As propriedades do *acido paracitrico* são as seguintes: Crystallisa difficilmente da sua dissolução aquosa; á temperatura ordinaria exige, para crystallisar, muitas semanas, e mesmo muitos mezes. A brando calor formam-se com mais alguma facilidade os crystaes, mas nunca são perfectos e isolados; são prismas rhomboidaes microscopicos. E' muito soluvel n'agua e no alcohol, e muito pouco no ether, o que o distingue do acido citrico. Não turva a agua de cal senão pela ebullição. Uma dissolução de paracitrato alcalino não precipita o chlorureto de calcio senão pelo calor, e então se deposita paracitrato de cal em po crystallino.

O Sr. Winckler pensa que o acido paracitrico, que possui os caracteres physicos do oxalico e as propriedades chymicas do citrico, se forma nas uvas antes da maturação completa, e que os acidos citrico, malico, tartrico e paratartrico se formam em differentes periodos da maturação.

2.º De outro vinho mais denso que o precedente, tendo 4,4 por 100 d'alcohol, mais tartaro, e menos acido paracitrico do que aquelle outro, obteve, rectificando o producto da distillação de trinta e seis litros pelo carbonato de potassa, 15 gram. de *butirato de potassa* puro.

3.º Por um processo que não mencionamos, mas que pode vêr-se no *Journal de Pharmacie et de Chimie de Junho de 1853*, pag. 471, conseguiu determinar a verdadeira natureza da combinação que communica ao vinho o seu sainete (bouquet) particular. Segundo o Sr. Winckler, a base d'esta combinação é uma substancia volatil e alcalina que se pode isolar (loco citato).

De tudo isto conclue-se que a natureza chymica dos vinhos precisa ser ainda muito estudada.

**Percas lamentaveis.** — A 18 de Maio d'este anno morreu em França o bem conhecido Chymico industrial Francisco Nicolau Cartier. Tinha cincoenta e cinco annos. A 10 de Abril morreu Cottereau, ainda na flor da idade, pois tinha vinte e tantos annos. Deixou varios artigos de merecimento nos diversos Jornaes de que foi collaborador.

**Parricidio.** — No dia 2 de Maio foi assassinado com uma facada no ventre o Pharmaceutico de Castello de Vide, Manuel Joaquim Madeira. O assassino foi um filho do morto, de idade de 22 annos; no acto de ser preso ferio um seu irmão, um visinho, e uma criada.

**Novo gaz.** — O Dr. Lucano, Professor de Chymica na Universidade de Oviedo (Hespanha), obteve do bagaço das maçãs, que servem ao fabrico da cidra, um gaz d'illuminação, que dá uma luz tão pura e tão brilhante como o gaz do carvão de pedra.

Fizeram-se com elle experiencias cujo resultado nada deixou a desejar. Os appaarelhos e os processos para obter este gaz são extremamente simples e muito menos custosos do que os do gaz de carvão de pedra.

**El Porvenir Medico.** — São Redactores d'este importante periodico os seguintes Srs.: D. Enrique Carrion y Anguiano, D. Juan Creus y Manso, D. José Diaz Benito, D. José Dominguez y Gonzalez, D. Tomaz Garcia Ciano, D. Pedro Gouzalez Velasco, D. Felix Guerro y Vidal, D. Francisco Ortego y Navas, D. Enrique Suen-der Rodriguez.

Agradecemos a estes Collegas a remessa dos primeiros

numeros do Porvenir, e a continuação dos que se vão publicando.

**Febres intermittentes.** — O Sr. Perrin applica as seguintes pilulas no tractamento das febres intermittentes, e diz que são muito mais activas do que o sulphato de quinina so.

Sulphato de quinina . . . . . 40 grãos.

Extracto de belladona. . . . . 4 „

M. e F. 20 pilulas eguaes.

Tres pilulas, e não mais, por dia.

**Molestia das batatas.** — Lê-se nos Jornaes que um agricultor francez descobrira um meio muito simples de preservar as batatas da molestia que as tem atacado n'estes ultimos annos. Consiste este meio em não deixar os tuberculos nos celleiros durante o inverno, mas em os semear no meado de Outubro ou no principio de Novembro, tendo o cuidado de fazer covas bem fundas para livrar a semente do gelo. Logo que chega a primavera, o germen rebenta viçoso á flor da terra, e em pouco tempo obtem-se productos perfeitamente formados e isentos de todo o mal. Colhidas as batatas, conservam-se em celleiros secos e bem ventilados até ao outono em que se procede a novas sementeiras.

Diz o Observador, Jornal de Coimbra, onde lemos esta noticia, que parece terem-se ja tirado bons resultados d'este processo entre nós.

**Pharmacia Militar.** — O *Escholiaste Medico* publicou o seguinte artigo: o Governo apresentou ás Camaras a proposta de lei, que de ha muito se acha feita, para organizar a Classe dos Pharmaceuticos Militares d'aquelle modo que a justiça pede, e que nós todos desejâmos.

**Novo anesthesico.** — O Sr. Richardson propõe um novo anesthesico cuja acção é tão poderosa como a do chloroformio e ether, e, ao que parece, sem os inconvenientes d'aquelles dous agentes. A substancia empregada é o *lycoperdon proteus* vulgarmente chamada *pão de lobo*. applica-se aquelle cogumelo, fazendo que o paciente res-

pire o vapor produzido durante a incineração. Diz que os efeitos são maravilhosos.

**Analyse da urina.** — Os Jornaes Hespanhoes annunciaram que no dia 1.º d'este mez (Julho) exporia o Sr. D. Ramon Torres Muñoz, na sua cadeira de Chymica de Sancto Isidro, um novo methodo para analysar a urina, que lhe communicara verbalmente o Sr. Liebig. Este methodo tem por fim fazer conhecer, pelo augmento ou diminuição dos saes da urina, as mais pequenas alterações das doenças, tanto para melhor como para peor. Esperamos que aquellos Jornaes publicarão a importante lição do Sr. Muñoz.

Sousa Telles, Junior.



PEÇAS OFFICIAES.

**SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA!** — A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, vendo quanto deficientes são ainda os estudos pharmaceuticos em relação ao estado actual da sciencia, e desejando que sejam elevados ao grau de melhoramento que a sua importancia exige, para bem commum da Classe Pharmaceutica e utilidade publica; tem a honra de propor á Camara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa o seguinte

PROJECTO

PARA A CREAÇÃO DE ESCOLAS ESPECIAES DE PHARMACIA.

*Das Escolas Especiaes, seus fins, e disciplinas que n'ellas se ensinam.*

Artigo 1.º As Escolas de Pharmacia, hoje annexas ás Escolas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto, e á



Universidade de Coimbra, denominar-se-hão = *Escolas Especiaes de Pharmacia* = ; e teem por fim educar e habilitar os individuos que se destinam ao exercicio da Pharmacia.

Art.º 2.º As Escolas Especiaes de Pharmacia comprehendem Cursos theoreticos e practico.

§. 1.º Os Cursos theoreticos são:

1.º A Physica. . . } Estudadas na Eschola Polyte-

2.º A Chymica. . . } chnica de Lisboa, ou na Acade-

3.º A Botanica. . . } mia Polytechnica do Porto.

4.º As Disciplinas que fazem o objecto das Escolas Especiaes.

§. 2.º O Curso practico consiste:

1.º No exercicio, por dous annos successivos, em uma officina de pharmacia legalmente estabelecida.

2.º Na frequencia effectiva, por dous annos, da Aula practica das Escolas.

Art.º 3.º As Escolas Especiaes de Pharmacia comprehendem as Cadeiras e Disciplinas seguintes:

1.ª Cadeira — Historia Natural Pharmaceutica, incluindo o estudo das substancias medicinaes, alimentares, e toxicas.

2.ª Cadeira — Pharmacia theoretica e Legislação pharmaceutica.

3.ª Cadeira — Chymica analytica, e suas applicações á Pharmacia, á Hygiene publica, e á Medicina legal.

Art.º 4.º As disciplinas das tres Cadeiras, mencionadas no Artigo antecedente, serão ensinadas em dous annos, e distribuidas do seguinte modo:

1.º Anno — 1.ª Cadeira.

2.º Anno — 2.ª e 3.ª Cadeiras.

Art.º 5.º As lições do Curso practico serão feitas no Laboratorio da Eschola, onde os Estudantes se exercitarão nas manipulações chymicas e pharmaceuticas, bem como na analyse chymica e suas applicações.

§. Unico. Estes exercicios terão logar tres dias por semana, e durarão o tempo conveniente, que nunca será menos de quatro horas em cada um dos dias.

*Dos Estabelecimentos das Escolas.*

Art.º 6.º Cada uma das Escolas terá :

- 1.º Um Laboratorio.
- 2.º Um Gabinete d'Historia Natural Pharmaceutica.
- 3.º Um Jardim Botanico.
- 4.º Uma Bibliotheca.

§. Unico. O estudo practico da Botanica poderá ser feito em qualquer Jardim da Nação, em quanto as Escolas o não poderem organizar especialmente seu.

*Dos Lentes e mais Empregados, seus ordenados e garantias.*

Art.º 7.º Haverá em cada uma das Escolas tres Lentes Proprietaries, um para cada uma Cadeira ; e dous Substitutos; os quaes, além de suprirem individualmente os Proprietarios, nas suas faltas, os coadjuvarão nas prelecções pelo modo determinado no respectivo Regulamento.

Art.º 8.º Cada uma das Escolas terá igualmente:

- 1.º Um Preparador.
- 2.º Um Amanuense, que servirá de Thesoureiro.
- 3.º Um Porteiro, que servirá d'Official da Bibliotheca.
- 4.º Um Guarda.
- 5.º Um Servente.

§. 1.º Os cargos de Secretario e Bibliothecario serão desempenhados, o 1.º pelo Substituto mais antigo, e o 2.º pelo mais moderno.

§. 2.º O Preparador dirigirá o Curso practico, de baixo da immediata inspecção do Lente da 2.ª Cadeira.

§. 3.º Os demais Empregados das Escolas terão, além dos encargos que lhes vão especialmente marcados, os que lhes forem determinados no respectivo Regulamento.

Art.º 9.º As Cadeiras serão providas por concurso publico, perante o Conselho da Escola em que tiver logar a vacatura.

§. Unico. Os Lentes e mais Empregados vencerão os ordenados que lhes forem por Lei marcados.

Art.º 10.º O Lente, que completar vinte annos de bom e effectivo serviço, será jubilado com o seu ordenado por inteiro; se, porém, quizer continuar a servir, e for julgado em circumstancias de bem poder desempenhar o seu encargo, vencerá mais um terço do ordenado, com o qual se poderá de novo jubilar quando completar mais dez annos de bom e effectivo serviço.

Art.º 11.º Todos os outros Empregados serão providos, por concurso documental, pelo Conselho Escholar, e vencerão os ordenados que lhes forem marcados por Lei.

#### *Do Director e Conselho Escholar.*

Art.º 12.º O cargo de Director, em cada uma das Escolas, será exercido pelo Lente Proprietario mais antigo; pelo que vencerá uma gratificação mensal marcada por Lei.

Art.º 13.º A reunião de todos os Lentes Proprietarios e Substitutos, em cada uma das Escolas, presidida pelo seu Director, constitue o Conselho Escholar; ao qual pertence a administração scientifica e economica do Estabelecimento, com subordinação ao Ministerio do Reino.

§. Unico. Ao Conselho Escholar pertence igualmente confeccionar os Regulamentos necessarios para o bom andamento do serviço da respectiva Eschola, que regerão logo que tenham sido approvados pelo Governo.

Art.º 14.º Ao Director compete vigiar pela execução das Leis e Regulamentos Escholares, bem como das deliberações do Conselho.

Art.º 15.º Ao Secretario da Eschola compete ser o Secretario do Conselho.

#### *Dos Preparatorios e Matriculas.*

Art.º 16.º Para a matricula no primeiro anno do Curso Pharmaceutico serão preparatorios:

- 1.º A 1.ª Cadeira dos Lycêos — *Grammatica Latina.*
- 2.º A 2.ª Cadeira — *Latinidade.*

3.º A 4.ª Cadeira — *Philosophia Racional e Moral.*

4.º A 6.ª Cadeira — *Geographia, Chronologia, e Historia.*

5.º A Cadeira de *Frances.*

6.º A 1.ª Cadeira da Eschola ou Academia Polytechnicas.

Art.º 17.º Os Alumnos que pertenderem matricular-se na primeira Cadeira do Curso Pharmaceutico, farão seus requerimentos ao respectivo Director, acompanhados:

1.º De certidão d'approvação nas Cadeiras mencionadas no Artigo 16.º

2.º De documento autentico em que provem ter completado a practica exigida no n.º 1.º do §. 2.º do Art.º 2.º

§. 1.º Para a matricula do segundo anno é indispensavel a certidão d'approvação nas disciplinas da primeira Cadeira, e provada a frequencia no Curso practico.

§. 2.º As propinas de matricula serão pagas em duas prestações; uma no principio, e outra no fim de cada anno.

Art.º 18.º Os Alumnos e Aspirantes a Pharmaceuticos, que estiverem practicando em officinas de particulares, legalmente abertas, serão matriculados na Eschola mais proxima, e inscriptos em um Livro especial.

Art.º 19.º Esta inscripção será feita á vista da participação, assignada e reconhecida, feita pelo Pharmaceutico em cuja officina se der a practica, e dirigida ao Director da Eschola; contendo o nome, patria, filiação, e tempo de practica. Será renovada todos os annos, e acompanhada das competentes observações ácerca da applicação e adiantamento do respectivo Practicante.

Art.º 20.º Quando qualquer Practicante sahir d'uma officina, o respectivo Pharmaceutico o participará immediatamente á Eschola onde tiver sido feita a competente matricula, acompanhada a participação das competentes informações.

#### *Dos Exames.*

Art.º 21.º No fim do anno-lectivo os Alumnos farão

um exame nas materias de cada uma das Cadeiras que tiverem frequentado.

Art.º 22.º No fim do Curso farão um *Exame Geral de Habilitação*, para cuja admissão será necessario que apresentem ao Director:

1.º Certidão d'approvação nas disciplinas de cada uma das Cadeiras.

2.º Certidão, extrahida do competente Livro, em que mostrem terem tido o exercicio determinado no n.º 1.º do §. 2.º do Art.º 2.º

3.º Certificado do Director do Laboratorio, com que provem a effectividade e aproveitamento no Curso practico.

§. Unico. O Exame Geral de Habilitação será feito perante um Jury de tres Lentes, e sobre um ponto tirado á sorte vinte e quatro horas antes d'aquella em que elle hade ter lugar; e deverá abranger todas as materias do ensino pharmaceutico, e executado na conformidade do Regulamento.

Art.º 23.º Haverão annualmente, em cada uma das Escolas, tres premios, os quaes serão conferidos aos Alumnos, que mais se distinguirem no exame de habilitação; sendo dous pecuniarios e o terceiro honorifico. A concessão d'estes premios será feita pelo Conselho, em presença da proposta dos respectivos Professores.

Art.º 24.º Ao Alumno que tiver satisfeito todas estas condições, se passará uma Carta de Habilitação, na qual irá declarado o premio ou distincção que tiver recebido.

Art.º 25.º Os Pharmaceuticos assim habilitados, denominar-se-hão *Pharmaceuticos de Primeira Classe*, e não carecem de licença para estabelecerem botica em qualquer parte do Reino de Portugal ou seus Dominios; e serão preferidos para todos os logares publicos da sua Classe, e que se proverem nas ditas Escolas, no Serviço de Saúde Publica, nos Partidos das Camaras Municipaes, e nas Administrações das Boticas Civis, da Marinha, e do Exercito.

Art.º 26.º Haverá com tudo uma Segunda Classe de Pharmaceuticos, que somente poderão estabelecer-se fora das Capitães dos Districtos Administrativos.

Art.º 27.º Os Aspirantes a *Pharmaceuticos de Segunda Classe* não carecem de frequencia nas Escolas; mas serão por ellas examinados, depois de haverem provado pelo modo abaixo estabelecido:

1.º Que teem oito annos de boa practica em officina legalmente estabelecida.

2.º Que foram approvados em Latinidade, *Philosophia*, e Francez n'algum dos Lycêos Nacionaes.

3.º Que teem vinte e cinco annos completos de idade.

4.º Que são de comportamento regular.

Art.º 28.º Depois de provadas as condições do Artigo antecedente, os Aspirantes a *Pharmaceuticos de Segunda Classe* farão dous exames, um theorico e outro practico. O exame theorico versará sobre as materias que compõe o *Curso Pharmaceutico*; o practico consistirá na manipulação e execução de diversos productos chymicos e pharmaceuticos, e em ensaios d'algumas substancias alimentares, medicinaes, ou toxicas.

Art.º 29.º Os exames marcados no Artigo antecedente, serão feitos perante um Jury de tres Lentes, e sobre um ponto tirado á sorte vinte e quatro horas antes d'aquella em que elle tiver logar, e executado na conformidade do Regulamento.

Art.º 30.º Os Aspirantes a *Pharmaceuticos* depositarão, antes do exame, na mão do Thesoureiro, uma quantia, que será arbitrada pelo Conselho, para satisfazerem as despesas dos exames, e salarios dos Examinadores.

Art.º 31.º O Aspirante a *Pharmaceutico* que não obtiver approvação, so poderá repetir novo exame:

1.º Depois de ter practicado, por mais dous annos, em qualquer officina de *pharmacia* legalmente estabelecida.

2.º Tendo satisfeito ás condições, por esses dous annos, marcados para a admissão ao exame.

Art.º 32.º A practica exigida no Artigo antecedente ao Alumno, que não tiver sido approvado, pode ser supprida pela frequencia de um anno na *Eschola practica*.



§. Unico. Para ser admittido á frequencia da Escola practica, será indispensavel:

- 1.º Despacho do Director da Escola Especial.
- 2.º Pagamento de matricula, egual á que pagarem os Alumnos.

*Dos Fundos das Escolas Especiaes.*

Art.º 33.º Os fundos das Escolas serão provenientes:

- 1.º Das propinas de matriculas.
- 2.º Das Certidões de frequencia e exames.
- 3.º Das propinas dos exames.
- 4.º Das Cartas de Habilitação.
- 5.º Das prestações do Governo.

*Do modo de provér as Cadeiras.*

Art.º 34.º Os logares de Lentes, para as Escolas Especiaes, serão providos por concurso publico de sessenta dias; e serão sempre conferidos a Pharmaceuticos Nacionaes, que reunirem o maior numero d'habilitações litterarias e scientificas ás melhores provas dadas nas lições oraes perante o Conselho Escholar.

§. Unico. Exceptuam-se as primeiras nomeações para as quaes o concurso poderá ser feito perante um Jury especial, composto do Jury que actualmente preside ao exame dos Pharmaceuticos nas Escolas annexas de Pharmacia, e mais dous Lentes das Cadeiras de Sciencias Naturaes da Escola Polytechnica de Lisboa, ou Academia Polytechnica do Porto, de que será Presidente o respectivo Lente de Materia Medica.

Art.º 35.º Os concorrentes farão tres lições: uma por escripto, outra oral, e a terceira de practica. Todas ellas terão por objecto as differentes materias do ensino pharmaceutico, e terão logar pelo modo marcado no Regulamento; e serão preferidos, em egualdade de circumstancias, os Candidatos que tiverem o Curso regular das Escolas Especiaes.

Art.º 36.º Os Lentes Substitutos passam a Proprietarios, na falta d'estes, pela ordem de suas antiguidades.

*Dos Pharmaceuticos habilitados em Paizes Estrangeiros.*

Art.º 37.º Os Pharmaceuticos habilitados em paizes estrangeiros não podem exercer a Pharmacia em Portugal ou seus Dominios, sem terem passado por um Exame de Habilitação perante qualquer das Escolas Especies.

Art.º 38.º O exame ordenado no Artigo antecedente, será em tudo igual ao que por que passam os Alumnos das Escolas.

Art.º 39.º Para serem admittidos a este exame é indispensavel:

1.º Apresentar Carta d'Habilitação auctentica, passada por qualquer Universidade ou Eschola Estrangeira.

2.º Apresentar documento auctentico que prove a identidade de pessoa.

3.º Ter depositado na mão do Thesoureiro uma somma igual á de todas as despesas feitas nas Escolas pelos Alumnos; e mais os salarios dos Examinadores, eguaes aos que pagam os Aspirantes a Pharmaceuticos.

*Disposições transitorias.*

Art.º 40.º Todos os Pharmaceuticos, habilitados até á organização d'estas Escolas Especies, serão considerados *Pharmaceuticos de Primeira Classe*.

Art.º 41.º Todas as attribuições das actuaes Escolas annexas, passam para as Escolas especies.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 10 de Junho de 1853. — *José Tedeschi*, Presidente. — *Henrique José de Sousa Telles*, Primeiro Secretario. — *Manuel Vicente de Jesus*, Segundo Secretario.

*N. B.* N'esta mesma data foram dirigidas identicas Representações á Camara dos Dignos Pares do Reino e ao Ill.º e Ex.º Sr. Ministro do Reino.

## ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Em data de 2 do presente mez officiei a V. S.<sup>a</sup>, a fim de levar ao conhecimento da nossa Sociedade, a existencia d'uma botica aberta em Silves, administrada por uma mulher; hoje torno a fazer a mesma participação, e como mais bem informado tenho a acrescentar que, no mesmo Concelho, se estão commettendo os maiores escandalos na Arte de Curar: em algumas lojas se estão vendendo publicamente sulphato de magnesia e outras substancias medicinaes da competencia dos Pharmaceuticos; ha uma botica administrada por Marcellina Pessanha (intitulada a Boticaria); em S. Bartholomeu, a duas legoas de Silves, existe um Victorino da Silva Bastos, Alfaiate, feito Pharmaceutico por seu *motu proprio*, vendendo drogas e preparados pharmaceuticos; acha-se mais Manuel Mendes da Silva Negrão, tambem com botica e sem ter carta d'habilitação.

O Pharmaceutico legalmente habilitado, residente em Silves, representou ao Administrador do Concelho d'aquella Cidade em Janeiro do presente anno, e por em quanto não se teem dado providencias algumas.....

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Faro, em 9 de Junho de 1853.

== Ill.<sup>mo</sup> Sr. *Henrique José de Sousa Telles*, 1.<sup>o</sup> Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *João Agostinho Ferreira Chaves*.

da Ordem dos Farmacêuticos

DIVERSIDADES.

No *Jornal de Chymica Medica, de Pharmacia, e de Toxicologia de Paris*, de Junho de 1853, lê-se o seguinte:

*Tincta para pennas de ferro*, pelo Professor F. Runge.

Por muito tempo procurei descobrir uma tincta negra, que não fizesse deposito, que adherisse fortemente ao papel, e sobre tudo que resistisse á acção dos acidos, sem atacar as pennas de ferro.

Achei finalmente uma composição d'este genero, simplissima, e que se prepara apenas com *pau de campeche, chromato de potassa, e agua*, o seu preço é diminuto.

Compõe-se de:

- 500 litros de decocto de pau campeche, e
- 500 grammas de chromato amarello de potassa.

Prepara-se o decocto de campeche na proporção de 10 a 80, isto é, ferve-se o pau de campeche em quantidade de agua bastante para com 10 kilogrammas d'este pau obter 80 litros de decocto. A este ajuncta-se, depois do resfriamento, o chromato, e agita-se com força. A tincta fica prompta, e pode logo empregar-se. E' nociva a addição de qualquer quantidade de gomma.

Uma porção maior de sal destroe a materia corante.

Os caracteres escriptos com esta tincta resistem á acção da agua, sem desaparecerem, nem se delirem, e á dos acidos diluidos.

As pennas de ferro novas apparecem no mercado cobertas d'uã certa materia gorda, que repelle a tincta; é por tanto necessario laval-as, e limp-al-as antes de as immergir na tincta. O inducto gorduroso desaparece com facilidade limpando-as com uma solução aquosa de cinzas vegetaes, e sem esta lavagem não é possivel usar d'ellas com esta tincta.

\*\*\*

PHARMACIA.

Pomadas contra as affecções escrofulosas; pelo Sr. Duval.

*Pomada d'iodureto de ferro.*

Banha.....	64	grammas.
Proto-iodureto de ferro.....	8	”
Extracto de meimendo.....	8	”
Camphora em po.....	8	”
Misture S. A.		

*Pomada d'iodureto de potassio.*

Banha.....	64	grammas.
Iodureto de potassio.....	8	”
Extracto de cicuta.....	8	”
Camphora.....	8	”
Misture S. A.		

*Pomada d'iodureto de chumbo.*

Banha.....	64	grammas.
Iodureto de chumbo.....	8	”
Extracto de cicuta.....	8	”
Camphora.....	8	”
Misture S. A.		

O Sr. Deschamps julga mais vantajoso preparar estas pomadas pela maneira seguinte:

*Pomada d'iodureto ferroso composta.*

Iodo.....	5	grammas.
Limalha de ferro.....	2	”
Agua distillada.....	6,07	”
Oleo d'amendoas.....	4	”
Banha benzoica.....	20	”
Camphora.....	4	”
Extracto de meimendo.....	4	”

Deita-se a agua n'um pequeno balão; ajuncta-se-lhe o

iodo e a limalha; tapa-se e agita-se até que se descore o iodureto.

Juncta-se o oleo e a banha em uma capsula; derrete-se, e ajuncta-se-lhes a camphora; deixa-se esfriar o soluto, agitando-o pouco a pouco.

Filtra-se o soluto do iodureto ferroso por um pequeno filtro; pesam-se 8 grammas em um gral ajuncta-se-lhe o extracto, e successivamente a mistura da banha com o oleo, e depois de bem incorporado tudo mette-se em um pequeno frasco.

1 gramma representa 0,10 d'iodureto de ferro, 0,10 de camphora, 0,10 d'extracto de meimendro, 0,10 de oleo, 0,10 d'agua, 0,50 de banha.

*Pomada d'iodureto de potassio composta.*

Iodureto de potassio . . . . .	4	grammas.
Extracto de cicuta . . . . .	4	„
Camphora . . . . .	4	„
Agua . . . . .	4	„
Oleo d'amendoas . . . . .	4	„
Banha . . . . .	20	„

Dissolve-se a camphora no oleo e na banha a fogo brando, deixa-se esfriar; e, dissolvidos na agua o iodureto e o extracto, incorpora-se tudo, guardando a pomada n'um frasco.

1 gramma representa 10 centigrammas d'iodureto de potassio, d'extracto de cicuta, de camphora, d'agua, de oleo, e 50 centigrammas de banha.

*Pomada d'iodureto de chumbo composta.*

Iodureto de chumbo . . . . .	4	grammas.
Extracto de cicuta . . . . .	4	„
Camphora . . . . .	4	„
Agua . . . . .	2	„
Banha benzoica . . . . .	26	„

Dissolve-se a camphora na banha; dilue-se o extracto na agua; ajuncta-se-lhes o iodureto; tritura-se tudo com a banha, e guarda-se, &c.



1 gramma representa 10 centigrammas de iodureto de chumbo, d'extracto de cicuta, e de camphora, 5 centigrammas d'agua, e outras 5 de banha.

*Pomada de proto-iodureto de mercurio.*

Banha.....	45	grammas.
Proto-iodureto de mercurio....	1	„
Extracto de cicuta.....	5	„
— de meimendo.....	5	„
Camphora.....	3	„
Misture S. A.		

O Sr. Duval prescreve a pomada antecedente para friccionar, duas vezes por dia, o ventre dos meninos atacados de obstrucção.

O Sr. Deschamps julga que seria melhor modificall-a da maneira seguinte:

Iodureto mercurioso.....	1	gramma.
Extracto de cicuta.....	5	„
— de meimendo.....	5	„
Camphora.....	2,50	„
Agua.....	5	„
Oleo d'amendoas.....	5	„
Banha benzoica.....	26,50	„

Prepara-se como a do iodureto de chumbo.

1 gramma representa 2 centigrammas d'iodureto mercurioso, 10 centigrammas de cada um dos extractos de cicuta e de meimendo, 5 centigrammas de camphora, 10 d'agua e de oleo, e 53 de banha.

(*B. général de Thérap.*)

H. J. de Sousa Telles.

PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 462, de 9 de Junho de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Abriu-se a sessão pelas oito horas e meia da noite, foi lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados; e bem assim de uma Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, convidando a Sociedade a analysar uma planta denominada = *Salsa-parrilha* =, para se conhecer o valor que poderá ter em Medicina. (Vide pag. 193.) — A Sociedade deliberou que a dita planta fosse remettida á Commissão d'Historia Natural para dar o seu parecer.

O mesmo Sr. deu conta de se ter endereçado ás Côrtes o requerimento votado na ultima sessão, ácerca do Projecto de Reforma do actual Regulamento do Conselho de Saúde Publica, feito pela Sociedade em 16 d'Abril de 1849.

O Sr. Corrêa, como Director da Commissão de Redacção, participou á Sociedade que a mesma Commissão recebera, com a maior satisfação, do nosso Consocio residente no Porto, o Sr. Sebastião Bethamio d'Almeida, uma honrosa Carta, na qual promette remetter os seus trabalhos chymicos sobre as aguas potaveis do Porto, para serem publicados no nosso Jornal. — A Sociedade recebeu com grande satisfação esta participação, e deliberou que d'ella se fizesse *honrosa menção* na acta.

O Sr. J. N. Barbosa apresentou e leu um parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico ácerca de duas propostas de Candidatos para Membros Honorarios; e declarou, por parte da dita Commissão, que faria todo o possivel para apresentar com brevidade mais alguns trabalhos de que ella fôra encarregada.

O Sr. Telles Senior disse que talvez os Socios presentes não estivessem habilitados para começarem a discussão das questões scientificas propostas na ultima sessão, visto o pequeno espaço de tempo que mediou entre os avisos e a presente sessão; e por tal motivo propunha o adiamento para a sessão proxima. — A Sociedade approvou o adiamento proposto.

O Sr. Presidente lembrou que o anno litterario d'esta Sociedade estava quasi a terminar, e convidou os Socios a apresentarem propostas sobre assumptos que devem ser mencionados no Programma sobre Questões Scientificas, em conformidade do Art.º 92.º do Regimento Interno.

A's nove horas e tres quartos levantou o Sr. Presidente a sessão.

*Acta n.º 463, de 30 de Junho de 1853.*

Presidencia do Sr. H. J. de Sousa Telles.

Pelas oito horas da noute foi aberta a sessão, lida e approvada a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Chaves, nosso Delegado em Faro, enviou uma participação, mencionando varios abusos de Policia Medica commettidos n'aquella Provincia. — A Sociedade deliberou que fosse publicada no Jornal. (Vide pag. 235.)

O Sr. J. D. Corrêa, achando-se em tractamento fora de Lisboa, remetteu uma proposta para que a Sociedade offereça á Secretaria do Reino (para ser collocada na sua Livraria), a collecção do nosso Jornal; e bem assim todos os folhetos que forem sendo publicados. — A Sociedade approvou esta proposta.

Foi lida a acta da ultima sessão do Conselho Administrativo. — A Sociedade ficou inteirada.

O Sr. A. J. Almeida fez a proposta seguinte, que declarou urgente: «Proponho que a Sociedade, em vista dos abusos praticados relativamente aos documentos exigidos por Lei aos individuos que se propoem a fazer exame de Pharmacia, sem o curso regular, represente ás Camaras Legislativas para que estes abusos terminem; instruindo a sua

representação com os immensos factos que existem a este respeito, devendo os mesmos serem colhidos pela Mesa ou por uma Comissão, ou como melhor se entender.»

Approvada a urgencia d'esta proposta, entrou em discussão, na qual tomaram parte os Srs., Oliveira Senior, Sousa Pereira, Almeida, Sebastião Athanasio, e Telles Junior. Finda esta e posta á votação, foi a proposta rejeitada.

Em seguida procedeu-se á votação, por meio d'esphearas, de dous Candidatos para Membros Honorarios. Corridas as cedulas e os Pareceres da Comissão de Direito Pharmaceutico, foram admittidos para a dita classe, os Ill.<sup>mos</sup> Srs., João Ferreira da Silva e Oliveira, do Porto, proposto pelo Sr. Dr. Pereira Caldas e por muitos outros Socios; e João José de Sousa Telles, proposto pelo Sr. J. D. Corrêa.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario apresentou diversas questões para fazerem parte do Programma sobre Questões Scientificas para o anno de 1853 a 1854. — A Sociedade deliberou que a Mesa as tomasse na devida consideração.

Sendo dez horas fechou-se a Sessão.

*Acta n.<sup>o</sup> 464, de 14 de Julho de 1853.*

Presidência do Sr. H. J. de Sousa Telles.

Abriu-se a sessão pelas oito horas e meia da noute, leu-se e approvou-se a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, como Relator da Mesa, declarou que o Projecto para a criação das Escolas Especiaes de Pharmacia, feito por esta Sociedade, havia sido apresentado ás Camaras Legislativas e ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro do Reino; tendo-nos feito a honra de apresental-o nas respectivas Camaras, os nossos dignos Consocios os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Grande e Tavares de Macedo, e ao Sr. Ministro, o Sr. Paes. — A Sociedade ficou inteirada, e votou agradecimentos a estes nossos dignos Consocios pelo serviço que prestaram.

O Sr. A. J. Almeida fez as seguintes propostas, que

declarou urgentes: « 1.ª Que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana represente ás Camaras Legislativas, para que os Pharmaceuticos do Hospital da Marinha tenham as Patentes Militares de que foram privados pelo Decreto que reorganizou o mesmo Hospital. 2.ª Que a Sociedade represente ás Camaras, para que os Pharmaceuticos dos Hospitales permanentes militares tenham uma graduação militar em relação á sua posição. »

Posta á discussão a urgencia d'estas propostas, fallaram sobre o seu assumpto os Srs., Oliveira Senior, Almeida, Sebastião Athanasio, e Sousa Pereira; e procedendo-se á votação não foi approvada a urgencia, ficando as propostas para segunda leitura.

O Sr. J. N. Barbosa apresentou e leu dez Pareceres da Commissão de Direito Pharmaceutico; os quaes ficaram sobre a mesa para terem segunda leitura.

O Sr. Assis, como Director da Commissão do Exame das Contas do anno economico findo, apresentou e leu um Parecer, no qual a Commissão declara ter achado todos os livros e contas na melhor ordem e regularidade possível; tributando elogios ao Sr. Thesoureiro pela sua muita assiduidade, bem como ao Sr. 1.º Secretario pelo Mapa do movimento dos Jornaes.

Submettido este parecer á discussão, foi approvado.

O Sr. Telles Senior apresentou dous artigos, um acerca do assucar, outro sobre a falsificação do azeite; os quaes, sendo um pouco extensos, a Sociedade determinou que fossem remettidos para a Commissão de Redacção, para serem tomados na consideração devida.

O Sr. Presidente consultou a Sociedade acerca do dia, hora, e mais arranjos para a Sessão Solemne Anniversaria; a qual deliberou que se observasse o mesmo que nos ultimos annos.

Pelas dez horas fechou o Sr. Presidente a sessão, tendo dado para Ordem do Dia da sessão ordinaria a Eleição dos Funcionarios da Sociedade, que hão de servir no 19.º Anno Litterario.

Acta da Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Pelas cinco horas da tarde occupou a Mesa o seu respectivo lugar.

O Sr. Presidente annunciou aberta a Sessão Solemne Anniversaria, e em seguida deu a palavra ao Segundo Secretario, Manuel Vicente de Jesus, o qual leu o seguinte Relatorio dos Trabalhos do 18.º Anno da Sociedade.

SENHORES!

Apresentar-vos o Relatorio dos Trabalhos pertencentes ao anno findo, é um dever a que me obriga o honroso cargo que exerço; ouvir d'elles a enumeração, é o motivo que hoje aqui vos tem reunidos.

Se eu não satisfizer aos vossos desejos, e á confiança que em mim depositastes, deveis queixar-vos de vós mesmos pela má escolha que fizestes; e breve tereis occasião de remediar essa falta, substituindo-me devidamente, o que de vós espero e desejo.

Espero-o, porque sois justos e attendereis a que o trabalho dividido por todos se torna quasi insensivel. Desejo-o, porque não posso, a meu pezar, satisfazer cabalmente a todos os deveres inherentes ao exercicio d'este cargo, visto ser elle de bastante responsabilidade, e necessitar de seria attenção que os meus affazeres domesticos me não permitem prestar-lhes.

Em vista pois d'estas razões, espero dever-vos o obsequio de não me reelegerdes para este lugar, poupando-me assim o desgosto de ter de recusar, pela primeira vez, a respeitavel nomeação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, a qual hoje completa 18 annos d'existencia, sem que nada tenha perdido da gloria adquirida, nem desmentido o fim da sua Instituição.

A Sociedade tem-se incessantemente occupado do progresso da Pharmacia; as differentes representações por ella feitas, e o projecto ultimamente apresentado ás Camaras, para a criação d'uma Eschola Especial de Pharmacia, são a mais evidente prova dos seus desejos; se estes ain-



da não teem sido coroados com um bom resultado, não é de certo por falta de diligencia, nem de justiça nas suas petições: eu não sei mesmo a que attribuir esta apathia d'ensino pharmaceutico no nosso Paiz, a não ser á pouca importancia que os nossos Governos teem ligado a esta Classe. ; Mas não será um tal procedimento altamente digno de censura, e contrario á razão? ; Pois se o Cirurgião e o Medico precisam ter vastos conhecimentos, para bem fazerem o diagnostico de qualquer enfermidade, e indicarem os medicamentos convenientes, por que se não ha de admittir egual necessidade no Pharmaceutico para bem os preparar? ; Se a vida do Cidadão corre perigo pela falta de Cirurgiões e de Medicos competentemente instruidos, não perigará ella tambem com a falta de Pharmaceuticos? ; Se estes tres ramos da Arte de Curar estão intimamente ligados, a ponto de não poderem separar-se, se dimanam da mesma estirpe, por que não hão de gozar dos mesmos direitos e das mesmas regalias? ; Que motivo para a existencia d'Escolas Especiales para uns e carencia d'ellas para outros? Não ha, Senhores, razão plausivel para explicar a existencia d'estes factos; mas o certo é que os Governos teem sido nimamente injustos para com a Classe Pharmaceutica, a qual tem todo o direito a pedir uma Eschola Especial, e um methodo regular d'ensino. A Sociedade tomou a iniciativa n'esta petição, e ja se acha submettido á elevada intelligencia dos Dignos Pares e Senhores Deputados, o projecto para a formação da referida Eschola.

Tenhamos esperança que o actual Governo, mais justiceiro que os transactos, e a exemplo do que se ha passado nas Nações proximas, deferirá o nosso pedido, tão justo quão necessario, e quando esse dia apparecer a Sociedade terá conseguido o mais assignalado triumpho, e chegado ao cume dos seus desejos; então poderá com ufania dizer — *Magnum iter ascendi, sed dedit mihi gloria vires.*

Passo, Senhores, a mencionar os nossos trabalhos, que, para não enfadar muito, laconisei quanto possivel.

DELIBERAÇÕES.

Por proposta do Sr. João José de Sousa Telles deliberou a Sociedade, que fosse nomeada uma Comissão especial, para estudar a molestia das uvas.

O Sr. José Dionysio Corrêa, por parte do nosso Con-socio o Sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, de Braga, apresentou uma proposta para que a Sociedade se encarregasse da analyse das aguas das Caldas de Vizella, incumbindo-se S. S.<sup>a</sup> de fazer, proximo á nascente, todos os ensaios precisos. Esta proposta foi acceita e remetida á Comissão de Chymica.

Tendo o Sr. Antonio Joaquim d'Araujo participado a installação da Associação Industrial Portuense, e remetido o 1.<sup>o</sup> numero do seu Jornal, a Sociedade deliberou que tambem lhe fossem enviados todos os seus, desde o 1.<sup>o</sup> tomo da 2.<sup>a</sup> serie.

Precedendo proposta do Sr. João José de Sousa Telles deliberou a Sociedade que se pedissem ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Con-selheiro Franzini as observações meteorologicas que S. Ex.<sup>a</sup> conservava ineditas, para serem publicadas todos os mezes no Jornal; bem como as que for fazendo no futuro.

Tendo o Sr. Dr. Ignacio Antonio da Fonseca Benevides offerecido uma pequena porção de manná de Moçambique, para ser analysado; a Sociedade o mandou remetter á Comissão de Chymica para o devido effeito.

O Sr. Henrique José de Sousa Telles propoz que a Sociedade informasse se os Pharmaceuticos que teem de participar ás Escolas os assentamentos de matriculas, na conformidade do Decreto de 29 de Dezembro de 1836, são tambem obrigados a mandar estas participações francas de porte e reconhecidas por Tabellião. Esta proposta foi approvada, e remetida á Comissão de Direito Pharmaceutico para dar o seu parecer.

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Enfermeiro Mór do Hospital de S. José, satisfazendo ao pedido da Sociedade, enviou as observações feitas no mesmo Hospital com a pomada mercurial, preparada com o oxydo negro de mercurio, as quaes sen-

do julgadas pouco concludentes deram lugar á seguinte proposta feita pelo Sr. Henrique José de Sousa Telles « Que a Sociedade convidasse o Sr. José Alexandre Rodrigues a preparar o oxydo negro, como o podesse obter; que o Sr. Director da Commissão de Pharmacia fosse incumbido de preparar a pomada; para depois ser remettida aos Srs. Directores dos Hospitaes da Marinha e do Exercito, pedindo-lhes para fazerem alguns ensaios em enfermos. » A Sociedade approvou a proposta, e fez ao Sr. José Alexandre Rodrigues o devido convite.

Por proposta do Sr. João José de Sousa Telles, autorisou a Sociedade o Sr. Thesoureiro a comprar uma droga cuja descripção se hade publicar, para ser conservada no Gabinete d'Historia Natural.

Os Srs. José Tedeschi e João José de Sousa Telles propozeram que a Sociedade convidasse, pelos meios que julgasse convenientes, os Pharmaceuticos a apresentarem, como a concurso, os preparados que previamente lhes fossem indicados; os quaes, merecendo a sua approvação, dariam jus aos seus auctores a receberem um premio honorifico. A Sociedade conveio n'esta proposta, e deliberou que fosse nomeada uma Commissão especial para apresentar o programma sobre este assumpto.

Em virtude d'uma proposta do Sr. José Alexandre Rodrigues deliberou a Sociedade que o mesmo Sr. convidasse alguns Socios, para o codjuvarem nos trabalhos da Commissão de Chymica. Por outra do mesmo Sr. tambem a Sociedade deliberou que fosse nomeada uma Commissão especial, para propor os meios de levar a effeito, com a promptidão possivel, as analyses chymico-legaes que lhe fossem requisitadas.

A Sociedade occupou-se por longo tempo da discussão do projecto sobre reforma d'estudos pharmaceuticos; o qual, depois d'approvedo, foi por deliberação da mesma apresentado ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro do Reino e ás Camaras Legislativas.

O Sr. Henrique José de Sousa Telles propoz, e a Sociedade deliberou, que se levasse um requerimento á Camara dos

Senhores Deputados, pedindo que se dê o andamento devido ao Projecto de Reforma do actual Regulamento do Conselho de Saúde Publica, pela Sociedade apresentado em 16 d'Abril de 1849.

Por uma Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar foi a Sociedade convidada a analysar uma planta, que no Districto de Quilimane e Rios de Senna é denominada salsa-parrilha. Este convite foi acceito, deliberando-se que a dita planta fosse primeiro remettida á Commissão d'Historia Natural, para ser classificada, e depois á de Chymica para proceder á sua analyse.

Precedendo proposta do Sr. José Dionysio Corrêa delibrou a Sociedade que se offerecesse, para a Livraria existente na Secretaria do Reino, a collecção do seu Jornal, e que regularmente lhe sejam expedidos todos os numeros que se forem publicando.

#### COMISSÕES PERMANENTES.

A *Commissão de Chymica* apresentou os pareceres seguintes:

1.º A'cerca d'analyse chymico-toxicologica do estomago e liquidos vomitados por Antonio Jacintho, fallecido na Ribeira Grande, Ilha de S. Miguel.

2.º A'cerca da analyse chymica do mercurio precipitado branco; que do Porto foi remettido pelo Sr. Francisco Bernardo dos Santos.

Muitos outros trabalhos estão incumbidos a esta Commissão, os quaes não foi possível concluir, em virtude dos incessantes incommodos a que esteve exposto, durante todo o anno, o seu digno Director o Sr. José Alexandre Rodrigues.

A *Commissão d'Historia Natural* deu o seu parecer acerca do Catalogo das plantas da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Tambem a esta Commissão se acham affectos outros trabalhos, que senão figuram ja n'este relatorio, não é de certo porque o seu digno Director o Sr. João José de Sousa Telles tenha afrouxado na intensidade dos seus dese-

jos; mas sim pelos immensos affazeres que S. S.<sup>a</sup> tem a seu cargo.

A *Commissão de Direito Pharmaceutico* apresentou dous pareceres sobre as propostas para Socios Honorarios: uma feita pelo Sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas e mais outros Socios, outra pelo Sr. José Dionysio Corrêa.

Além d'aquelles pareceres apresentou na ultima sessão mais dez, que, por falta de tempo, ainda não tiveram a competente leitura.

Honra seja feita aos dignos Membros d'esta Commissão, dirigida pelo Sr. Antonio de Carvalho, que tão briosamente satisfiz a todas as consultas que lhe foram pedidas.

Para concluir a enumeração dos trabalhos das Comissões Permanentes, resta fallar-vos da *Commissão de Redacção*, a qual presta á Sociedade relevantes serviços, com o continuo trabalho de redigir o Jornal; o seu digno Director, o Sr. José Dionysio Corrêa, torna-se credor de bem merecidos louvores, pela regularidade e accerto com que satisfaz a este cargo.

#### COMMISSÕES ESPECIAES.

A Commissão, encarregada do projecto sobre Instrucção Pharmaceutica, apresentou o seu parecer ácerca do officio do nosso Consocio o Sr. Luiz Vicente Fortuna, de Mathosinhos, o qual pela Sociedade foi discutido e approvado em parte.

A Commissão formada pelos Srs. Drs. Bernardino Antonio Gomes, Francisco Antonio Pereira da Costa, Pereira Caldas, e João José de Sousa Telles, submetteu á consideração da Sociedade o seu parecer, ácerca da molestia das uvas, o qual a mesma approvou, e mandou publicar no Diario do Governo.

A Commissão composta dos Srs. Antonio de Carvalho, Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira, e José Alexandre Rodrigues, apresentou o seu parecer sobre o modo d'effectuar, com promptidão, as analyses chymico-legaes que á Sociedade fossem pedidas.

A Commissão, constituída pelos Srs. Assis, Nunes Barbosa, e Izidoro da Costa Azevedo, deu o seu parecer ácerca do exame das contas a que procedeu, e declarou ter achado todos os livros pertencentes á Thesouraria na melhor ordem possível; votando por tal motivo sinceros elogios ao Sr. Thesoureiro, bem como ao Sr. 1.º Secretario, pelo mappa do movimento dos Jornaes por S. S.ª apresentado, o qual muito facilitou os trabalhos da Commissão.

PUBLICAÇÕES FEITAS NOS JORNAES.

*Saúde Publica.* Observações feitas com os preparados arsenicaes no tractamento da elephantiasis, pelo Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Noticia abbreviada das Coldas das Taipas, pelo Sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, de Braga.

Do mesmo Sr. — Indicação succinta das Aguas Medicinaes da Galliza.

Do Sr. João José de Sousa Telles — Emprego do chlo-ro e tannino como antidotos da estrychnina — Experiencias comparativas feitas com o hydrato de magnesia e o hydrato de sesquioxydo de ferro, como antidotos do arsenico, pelo Sr. Schreff.

Do Sr. Carlos Eugenio Corrêa — Um artigo sobre a magnesia hydratada considerada como antidoto.

*Pharmacia.* Do Sr. José Dionysio Corrêa — Preparação das emulsões oleosas, pelo Sr. Overbeck — Artigo sobre as tinturas alcoholicas, pelo Sr. Leroy — Formulas empregadas n' Alemanha contra a gotta chronica — Preparação do acido benzoico por sublimação, pelo Sr. Delagarde — Relatorio feito á Sociedade Pharmaceutica de Paris, pelos Srs. Robinet, Gobley, e Dublanc, sobre os extractos preparados no vacuo, pelo Sr. Grandval — Algumas formulas extrahidas de differentes Jornaes — Ditas extrahidas do Annuario therapeutico do Sr. Bouchardat — Falsificação do balsamo de copaiva pela colophonia.

Do Sr. Henrique José de Sousa Telles — Emprego dos cigarros medicamentosos, pelo Sr. Landerer — Preparação



do tartrato duplo de potassa — Considerações sobre a preparação do xarope de capillaria — Falsificação do xarope d'orxata, meio de o reconhecer, pelo Sr. Martin — Preparações d'iodo contra as escrofulas, syphilis antiga, e tumores brancos, pelo Sr. Burgraeve, de Gand — Processo particular para obter a magnesia ingleza — Reflexões acerca do residuo da preparação do laudano — Memoria sobre a magnesia considerada em suas applicações, pelo Sr. Mouchon.

Do Sr. Carlos Eugenio Corrêa — Formula para a cura das frieiras, pelo Sr. Margoton — Emplastro d'iodureto de potassio — Pastilhas de semente d'abobora, contra a tenia — Nova formula d'infuso de quina pulverisada — Observações sobre a limonada de citrato de magnesia, pelo Sr. E. Robiquet.

Do Sr. Francisco José Rodrigues Loureiro — Formula da agua hemostatica de Pagliari.

Do Sr. João Quintino d'Avellar — Descrição da rainha dos prados ou herva ulmeira, e formulas de seus preparados.

Do Sr. João José de Sousa Telles — Considerações acerca do acido arsenioso ou arsenico branco no tractamento das intermittentes — Differentes formulas extrahidas do supplemento á Officina do Sr. Dorvault.

Do Sr. José Tedeschi — Preparação dos extractos fora do contacto do ar.

Do Sr. Francisco Bernardo dos Santos — Observações sobre o xarope de violetas, pelo Sr. Hurant Montilard.

*Chymica.* Do Sr. Henrique José de Sousa Telles — Memoria sobre o novo processo para preparar o ether nitroso, sobre uma substancia particular que lhe dá a côr, e sobre um novo facto chymico relativo aos nitritos, pelo Sr. R. de Grosoudry — Artigo sobre a sulphydrometria, pelo Sr. Filhol — Observações sobre a etherisação pelo chlorureto de zinco — Meio simples para precipitar o algodão contido no collodio, pelo Sr. Cattel — Processo para a separação do bromio e do iodo, para determinar as proporções em que este dous corpos se acham misturados,

pelo Sr. Henry — Artigo sobre os acidos tartrico e racemico — Meio de purificar a agua subcarregada de saes calcareos, e tornal-a apta para alguns usos economicos, pelo Sr. Moride.

Do Sr. Carlos Eugenio Corrêa — Observações sobre os processos empregados para reconhecer a presença da estrychnina, pelo Sr. J. Lefort.

Do Sr. José Alexandre Rodrigues — Nota sobre a natureza e preparação do cremor de tartaro soluvel — Fabricação dos carbonatos de soda e potassa — Considerações sobre um methodo geral proprio para descobrir os alcalis organicos em caso d'envenenamento, pelo Sr. Stas — Observações ácerca da pureza do sub-azotato de bismutho, que se vende nas drogarias de Lisboa.

Consultas da Sociedade sobre as analyses chymico-legaes pedidas pelo Ministério Publico.

Meio de reconhecer a presença do alcohol nos oleos essenciaes, pelo Sr. Silva.

Methodo d'analyse para mostrar a presença do iodo e do bromio nas aguas naturaes; pelo Sr. Eugenio Marchand.

Do Sr. José Dionysio Corrêa — Artigo sobre os envenenamentos pelo acido arsenioso, pelo Sr. Regnault.

Do Sr. Francisco Bernardo dos Santos — Um artigo sobre a proporção relativa da soda e potassa existentes nas cinzas dos vegetaes, pelo Sr. Daubeny.

Do Sr. José Tedeschi — Contra-venenos e meios de os empregar, pelo Sr. Dr. Comet.

Pareceres da Commissão de Chymica ácerca d'um producto chymico remettido do Porto.

Do Sr. José Joaquim Alves — Os artigos seguintes: 1.º sobre um novo sulphureto de potassio concreto, pelo Sr. Gobley; 2.º ácerca do novo reactivo para distinguir os rhuibarbos do commercio, pelo Sr. John Cobb; 3.º da existencia do ammoniaco nas aguas, nas plantas, e na atmospherá, pelos Srs. Viale e Latini.

Do Sr. João de Sousa Pereira — Considerações sobre o valor dos caracteres chymicos em Medicina Legal, pelo Sr. Lassaigue.

*Physica.* Resumo das observações meteorológicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa nos mezes de Julho a Dezembro de 1852, e Janeiro a Junho de 1853; pelo Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Do Sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas — Um artigo sobre a comparação dos differentes thermometros.

*Historia Natural.* Parecer da Commissão respectiva ácerca do Catalogo das plantas do Horto Botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Parecer da Commissão especial ácerca da molestia das uvas.

Do Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão — Noticia sobre a resina d'angico, e arvore que a produz.

Do Sr. João José de Sousa Telles — Considerações sobre o musgo de Corsega — Descrição da Gutta-percha, e arvore que a fornece.

Um artigo com o titulo — Abastecimento d'aguas potaveis em Lisboa; pelos Srs. Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, e Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.

Estudos geologicos do Buçaco, publicados no Jornal « O Instituto » de Coimbra.

*Peças Officiaes.* Estatistica da Sociedade Pharmaceutica, pertencente ao 17.º anno litterario, terminado em 23 de Julho de 1852; pelo Sr. 1.º Secretario Henrique José de Sousa Telles.

Questões Scientificas apresentadas pela Mesa, para serem tractadas pela Sociedade.

Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, convidando a Sociedade a analysar uma planta, que no Districto de Quilimane e Rios de Senna se denomina salsa-parrilha.

*Abusos de Policia Pharmaceutica.* Officios dos nossos Delegados, que, correspondendo á confiança que a Sociedade n'elles depositou, promptamente lhe communicam qualquer factio acontecido no seu Districto.

*Diversidades.* Do Sr. Francisco Bernardo Pimentel, Delegado em Rebordello — Noticia ácerca d'uma fera que appareceu n'aquella Comarca.

Do Sr. João José de Sousa Telles — Viagem Pharmaceutica á Exposição Universal de Londres, pelo Sr. Dorvault.

Varios artigos, importantes, debaixo da denominação — Revista dos Jornaes.

De um Anonymo — A Pharmacia e a Homoeopathia — e Tincta para pennas de ferro, pelo Sr. Runge.

Para concluir este Relatorio so me resta fallar-vos da Receita e Despesa pertencente ao anno findo: sendo a primeira de 600\$885 réis e a segunda de 465\$835 réis, ficando, para o anno seguinte, um Saldo de 135\$050 réis.

Os fundos do Monte-Pio Pharmaceutico são 1:900\$000 réis em Inscriptões de 3 por cento. A Receita foi de 271\$654 réis; a Despesa de 189\$150 réis; havendo um Saldo de 82\$504 réis.

Não me faço cargo, Senhores, de tecer elogios aos relevantes serviços prestados por todos os Funcionarios d'esta Sociedade, exceptuando-me unicamente, pois que me faltam expressões para esse fim convenientes; os seus feitos, tomados por vós no devido apreço, supprirão com tudo esta minha deficiencia. — Disse.

Concluido este Relatorio, deu o Sr. Presidente a palavra ao Sr. Primeiro Secretario, Henrique José de Sousa Telles, que leu o — Programma das Questões Scientificas — a Lista dos Doadores e dos Objectos doados — e o Resumo do Quadro actual da Sociedade, com as alterações occorridas no anno findo — ; tudo como se segue:

**PROGRAMMA.**

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do §. 8.º do Artigo 27.º dos seus Estatutos, tem a honra d'apresentar aos Amadores das Sciencias, o seguinte Programma.

PARA O ANNO DE 1853 A 1854.

*Primeira Questão.*

A Historia da Pharmacia Portugueza, desde a Fundação da Monarchia até hoje.

*Segunda Questão.*

Uma Pharmacopêa practica, verdadeiramente portu-  
gueza, que represente o estado actual da Sciencia.

*Terceira Questão.*

A enumeração, e classificação zoologica dos animaes,  
que habitam qualquer das nossas Provincias, que não es-  
tejam classificados.

*Quarta Questão.*

A analyse chymica, completa, d'uma planta indigena,  
que tenha uso medicinal, reconhecidamente proveitoso,  
acompanhada da respectiva descripção e classificação bo-  
tanica, e propriedades therapeuticas.

*Quinta Questão.*

Uma Memoria que comprehenda: 1.º, o estado actual  
da Pharmacia em Portugal, em relação aos progressos da  
Sciencia; 2.º, o seu paralelo ou comparação com a Phar-  
macia estrangeira; 3.º, influencia que, sobre o seu me-  
lhoramento e interesses materiaes e scientificos, pode exer-  
cer a restricta observancia de uma bem regulada policia  
medica; 4.º, prejuizos que, da falta d'uma tal observan-  
cia, podem provir á Classe, á Sciencia, e á Humanida-  
de; 5.º, causas da decadencia da Pharmacia entre nós, e  
os meios de as evitar e destruir.

CONDIÇÕES.

Os premios consistirão em medalhas d'ouro, tendo d'um  
lado, no centro d'uma corôa de louro, a seguinte inscrip-  
ção — *Ao Membro Benemerito* —, e do outro o Timbre  
da Sociedade, e a legenda — *Sociedade Pharmaceutica Lu-  
sitana*.

A estes premios terão direito os individuos que satisfi-  
zerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os  
que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões  
referidas, a Sociedade julgar dignos da honra do = *Ac-  
cessit* =, receberão o Diploma de Membros Honorarios.

Todas as Memorias que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se seus Auctores forem naturaes d'estes Reinos, e em francez se forem estrangeiros, e virão expeditas ao 1.º Secretario da Sociedade, por todo o mez d'Abril do anno em que houverem de ser julgadas.

Trarão o nome do Auctor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da Memoria, e que será aberta na Sessão Solemne, se a Memoria for premiada; e pelo contrario, a carta será queimada, sem ser aberta, se a Memoria não obtiver premio, e esta será entregue a seu Auctor, pedindo-a, com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As Memorias, que houverem de ser lidas na Sessão Solemne Anniversaria, deverão ser approvadas, para isso, pela Sociedade; outro sim serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo = *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

Além dos premios acima mencionados, o Auctor da Memoria premiada, impressa, e publicada, terá mais cem exemplares, sendo a edição de mil, e cincoenta sendo de quinhentos.

Finalmente, os premios conferidos aos Concorrentes nem sempre serão uma prova decisiva de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das Memorias, mas sim um testemunho autentico de que seus Auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade no seu Programma.

RELAÇÃO DOS DOADORES E DOS OBJECTOS DOADOS, DURANTE O DECIMO-OITAVO ANNO DA SOCIEDADE.

Da *Associação Industrial Portuense* — os n.ºs 1 a 22 do seu Jornal — Prospecto do Ensaio de *Technologia Chymica*, &c., pelo Sr. Sebastião Bethamio d'Almeida.

Do *Centro Promotor das Classes Laboriosas* — os n.ºs 1 a 5 do seu Jornal.

Da *Eschola Medico-Cirurgica do Porto* — Relação das Cartas e Titulos passados pela mesma Eschola.



Dos *Facultativos Militares* — os n.ºs 13 a 24 da 2.ª serie do seu *Escholiaste Medico*.

Do *Instituto Litterario e Scientifico de Coimbra* — os n.ºs 8 a 23 da 1.ª serie, e 1 a 6 do 1.º tomo da 2.ª serie.

Do *Instituto Medico Valenciano* — os n.ºs 6 a 17 do tomo 6 do seu *Jornal*.

Da *Sociedade Auxiliadora d'Industria do Rio de Janeiro* — os n.ºs 2 a 5 da nova serie do seu *Jornal*.

Da *Sociedade Medica General de Soccorros Mutuos de Madrid* — os n.ºs 79 a 171 do 2.º tomo da 2.ª epocha do seu *Boletim*. — *Historia Natural das drogas simples* por N. J. B. Guibourt, traduzida do Hespanhol por D. Ramon Rûiz — *Breves reflexões do Auctor do artigo anonymo á Homeopathia o que é e o que vale*.

Da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* — os n.ºs de Maio a Dezembro de 1852 e os n.ºs de Janeiro a Abril de 1853 do seu *Jornal*.

Da *Redacção da Concordia* — os n.ºs 1 a 7 do seu *Jornal*.

Da *Redacção d'El Porvenir Medico* — os n.ºs 1 a 17 do seu *Jornal*.

Da *Redacção do Esculapio* — os n.ºs 180 a 224 do seu *Jornal*.

Da *Redacção da Gazeta Medica de Lisboa* — os n.ºs 1 a 11 do do seu *Jornal*.

Da *Redacção da Gazeta Medica de Madrid* — os n.ºs 241 a 287 da 1.ª serie, e 1 a 19 da 2.ª do seu *Jornal*.

Da *Redacção da Gazeta Medica do Porto* — os n.ºs 25 a 264 do seu *Jornal*.

Da *Redacção do Progreso Industrial* — os n.ºs 1 a 14 do seu *Jornal*.

Da *Redacção da Revista Popular* — os n.ºs 27 a 47 do seu *Jornal*.

Da *Redacção da Semana* — os n.ºs 1 a 6 do 1 vol. da 2.ª serie do seu *Jornal*.

Do Sr. *André Martins Heitor* — um frasco com salepo do Reino, e outro dito com salepo em po.

De um *Anonymo* — *Novo Curso da Lingua Inglesa*, 2.ª

parte, 8 folhas e um Prospecto, pelo Sr. José Valerio Capella.

Do Sr. *Antonio de Carvalho* — uma porção d'objectos d'Historia Natural para o Museu.

Do Sr. *Antonio Mendes de Mattos* — quatro opusculos, sendo o 1.º Orologia da Gardunha, &c.; 2.º Breve noticia do Collegio dos Meninos orphãos, &c.; 3.º Breve Memoria sobre as aguas sulphurosas d'Alpedrinha; 4.º Bosquejos biographicos.

Do Sr. *Antonio Vaz Teixeira* — um mineral d'Abbadim.

Do Sr. *Eugéne Marchand* — Extracto do Boletim da Academia Nacional de Medicina, tomo 18.º pag. 155 — Uma Memoria manuscripta sobre Geologia e analyses de diversas aguas, &c.

Do Sr. *Francisco José da Silveira* — o Jornal Medico Cirurgico e Pharmaceutico de Lisboa, os n.ºs 1, 2 e 3 — um opusculo a Razão e a Justiça — um mappa illuminado com a planta dos caminhos de ferro de Lisboa a Madrid.

Do Sr. *João José de Sousa Telles* — varias porções de terras e minerios.

Do Sr. *José Alexandre Rodrigues* — uma porção de goma do Brasil, denominada Angico, para o Museu da Sociedade.

Do Sr. Dr. *José Joaquim da Silva Pereira Caldas* — Noções therapeuticas sobre o uso e abuso das aguas sulphurosas — Opusculo « Boud ou os tragicos effeitos da Zaira de Voltaire » — collecção de opusculos sobre vaccina, 1 folheto — A carapuça, 1 folheto — Petri Burmani Antiquitatum Romanarum Brevis Descriptio, um folheto — Chrestomathia Franceza e Ingleza, para uso interno dos Estudantes do Lyceu Nacional de Coimbra, 2 folhetos — Reflexões ao opusculo do Sr. Pereira Reis, A Homeopathia o que é e o que vale, 1 folheto — Breves reflexões ao opusculo da Homeopathia, 1 folheto — Sentença que condemna Antonio Vieira Mendes; e varios outros opusculos sobre differentes objectos, bem como um Projecto d'Instrucções disciplinares das 3.ºs Cadeiras dos Lyceus Nacionaes.

Do Sr. *José de Mattos Saraiva*, Aspirante Pharmaceutico — 4 vidros com insectos d'Angola immergidos em genebra, e uma porção de raiz de Jifuca para o Museu da Sociedade.

Do Sr. *José Tedeschi* — o seu Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias, d'Agosto de 1852 a Julho de 1853 — A Esperança n.º 3 — Observador de Coimbra, n.ºs 596 e 607, e o n.º 1:042 da Lei.

Do Sr. *José Timotheo Candido d'Almeida* — uma porção de coral rubro, dita branco, pedra cananor, dita bazar, jacinthos, rubim, zafiras, e cinabrio nativo, para o Museu da Sociedade.

Do Sr. *Lazaro Joaquim de Sousa Pereira* — um frasco com 10 aves immergidas em alcohol para o Museu da Sociedade.

Do Sr. *Vicente Tedeschi* — seis insectos do Pará immergidos em alcohol para o Museu da Sociedade.

RESUMO DO QUADRO ACTUAL DA SOCIEDADE, COM AS ALTERAÇÕES OCCORRIDAS N'ESTE ANNO.

**PROTECTORES.**

SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA D. MARIA II., RAINHA DE PORTUGAL.

SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. FERNANDO II.

FORAM ADMITTIDOS PARA A CLASSE DE

*Honorarios.*

Os SENHORES :

João Ferreira da Silva Oliveira..... *Porto.*  
João José de Sousa Telles..... *Lisboa.*

*Effectivos.* **Farmacêuticos**

Os SENHORES :

João de Sousa Pereira..... *Lisboa.*  
Joaquim José Alves..... *Idem.*  
Raymundo Antonio Caetano Barral..... *Idem.*

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

Francisco José das Neves..... *Angola.*

Francisco Maria Supico.....	Ponta Delgada.
Francisco Ribeiro de Magalhães.....	Lamego.
João Felix Nunes Franco.....	Alemquer.
José Marcellino da Franca.....	Cadaval.

PEDIRAM A SUA DIMISSÃO

*Effectivos.*

Os SENHORES :

Antonio José de Sousa.....	Lisboa.
José Lucio Monteiro.....	Idem.

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

Bento de Barros Freire de Carvalho.....	Porto.
---	--------

FOI DESPEDIDO PELA SOCIEDADE, POR LHE SER APPLICAVEL  
O DISPOSTO NO §. 1.º DO ART.º 21.º DOS ESTATUTOS.

O SENHOR :

Francisco Ignacio de Mira e Rosa.....	Beja.
---------------------------------------	-------

FALLECERAM.

*Honorarios.*

Os SENHORES :

Agustinho Albano da Silveira Pinto (Dr.).....	Lisboa.
Jonathan Pereira.....	Londres.

*Effectivos.*

Os SENHORES :

Antonio Feliciano Lopes.....	Lisboa.
Francisco Martins Coelho.....	Idem.
João de Sousa Brito.....	Idem.

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

Agustinho José da Silva Fructuoso.....	Guarda.
Antonio José Gama.....	Alcacer do Sal.
Antonio Corrêa de Lacerda.....	Maranhão.
Theotónio Lopes d'Oliveira Velho.....	Thomar.

FIGAM EXISTINDO.

Protectores.....	2
------------------	---

Benemeritos.....	12
Honorarios.....	70
Effectivos.....	74
Correspondentes Nacionaes....	205
— Estrangeiros ..	22
<hr/>	
Total	385

**MONTE-PIO PHARMACEUTICO.**

**FIGAM EXISTINDO.**

Effectivos.....	27
Correspondentes Nacionaes....	46
<hr/>	
Total	73

Terminada esta leitura, o Sr. Presidente leu o seguinte Discurso.

SENHORES!

A sciencia, essa filha mimosa da intelligencia divina, que sahira do seio do Eterno, la nos dias da creação, observando que a especie humana fôra condemnada, desde a infancia do mundo, á dura e fatal lei do trabalho, da indagação e das pesquisas, não so para viver, mas tambem para conhecer esse Universo, que lhes fôra dado em patrimonio; abandonou o Eden, onde nascera, e como foragida, envolvendo-se no veo da natureza, foi occultar-se entre milhares de mundos, entre milhares de seres, que cahiram da mão de Deus. O homem pois, a braços com a ignorancia, que o avassalava, e impellido por essa actividade, que Deus lhe inoculara no coração, e no pensamento, actividade, que é a base de toda a existencia, porque é a vida, procurou, e não procurou debalde, a sciencia, que devera ser sua, e que lhe fugira.

Por largos tempos dominaram junctos a imaginação e o dogmatismo cego: crenças, mythos, opiniões erroneas, e vãs fantasmas de sciencias foram nas primeiras edades o patrimonio da intelligencia.

A razão cresceu com a experiencia, e robustecida pela analyse ergueu-se como um pharol em meio de parceis de erros; com o auxilio d'esta luz brilhante a intelligencia, impellida pelas necessidades physicas e moraes do homem, dadiva mimosa da Providencia, e origem de mil gozos, aventurou-se a devassar os arcanos da creação, a estudar a natureza na propria natureza, e meditando aqui, experimentando acolá, ajudada sempre pela analyse e pela synthese, poude formar ideia d'essa filha do Ceu, que por tanto tempo se havia occultado.

E' magestoso, Senhores, ler, na historia do saber humano, a maneira com que se descobriram e formaram as differentes sciencias, os variados ramos do saber humano!! Aqui vê-se o espirito, erguendo-se durante a silenciosa noute até ao Throno de Deus, estudar os astros, contar as estrellas, marcar as constellações, prognosticar eclipses, formar systems; e a Astronomia, como uma feição do Eterno, ou da Sciencia, que é a sua imagem, illuminar a terra, e enriquecer a especie humana. Acolá observa-se que conta os individuos, que mede a extensão, que calcula a força e o movimento; e os nomes de Pythagoras, Euclides, Archimedes, Laplace, e Neuthon ficam a par de Ptolomeu, Copernico, Galileo, Herschel, Lalande e outros. Mais ávante a mesma intelligencia estuda os corpos, observa-lhes as propriedade geraes, aprecia-lhes os phenomenos, decompõe a luz, indaga o calorico, descobre a electricidade, rouba os raios ás nuvens; e a Physica experimental com seus progressos e maravilhas assombra a intelligencia.

Reparai agora, Senhores, como a Chymica, primeiramente escondida no laboratorio do alchymista, apparece á luz do dia, bella e radiante com seus processos e rica de phenomenos! Reparai como ella, constituindo-se um instrumento de analyse, decompõe os corpos, descobre e conta novos elementos; observai como o elevado espirito de Linneo e Jussieu estuda e classifica esses individuos com que a mão liberal da Flora compõe o vasto reino da vegetação, e como a Botanica interessa o saber e recreia o



espírito ! Admirai a elegante penna de Buffon, o estudo analytico de Cuvier, contando aquelle a historia dos animaes ; e aperfeiçoando este a Zoologia. Attendei como o genio da indagação examina a natureza das montanhas, os segredos dos vulcões, as camadas da terra, a formação das minas, e tereis conhecido quantos e quão preciosos thesouros a Zoologia e a Mineralogia offerecem ás Sciencias e á Industria ! E não julgueis que se restringem aqui as raias até onde a analyse leva a sua poderosa influencia ! O homem, como individuo moral e social, tambem é submettido por ella a rigoroso exame ; e muitas sciencias nascem da consciencia e do estado social, observado pela intelligencia. E quão bellas se ostentam por esse mundo as sciencias moraes, as sciencias, que pertencem á vida das nações, e todas aquellas que dão esplendor ao genio e ao viver do homem, não so nas Artes uteis, em todos os ramos da Industria, mas nas artes bellas, imitação da natureza em que o espirito do homem patenteia a sublime origem, donde procede, e em que se torna rival da natureza ? !

O homem physico, o homem no leito da dôr, prostrado pela doença, tambem offerece vasto campo ao genio das descobertas ; e a Pathologia e Therapeutica organisam-se, como por encanto, pedindo á analyse que com o escapello na mão descreva o organismo e as funcções da vida.

E' grato, Senhores, vêr a Medicina e a Cirurgia, como divindades tutelares da humanidade, fazerem calar a dôr, arredarem a doença, vencerem a morte, quebrando-lhe o sceptro sobre a lousa do sepulchro !

Mas cumpre consignar aqui que as sciencias, que o genio d'Hyppocrates descobriu com a sua profunda meditação, seriam inuteis ao homem e á humanidade inferma, se não fossem completadas pela Pharmacia, que lhe realisa os pensamentos, escolhendo, preparando, e subministrando-lhes os agentes, com que ellas combatem a dôr, a doença, e a morte ; com que ellas enchugam as lagrimas á esposa e á mãe, restituindo um filho a seus paes, e á patria um cidadão.

Na verdade, Senhores, nas primeiras edades da Medicina, ella mesma preparava os medicamentos. Com suas proprias mãos os manipulou o grande Hyppocrates; Aristoteles, ainda joven, foi Pharmaceutico; e o tão afamado Galeno, exerceu em Roma esta mui nobre profissão.

Fôra, Senhores, empreza bem superior ás minhas debéis forças esboçar aqui a historia d'esta arte divina, e contar como entre as mãos das Circes, e das Medeyas, dos Melampos e dos Machaons, as substancias narcoticas suspendendo a dôr, e causando o delirio, maravilharam o mundo ignorante e absorto. Fôra tambem impossivel de-vassar os templos dos Egypcios e dos Babylonios, para descrever as preparações pharmaceuticas, occultas com o veo do mysterio, que n'aquelles tempos se usavam na patria de Sesostris e de Cyro, que o vulgo attribuia á magica, e de que ainda se veem os maravilhosos resultados n'essas mumias, que a mão do viajante tem arrancado das ruinas da famosa Thebas, para as vir mostrar á Europa!

Grande havia de ser a perfeição da Pharmacia na patria da primeira civilisação, n'esse Oriente, tão rico de substancias perfumadas e venenosas, n'esse Oriente, aonde a imaginação e o talento sobem a tão elevado grau, e a veneranda tradição passava tão respeitada de paes para filhos; e onde os grandes da terra, como Salomão, Methridates, e outros Reis da Persia e China preparavam medicamentos de composição desconhecida!

As guerras dos Romanos, a invasão dos Barbaros, o incendio da Bibliotheca da Alexandria, levantaram entre nós e a antiguidade um muro de bronze, roubando-nos para sempre essa civilisação oriental, e com ella as formas pharmaceuticas com que os iniciados nas doutrinas de Hermes assombravam o mundo antigo.

Na edade média, n'esse tempo de ignorancia, a Pharmacia era exercida nos claustros pelos Monges, que compunham os medicamentos, debaixo da influencia das lendas e surperstições do tempo. Durante essas eras cavalleirosas as Damas, talvez instruidas pelos Arabes, co-

nheciam a virtude das plantas, e compunham os balsamos para curar as feridas dos seus generosos defensores.

A Pharmacia continuou a ser exercida pelos Medicos Judeos e Arabes, então depositarios das sciencias orientaes, até que a civilisação e a descoberta de novos mundos, dando nova direcção aos espiritos, novo desinvolvimento ás sciencias, que até aqui existiam como na infancia, involvidas nas mantilhas, trouxe á Europa, com molestias novas, larga copia de novos medicamentos.

Por estes tempos, Senhores, avultando ja a Pharmacia, e sendo crescido o numero dos Pharmaceuticos, Carlos VIII., em França, ordenou que elles formassem uma corporação separada dos Medicos e Cirurgiões, ordenação que foi abraçada pelo resto da Europa.

Por conseguinte a lei da divisão do trabalho, tão necessaria para a perfeição das obras da arte, as descobertas de Paracelso, e de Basilio Valentim, o descrédito da Alchymia, o desinvolvimento das sciencias modernas, abriram uma nova epocha de gloria á Pharmacia na Europa.

Assim os nomes de Stahl e Boerhaave serão sempre lembrados na historia da Pharmacia moderna.

Fôra ocioso, Senhores, mencionar aqui, perante vós, tão versados na sciencia que professamos, os nomes illustres dos Pharmaceuticos, que apossando-se, para assim dizer, dos tres vastos reinos da natureza, e ajudados da analyse e da synthese, que lhes subministra a Chymica, tanto teem adiantado as sciencias pharmacologicas com as suas obras, processos, e descobertas relativamente ás tres grandes divisões d'esta grande e mui importante sciencia — extracção dos principios medicinaes — e mistão por methodos simplics ou processos chymicos.

Altiva a Pharmacia, pode erguer a frente na Europa, e ostentar-se tão util, e tão sciencia como as outras sciencias.

Em Portugal, Senhores, como no Estrangeiro, tambem devera ser assim; tambem na patria de Pedro Nunes, e de Garcia de Orta se devera emancipar: e com

effeito emancipou-se, desde que esta Sociedade se ergueu magestosa no Solo Lusitano.

Ha dezoito annos, Senhores, que nós os Pharmaceuticos nos reunimos obedecendo á influencia do seculo, e ás formulas e vantagens da Associação.

Salve pois dia 24 de Julho, dia de gloria e de liberdade para a patria, dia de emancipação para os Pharmaceuticos. Não despregarás tuas azas d'ouro por esse nosso Ceu, tão bello e tão risonho, para te ires sumir la na eternidade, sem ouvir um brado nosso de agradecimento. Sim, Senhores, esse brado é o trabalho continuo d'esta Sociedade, que não tem poupado fadigas para bem merecer da sciencia e da patria. E não é esta uma asserção gratuita, não: pelo contrario bem comprovada está nos nossos Jornaes.

Que nos resta pois, Senhores? Progredir na empresa começada; continuar a levar ávante esta obra de civilisação, collocando-nos na altura da sciencia, e assim merecendo a confiança da humanidade, que muitas e repetidas vezes em nossas mãos deposita todas as esperanças da vida: não descuidando tambem esses soccorros da beneficencia, esse philantropico Monte-Pio, esperança de tantas Viuvas e de tantos Orphaõs, perseguidos pela sorte, e destituídos de haveres, que perderam esposos, e paes, e que eram irmãos nossos, irmãos pela patria, pelas crenças, e pela civilisação. Como nós viveram oprimidos como Classe, e que como nós foram emancipados ha dezoito annos no dia 24 de Julho, dia da inauguração d'esta Sociedade, e de que hoje celebramos a memoria. —

Disse.

Sendo seis horas fechou o Sr. Presidente a Sessão Solemne Anniversaria.

*Manuel Vicente de Jesus,*

2.º Secretario.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 465, de 28 de Julho de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

A's oito horas da noute declarou o Sr. Presidente aberta a sessão; foi lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario disse que seria melhor que a correspondencia ficasse para o fim das eleições, porque ella poderia dar logar a alguma discussão. — A Sociedade deliberou que a correspondencia ficasse reservada para depois das eleições.

O Sr. Presidente participou á Sociedade que, em seu nome, fôra comprimentar o nosso Consocio, o Sr. Miguel Archanjo d'Abreu, por se achar solto e justificado do crime que lhe tinha sido imputado; que egualmente visitara o nosso Consocio, o Sr. Carlos das Dores Lourenço, por motivo de doença; e que ambos estes Srs. muito agradeceram a deferencia da Sociedade.

Procedeu-se á eleição dos Funcionarios da Sociedade, na conformidade do Art.º 14.º dos Estatutos; e ficaram votados para Presidente, o Sr. J. Tedeschi — 1.º Vice-Presidente, o Sr. J. D. Corrêa — 2.º Vice-Presidente, o Sr. J. N. Barbosa — 1.º Secretario, o Sr. H. J. de Sousa Telles — 2.º Secretario, M. V. de Jesus — 1.º Vice-Secretario, o Sr. J. M. Assumpção — 2.º Vice-Secretario, o Sr. S. A. E. Silva — Thesoureiro, o Sr. A. A. R. Oliveira — Vice-Thesoureiro, o Sr. E. R. Oliveira — Bibliothecario-Archivista, o Sr. J. F. Silva — Vice-Bibliothecario-Archivista, o Sr. J. F. Norberto — 1.º Operador, o Sr. J. A. Rodrigues — 2.º Operador, o Sr. J. J. Alves — 3.º Operador, M. V. Jesus — e Substituto da Commissão de Chymica, o Sr. J. M. Andrade Junior.

Para as Comissões Permanentes — de Saúde Publica, os Srs. J. M. Barral, F. J. R. Loureiro, F. F. Assis, e J. C. Oliveira — de Pharmacia, os Srs. J. D. Corrêa, J. Q. Avellar, F. A. A. Azevedo, e J. R. C. Belém — de Physica, os Srs. A. J. Pinto, J. T. Maciel, J. P. H. Barbosa, e J. M. Botto — de Historia Natural, os Srs. J. J.

de Sousa Telles, I. C. Azevedo, M. B. Sobrinho, e J. S. Pereira — e de Direito Pharmaceutico, os Srs. A. Carvalho, P. F. Norberto, J. N. Barbosa, e A. Carvalho Junior.

A Sociedade approvou que os Srs. Delegados e Sub-Delegados continuassem a ser os mesmos Consocios que serviram o anno findo.

O Sr. Presidente propoz que o nosso Consocio, o Sr. Roquete, fosse nomeado Sub-Delegado em Cintra. — Approvado.

Estando a hora muito adiantada, e não sendo possivel fazer-se a leitura da correspondencia, o Sr. Presidente pediu que a Sociedade tomasse alguma deliberação ácerca d'uma analyse chymico-legal pedida pelo Sr. Delegado do Procurador Regio.

O Sr. 1.º Secretario fez a leitura do Officio do Sr. Delegado, e deu alguns esclarecimentos a respeito da analyse pedida.

O Sr. Carvalho Senior foi d'opinião que a Mesa seja auctorizada a fazer o que julgar conveniente, em nome da Sociedade.

Sobre este assumpto ainda fallaram os Srs., Almeida e Telles Junior; sendo approvada a opinião do Sr. Carvalho Senior.

Pelas onze horas fechou-se a sessão.

Manuel Vicente de Jesus,

2.º Secretario.

## Centro de Documentação Farmacéutica da Ordem dos Farmacêuticos

### DIVERSIDADES.

Vlagem pharmaceutica á Exposição universal de Londres, pelo Sr. Dorvault; continuada de pag. 200.

O *matico*, folhas da *stephensia* ou *artante elongata*, especie de pimenteira da America do Sul. Para caracterisar o *matico* diremos que as suas folhas são taes quaes da *digitalis*, tendo as nervuras muito proeminentes, e dotadas de cheiro que lembra ao mesmo tempo o das cube-